



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO E DOUTORADO

FELIPE SILVA BARBOSA

**PARA NÃO REDUZIR A HISTÓRIA A GRÃOS (DE CAFÉ): A IMPORTÂNCIA DO
TROPEIRISMO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NO VALE HISTÓRICO
PAULISTA**

SEROPÉDICA
2026





UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL - PROFHISTÓRIA

FELIPE SILVA BARBOSA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino de História - Mestrado Profissional, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História.

Dissertação aprovada em 04 de maio de 2026

BANCA EXAMINADORA

PROF(a). DR(a). REBECA GONTIJO TEIXEIRA
PRESIDENTE - ORIENTADOR

PROF. DR. CARLOS EDUARDO COUTINHO DA COSTA
MEMBRO INTERNO

PROF. DR. LUIS REZNIK
MEMBRO EXTERNO

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo autor

BB238p Barbosa, Felipe Silva, 1989-
 Para não reduzir a história a grãos (de café): a
importância do tropeirismo para o ensino de história no
vale histórico paulista / Felipe Silva Barbosa. -
Volta Redonda, 2026.
 135 f.: il.

 Orientadora: Rebeca Gontijo Teixeira.
Dissertação (Mestrado). - Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Profhistória - Programa de Pós
Graduação em Ensino de História, 2026.

 1. História Local. 2. Tropeirismo. 3. Vale Histórico
Paulista. I. Teixeira, Rebeca Gontijo, 1968-, orient.
II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Profhistória - Programa de Pós Graduação em Ensino de
História III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA



TERMO Nº256/ 2026 – PROFHIST (12.28.01.00.00.00.79)

Nº do Protocolo: 23083.020195/2026-84

Seropédica-RJ, 05 de maio de 2026.

Nome do(a) discente: FELIPE SILVA BARBOSA

DISSERTAÇÃO submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRE EM ENSINO DE HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - Curso de MESTRADO, área de concentração em Ensino de História

DISSERTAÇÃO APROVADA EM : 04 de maio de 2026

Banca Examinadora:

Dr. LUIS REZNIK, UERJ Examinador Externo à Instituição
Dr. CARLOS EDUARDO COUTINHO DA COSTA, UFRRJ Examinador Externo ao Programa
Dra. REBECA GONTIJO TEIXEIRA, UFRRJ Presidente

(Assinado digitalmente em 05/05/2026 07:40)
CARLOS EDUARDO COUTINHO DA COSTA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptHRI (12.28.01.00.00.00.86)
Matrícula: 2649875

(Assinado digitalmente em 08/05/2026 10:14)
REBECA GONTIJO TEIXEIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
PROFHIST (12.28.01.00.00.00.79)
Matrícula: 1734363

(Assinado digitalmente em 06/05/2026 09:09)
LUIS REZNIK
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 796.530.067-20

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp>
informando seu número: **256**, ano: **2026**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **05/05/2026** e o
código de verificação: **1090192f95**

*A Deus, que me permitiu ser pai e sentir como
é amar incondicionalmente um filho.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente a Deus, que me proporcionou saúde e vigor para completar essa jornada.

Ao meu pai Jorge, marceneiro e minha mãe Enedina, professora. Cito aqui suas profissões porque tive o imenso orgulho de exercer as duas na minha vida adulta e foram através delas que eles puderam me criar.

Agradeço a calma do meu pai, que só de estar em sua presença sempre me faz sentir tranquilo. Por nunca ter me obrigado a trabalhar com ele quando criança, me permitindo sempre estudar e me preocupar somente com isso. Por todo exemplo passado através da sua vida.

Agradeço a agitação da minha mãe, que sempre me fez sentir corajoso por sua inquietação com o comodismo. Que me fez criar o maravilhoso hábito pela leitura e o gosto pelo estudo. Por todo exemplo passado através da sua vida.

Ao meu filho Miguel, a quem eu mais amo nessa vida. Aquele que, com seu sorriso, me faz esquecer todos os problemas e preocupações. Obrigado por ser tão carinhoso e compreensivo com seu pai, meu filhão, meu garotão. Sou imensamente grato e orgulhoso de ser seu pai. Obrigado por me amar.

À minha companheira Sheila Nogueira, mulher que me encanta a cada dia mais. Digna da minha admiração pela coragem, resiliência e empenho. Obrigado por me apoiar sempre, por ter imensa paciência comigo, por me empurrar quando eu não consigo sair do lugar. Obrigado por ter me escolhido para estar ao lado.

Ao Miguel Nogueira, meu querido enteado. Obrigado por me aceitar e por ter tanto carinho e admiração por mim.

Aos meus amados irmãos Daniel e Pietro por todo carinho e torcida. Por me aturarem como o irmão *nerd*. Por todo apoio e momentos de descontração.

À minha orientadora Rebeca Gontijo, por ter me aceitado como orientando. Obrigado pelas instruções magníficas, pelas reflexões extraordinárias e pela paciência sublime. Foi uma honra ter uma historiadora de altíssima sabedoria como a senhora.

Aos meus colegas de graduação Renan e Udemir, do CEDERJ-Unirio, que me incentivaram também no mestrado.

Aos meus colegas de turma do Profhistória. Ana Maria de Paula, Hugo Leonardo Borba e Elbes Lessa, que dividiam a carona de Volta Redonda até o *campus* de Seropédica com deliciosas conversas entre professores. Aos companheiros Rafael Savoia e Mônica Pariz,

que fizeram dupla de trabalho comigo em alguma disciplina. Também aos colegas Marcos Lapa (Marcão), Michele Alves, Janaína Sena, Fabrício Dias e Del Souza, que de alguma forma me ajudaram.

Aos meus amados alunos, todos aqueles que passaram por minhas turmas até o presente momento e os que ainda irei conhecer. Em especial a Karolina Carvalho, guerreira e sonhadora, que brigava com os colegas de turma para que eu pudesse dar aula, que confiou em mim, me apoiou em momentos difíceis e que de aluna virou amiga, em breve colega de trabalho. Obrigado por ter me ensinado o que é ser professor.

A todos os professores do Profhistória da Rural. Em especial o Carlos Eduardo Coutinho (Cadu), que inclusive compôs minha banca de qualificação e me abriu os olhos quanto à diversidade nas tropas. Às professoras Patrícia Bastos de Azevedo e Maria da Glória de Oliveira.

Ao professor Fábio Rosa, coordenador do PPGEduc, que me acolheu em uma disciplina do seu programa e me ajudou a concluir. Também à secretária do PPGEduc, Renata Bastos, por me matricular fora do prazo de inscrição com muita boa vontade.

À Folia de Reis do Sertão da Onça, em especial meu ex-aluno Geovane Rocha, que me ajudaram com a pesquisa sobre a Folia na região.

Obrigado a você Felipe Barbosa, por não ter desistido! Por ter acreditado que a educação melhoraria sua vida. Por ter tido coragem de mudar de vida para fazer o que ama. Obrigado por ser você.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de Financiamento 001.

*“Feliz aquele que transfere o que sabe e
aprende o que ensina” (Cora Coralina).*

RESUMO

BARBOSA, Felipe Silva. **Para não reduzir a História a grãos (de café):** A importância do tropeirismo para o Ensino de História no Vale Histórico Paulista. 2026. 135 folhas. Dissertação em Mestrado - Instituto de Ciências Hhumanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2026. Mestrado profissional de História.

A pesquisa consiste em um estudo da história local como abordagem metodológica no ensino de história. Visa o desenvolvimento de uma proposta pedagógica, em formato de roteiro didático, voltado para história local da região do Vale do Paraíba Paulista, mais em específico a microrregião do “Vale Histórico Paulista”, que abrange as cidades de Silveiras, Queluz, Areias, São José do Barreiro, Arapeí e Bananal. O objetivo é mostrar como a atividade tropeira foi importante para o desenvolvimento e crescimento da região que se tornaria o maior polo produtor de café do mundo, durante boa parte do século XIX. Portanto, este roteiro didático terá como foco o tropeirismo, a fim de apresentar aos alunos como os trabalhadores responsáveis pelo transporte de mercadorias no lombo de mulas tiveram grande importância para economia do Brasil e da região e, além disso, deixaram um grande legado cultural a partir de grande diversidade, que se faz presente ainda hoje no cotidiano dos alunos e moradores do Vale Histórico Paulista. Com o total de oito atividades, o roteiro didático voltado aos anos finais do ensino fundamental deve contribuir para a compreensão da noção de temporalidades pelos alunos e provocar uma maior contextualização nas aulas de história, mostrando que a região em que vivem foi construída e desenvolvida também por trabalhadores mestiços e pobres, não apenas por grandes barões do café.

Palavras-chave: história local; tropeirismo; temporalidades; contextualização

ABSTRACT

The present research consists of a study of local history as a methodological approach in history teaching. It aims to develop a pedagogical proposal in the form of a didactic guide focused on the local history of the *Vale do Paraíba Paulista* region, specifically the "Paulista Historic Valley" micro-region, which encompasses the cities of Silveiras, Queluz, Areias, São José do Barreiro, Arapeí, and Bananal. The objective is to demonstrate how the *tropeiro* activity (muleteer trade) was essential for the development and growth of a region that would become the world's largest coffee-producing hub during much of the 19th century. Therefore, this didactic guide focuses on *tropeirismo*, aiming to present to students how the workers responsible for transporting goods on muleback were of great importance to the Brazilian and regional economy. Furthermore, they left a vast cultural legacy of great diversity, which remains present in the daily lives of students and residents of the *Vale Histórico Paulista*. Comprising eight activities and aimed at the final years of elementary school, this didactic guide intends to contribute to the students' understanding of the notion of temporalities and promote greater contextualization in history classes, showing that the region where they live was built and developed also by mixed-race and poor workers, and not only by the great "Coffee Barons."

Keywords: local history; tropeirismo; muleteers; temporalities; contextualization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vale Histórico Paulista.....	14
Figura 2: Alunos em frente à Escola Municipal de Areias.....	21
Figura 3: Grupo de violeiros de São José do Barreiro se apresenta em Bananal.....	41
Figura 4: Folia Sertão da Onça canta na casa de moradora.....	45
Figura 5: Anúncio da Festa de Reis da Companhia Sertão da Onça em janeiro de 2026.....	46
Figura 6: Mascarados fazem brincadeiras para “distrair Herodes” e as pessoas se divertem..	48
Figura 7: Cartaz da primeira Festa do Tropeiro em Silveiras.....	50
Figura 8: Feijão Tropeiro.....	57
Figura 9: Farofa de Içá servida em restaurante de São José do Barreiro.....	58
Figura 10: Aluna de São José do Barreiro com seu cavalo na zona rural da cidade.....	61
Figura 11: Caminho Novo da Piedade - Final do Século XVIII.....	68
Figura 12 - Garganta do Emabaú vista da Rodovia Presidente Dutra em Cachoeira Paulista..	70
Figura 13: Mapa dos caminhos do Vale do Paraíba no século XVIII.....	71
Figura 14 - Mapa dos caminhos do Vale no início do século 18.....	75
Figura 15: Mulas sendo preparadas para dia de jornada.....	76
Figura 16: Descanso de uma caravana.....	79
Figura 17: Um tropeiro Paulista.....	81
Figura 18: Ilustração do transporte no Século XVIII.....	101
Figura 19: Ilustração do transporte no século XXI.....	101
Figura 20: Exemplo de tropeiro criado por I.A.....	102
Figura 21: Exemplo de imagem de caminhoneiro criada por IA.....	103
Figura 22: Personagem Jeca Tatu.....	107
Figura 23: Personagem Chico Bento.....	108
Figura 24: Formiga saúva (içá).....	114
Figura 25: Exemplo de Mapa Conceitual.....	118

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Densidade demográfica das cidades do Vale Histórico Paulista	21
Tabela 2: Patrimônio Cultural do Vale Histórico Paulista.....	120

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: O VALE HISTÓRICO PAULISTA – ENTRE O PASSADO E O PRESENTE.....	20
1.1 A História Local como mote para ensino-aprendizagem da História	23
1.2 Caipiras do Século XIX e XXI: o meio de continuidade da cultura tropeira	31
1.3 Festividades regionais: expressão da religiosidade e socialização	38
1.3.1 Festa de Folia de Reis	42
1.3.2 Festa dos Tropeiros em Silveiras	49
1.4 Calango: manifestação afro-caipira	51
1.5 Culinária e o trato com os animais: o tempero da afetividade	55
1.6. Patrimônio Cultural Material	62
CAPÍTULO II: A HISTÓRIA DO TROPEIRISMO	67
2.1 Os caminhos no Vale do Paraíba.....	68
2.2 O Caminho Novo da Piedade.....	72
2.3 O tropeirismo no Vale.....	75
2.4 A diversidade nas tropas.....	83
CAPÍTULO III: DE POUSO EM POUSO – O MATERIAL PEDAGÓGICO.....	88
3.1. Atividades.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
REFERÊNCIAS.....	131

INTRODUÇÃO

O Vale do Paraíba costuma ser lembrado por sua imponente durante a hegemonia da economia cafeeira no Brasil.¹ De fato, essa região abrigou algumas das maiores fazendas cafeeiras do país no século XIX e início do século XX. Por conta disso, possui até hoje um grande potencial turístico que gira em torno das marcas deixadas pela lavoura cafeeira². A maior parte das pesquisas históricas realizadas na região do Vale Histórico Paulista está atrelada a essa temática e alguns grupos essenciais para a formação da identidade e cultura local foram pouco mencionados durante o tempo, como os trabalhadores adeptos do tropeirismo (tanto em trabalhos acadêmicos como no ensino básico)³. Este trabalho visa fazer uma abordagem metodológica do ensino de história local na região do Vale Histórico Paulista, abordando a questão do tropeirismo para compreensão da formação das cidades, desenvolvimento da região e reconhecimento e assunção de identidade dos alunos.

A região denominada Vale do Paraíba está compreendida entre o leste do estado de São Paulo e oeste do estado do Rio de Janeiro, englobando o total de 51 municípios, sendo 39 deles paulistas. É assim intitulada por estar situada entre dois conjuntos de montanhas: a Serra da Mantiqueira e a Serra do Mar. No meio dessas duas serras, corre o Rio Paraíba do Sul. Este trabalho irá se concentrar na microrregião do Vale do Paraíba chamada de Vale Histórico Paulista. As cidades englobadas por essa pesquisa foram Silveiras, Queluz, Areias, São José do Barreiro, Arapeí e Bananal.

A seguir, a figura 1, mostra a região destacada no mapa do estado de São Paulo. A região faz divisa com o estado do Rio de Janeiro, através das cidades fluminenses de Barra Mansa, Porto real, Resende e Itatiaia. Muitas dessas divisas são em áreas rurais, sem estradas pavimentadas. A região também faz divisa com Angra dos Reis e Paraty, através da Serra da Bocaina, para essas cidades não há estrada de rodagem.

¹ GAGLIARDI, Clarissa M. R. *Turismo no Vale Histórico paulista: debatendo experiências integradas de ensino, pesquisa e extensão*. São Paulo. 2021. p. 6.

² Ibid.

³ Em minhas investigações, pude notar que a maioria absoluta das pesquisas realizadas na região gira em torno da produção de café, incluindo a economia da região, o escravismo e pouco é citado sobre o trabalho dos tropeiros. Muitos estudos na área de turismo citam o tropeirismo sem aprofundar no assunto. Mas a constatação dessa fraca abordagem é no ensino básico na região, onde os alunos demonstram muito pouco conhecimento sobre o assunto.

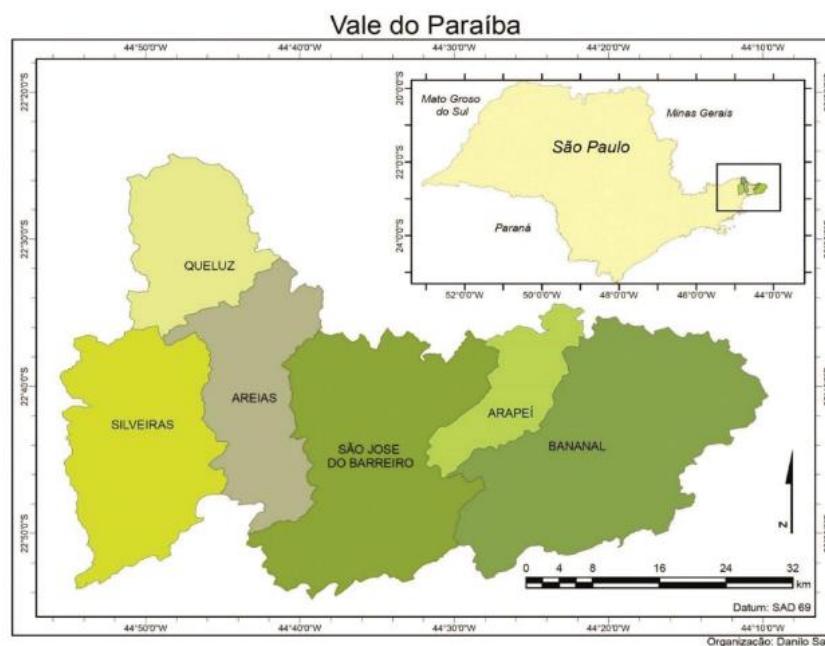


Figura 1: Vale Histórico Paulista. In: PERRONI, Maria Salete. p. 26.

A ideia dessa pesquisa nasceu quando, ao iniciar no Profhistória e cursar as disciplinas básicas e obrigatórias, pude compreender o objetivo do programa. Partindo desse objetivo, que era a criação de um produto voltado ao ensino de história que pudesse contribuir diretamente para educação básica, resolvi analisar a região em que atuava como docente e nela encontrei uma oportunidade de produzir essa contribuição, utilizando a história local do tropeirismo, tendo em vista a falta desse tema nos currículos.

Ao chegar no Vale Histórico em 2022 para exercer o magistério, logicamente não encontrei aquela região populosa, movimentada e de grande importância econômica para o Brasil, como fora no século XIX. Pelo contrário, hoje a região é conhecida como a região das “Cidades Mortas”⁴. As cidades citadas, hoje possuem população muito baixa, poucos serviços públicos e até mesmo privados, com a economia e mercado de trabalho voltado, predominantemente, à atividade rural e com índice de desenvolvimento humano abaixo da média do estado.⁵

Uma das causas do isolamento da região se dá pela inauguração da Rodovia Presidente Dutra, que liga São Paulo ao Rio de Janeiro de forma bem mais rápida e segura do que passando pela Rodovia dos Tropeiros, que é muito sinuosa e estreita.

O trabalho terá como pano de fundo a rodovia que liga as cidades do Vale Histórico,

⁴ Nome do livro de contos de Monteiro Lobato sobre a região. Monteiro Lobato residiu em Areias e escreveu essa série de contos contando a vida na região do Vale Histórico após a derrocada do café.

⁵ Quatro municípios do Vale Histórico (Silveiras, Arapeí, São José do Barreiro e Areias) encontram-se entre as 55 últimas posições, entre os 645 municípios de São Paulo. FONTE: <https://www.undp.org/pt/brazil/idhm-municipios-2010>, acesso em 23 fev 2025.

chamada de “Rodovia dos Tropeiros” ou SP-068. Atualmente, ela tem início no município de Silveiras e se alonga até o distrito de Rancho Grande, em Bananal. Portanto, decidi que os municípios alvos dessa pesquisa e que foram incluídos no roteiro didático são os municípios cortados pela SP-068. Trata-se dos municípios de Silveira, Areias, São José do Barreiro, Arapeí e Bananal.

Ironicamente (talvez), se por um lado a construção de uma nova estrada para ligar as duas maiores metrópoles do Brasil iria diminuir drasticamente a movimentação na região na contemporaneidade, seria uma nova estrada, com funções semelhantes, que faria com que a região fosse desenvolvida e muito habitada durante o século XIX. Refiro-me ao Caminho Novo da Piedade, hoje transformada na Rodovia dos Tropeiros.

A atual Rodovia dos Tropeiros tem sua origem no início do século XIX. Ela surge diante da necessidade de um caminho terrestre que atendesse às crescentes demandas das vilas, freguesias e povoados da região e, principalmente, fosse capaz de fazer um trajeto mais rápido e seguro para o transporte do ouro e outras mercadorias em geral. Esse caminho deveria fazer uma ligação entre as províncias de Rio de Janeiro e São Paulo alternativamente ao transporte marítimo, que apresentava vulnerabilidades aos piratas e saqueadores de ouro. Então, em 1725, Rodrigo César de Meneses, Governador Geral da Capitania de São Paulo na época, manda abrir um “novo caminho”, que seria entre a atual cidade de Lorena, em São Paulo e o bairro de Santa Cruz, no Rio de Janeiro.⁶

Ainda que o Caminho Novo da Piedade não venha ser utilizado para seu propósito inicial, que era o transporte do ouro, o destino ainda reservaria para ele o transporte de outra mercadoria, talvez, tão importante quanto e, a partir desse intenso tráfego de tropeiros viajantes, a região teria a inauguração de vilas e posteriores cidades.

No fim do século XVIII, com a queda na produção de ouro na região de Minas Gerais, o Vale do Paraíba viveu um período de estabilidade demográfica e a região passou a ter, como principal atividade mercantil, a agricultura, dividida em dois principais ramos: a cana-de-açúcar e o café, além de algumas fazendas produtoras de batata, arroz e frutas. A cana-de-açúcar teria grande produção até a década de 1830, sendo desbancada pelo café ao longo do século XIX. É nessa fase que o Vale Histórico irá se destacar. Povoados tiveram crescimento vertiginoso e novas cidades nasceram, todas oriundas de pouso de tropeiros que viajavam pelo Caminho Novo da Piedade.

⁶FILHO, Fadel David Antonio. *Os “caminhos” dos tropeiros e o vale histórico da serra da bocaina (SP): um espaço geográfico “deprimido”*. Revista Geográfica de América Central, vol. 2, julio-diciembre, Universidad Nacional Heredia, Costa Rica. 2011. p. 12.

Falar da criação de novos caminhos que tinham por objetivo o transporte do ouro é essencial para a compreensão da história do Vale Histórico. As chamadas “Estradas Reais”, que foram assim nomeadas por serem rotas oficiais do governo Imperial seriam de grande importância para o desenvolvimento, não apenas para o Vale Histórico, mas para toda região sudeste do país. Como afirmou Francisco Toledo, pesquisador da história valeparaibana:

As estradas reais foram responsáveis por a formação de uma rede viária no centro-sul do Brasil, unindo as capitanias de Minas Gerais, Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro. A sua utilização, além de preencher as funções históricas que lhes deram origem, favoreceu a apropriação de extensa faixa do interior do país e sua integração com a faixa litorânea. Foi elemento preponderante na organização do mercado interno, estimulando o comércio e a economia de diferentes partes da região, tornando-se, com o tempo, o eixo histórico-cultural da nossa e a força centrípeta capaz de alicerçar os sentimentos de nacionalidade e fundar a nação brasileira.⁷

O que é importante lembrar sobre esse assunto é que os alunos da educação básica devem ser estimulados a refletir sobre quem utilizou essas estradas para que todo esse desenvolvimento fosse feito. Claro que uma estrada por si não é capaz de produzir tudo que Toledo descreve, porque para tal são necessários personagens e agentes históricos, que quase sempre são esquecidos de serem citados. Personagens que serão tema principal dessa pesquisa: os tropeiros.

O intenso movimento dos trabalhadores e suas tropas de montaria moveram uma grande estrutura de apoio para a região. A rota do Caminho Novo da Piedade foi considerada como vital para a circulação de bens e mercadorias após sua abertura e junto com ela surgiram muitos ranchos, vendas e casas.⁸ A partir disso surgiram as cidades atuais da região do Vale Histórico.

Os vestígios deixados pela atividade tropeira não seriam apenas uma mudança na economia e na geografia da região, mas também na própria cultura local, pois o tropeirismo desenvolveu uma forma particular de cultura durante o século XIX e carregou essa cultura ao chegar ao Vale Histórico Paulista.

Este trabalho pretende investigar as formas de manifestação dessa cultura hoje em dia entre a população do Vale Histórico e incentivar nos alunos a percepção dessa cultura e incentivá-los a desenvolver uma análise de temporalidades.

Nos dias atuais, através de um olhar histórico e crítico, podemos perceber indícios da cultura tropeira presente no dia a dia da população do Vale Histórico Paulista. Seja na culinária, religiosidade, nas festas típicas ou até mesmo nas formas de tratamento com os

⁷ TOLEDO, Francisco Sodero. *Estrada real: Caminho Novo da Piedade*. Editora Alínea, 2009. p. 21

⁸ Ibid.

animais de montaria.

Importante salientar que a cultura tropeira terá pontos de intersecção com outras culturas ao longo de todo tempo, pois agentes históricos irão se encontrar no Vale Histórico Paulista. A cultura tropeira terá muitos pontos de congruência com a cultura africana, através de escravizados, que eram muito numerosos no Vale durante o século XIX, participando de tropas ou se relacionando nos pousos. Também são perceptíveis muitos cruzamentos com a cultura indígena e europeia. A cultura tropeira contribuiu para a formação dos caipiras, trabalhadores livres e pobres que habitavam as roças da região.

Essa pesquisa irá apontar tais semelhanças e adaptações feitas ao longo do tempo e explicar a importância da apresentação dessas contextualizações aos alunos para um maior interesse e compreensão nas aulas de história. Isso através de um roteiro didático voltado ao professor.

Sabendo que a História da microrregião denominada Vale Histórico Paulista não se limita apenas às fazendas cafeeiras, que predominaram durante um período em particular, urge a necessidade de apresentação de uma proposta pedagógica voltada para a história local na educação básica na região do Vale Histórico Paulista. Com o objetivo de obter maior sucesso na prática educativa através de contextualizações e reconhecimento de identidades culturais locais, essa proposta pedagógica pretende ter como consequência a formação de cidadãos autônomos, que se reconhecem como indivíduos ativos nos processos históricos e sociais do meio em que fazem parte.

Existe hoje nas escolas da região um desinteresse pelo ensino de história por parte dos alunos, pelo fato dos mesmos não conseguirem ver muito sentido na aprendizagem de uma história que não se aproxima de sua realidade social. O Currículo Paulista apresenta objetos de conhecimento que não são adaptáveis à realidade do Vale Histórico. Os livros didáticos adotados pela rede abordam identidades ou culturas que dificilmente podem ser associadas à identidade assumida pelos alunos da região e também não apresentam a história da região. Quando a região é mencionada nesses livros, a referência remete, em geral, ao período cafeeiro, sem a devida citação dos agentes responsáveis pelo transporte do produto. Sendo assim, há uma carência de propostas pedagógicas que possam construir uma relação de temporalidade entre a história local e o contexto social atual dos moradores do Vale Histórico. Para isso é necessário apresentar a história do desenvolvimento do tropeirismo na região.

A falta do tropeirismo no currículo oficial e algumas pesquisas já realizadas na região indicam que os estudantes apresentam pouco conhecimento e baixa identificação com os elementos da cultura caipira, especialmente aqueles relacionados ao tropeirismo,

evidenciando a necessidade de abordagens pedagógicas que valorizem a história local e o patrimônio cultural regional.

Portanto, este trabalho pretende apresentar a importância do ensino de história contextualizado e a história do tropeirismo na região do Vale Histórico Paulista. A partir dessa perspectiva, o alunado poderá identificar, através da discussão sobre as temporalidades fomentada pelo professor, a importância de estudar a história local para compreender comportamentos, hábitos, condutas e costumes praticados ainda hoje e que tiveram origem na construção da identidade tropeira. Além disso, poderá observar como essa construção de identidade foi se modificando ao longo do tempo e ainda continua em constante adaptação. Com essa análise sobre a presença do passado em uma microrregião, supõem-se que será possível estimular um maior interesse dos alunos pela história.

Para não reduzir o tropeirismo ou os adeptos da atividade tropeira a um grupo homogêneo, de trabalhadores brancos do sexo masculino, caindo na armadilha de um “reducionismo étnico-cultural”, do qual esse trabalho pretende fugir, a pesquisa também se preocupou em buscar indícios de diversidade dentro das tropas como, principalmente, a presença de negros, indígenas e mulheres.

É importante que, além de mostrar as evidências dessa heterogeneidade, esse trabalho também possa mostrar a importância que cada grupo tinha para o andamento da atividade tropeira. Isso é de suma importância para que os alunos reflitam sobre essa diversidade e possam se sentir representados através de negros, pardos e mulheres, que muito contribuíram para o tropeirismo e o desenvolvimento da região em que vivem. Suas histórias também contribuem para a compreensão do porquê a região hoje é conhecida pela expressão “cidades mortas”.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo tratará da importância do ensino de história local e também apresentará a região hoje, com o olhar de quem procura a cultura tropeira, ou seja, examinará as continuidades do tropeirismo na região. Isso será feito com destaque para a religiosidade, a culinária, as festas, o trato com os animais e o patrimônio material. Nesse capítulo, procurei discorrer sobre a história local, considerando como ela se faz relevante para apontar as diversidades existentes no Brasil, chamando atenção para sua importância para o reconhecimento de identidade, e seu potencial como ferramenta para ajudar o aluno a despertar maior senso crítico sobre o presente.

O segundo capítulo oferece uma breve história do tropeirismo no Brasil e na região do Vale Histórico Paulista. Demonstra como essa atividade se desenvolveu na região a partir da abertura do Caminho Novo da Piedade, portanto, apresenta a importância deste e de alguns

outros caminhos para a circulação de mercadorias, pessoas, informações e dinheiro, através das tropas de mulas. Esse capítulo também apresenta as contribuições do tropeirismo para o surgimento das cidades que compõem o Vale Histórico. Além disso, descreve as formas de viagens dos tropeiros, a contribuição das mulheres para o tropeirismo e a grande diversidade étnica existente nas companhias de tropas e presentes nos pousos.

O terceiro capítulo trata da apresentação do roteiro didático desenvolvido para ser aplicado no oitavo ano do ensino fundamental nas escolas da região do Vale Histórico, cortadas pela SP-068. O roteiro didático foi desenvolvido voltado ao professor, que tem liberdade para fazer adequações, segundo necessidade da turma em que estiver aplicando as atividades.

CAPÍTULO I: O VALE HISTÓRICO PAULISTA – ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

Este capítulo se dedica a discutir sobre a importância da história local para o ensino-aprendizagem de história e também apresentar a região do Vale Histórico no século XXI com o olhar voltado às influências do tropeirismo, desde o século XVIII.

Graças ao grande fluxo de pessoas e mercadorias, consequências diretas da atividade tropeira, a região do Vale Histórico Paulista irá desenvolver o centro de suas cidades a partir dos pousos das tropas. Durante o século XVIII, grande será a movimentação na região através do Caminho Novo da Piedade, atual rodovia dos tropeiros. Nas primeiras décadas do século XIX, os municípios da região irão iniciar o plantio do café, produto este que fará da região um dos maiores polos de produção no país. É nessa época que a região tem um forte crescimento econômico e populacional.

Claro que a atividade tropeira iria contribuir diretamente para que o café fosse o principal produto nessa região, gerando riqueza. As rotas de transporte, feito pelos tropeiros, seriam essenciais para o escoamento do “ouro verde” e também para alimentos e materiais de construção que serviriam para a construção das vilas. As grandes movimentações de tropas foram umas das causas do povoamento da região. Os novos habitantes, muito deles oriundos do tropeirismo, trazem uma cultura própria, que irá se fazer presente até os dias atuais, com adaptações ao longo do tempo.

Com os tropeiros, chegam festas, crenças, Igrejas, comidas, novas construções e modos de vida caipira.

A região viverá tempos áureos no século XIX, com cidades em destaque na conjuntura nacional. Maria Salete Perroni escreveu que, durante o auge do café, os proprietários de terras se tornariam ricos fazendeiros, chamados de barões do café, com muita influência política. Mas, com o fim da escravidão, em 1888, e o esgotamento do solo, a região sofreu uma queda vertiginosa na produção e entrou em crise, que irá resultar em sua decadência.⁹

Outro ponto agravante para a região tem relação com o projeto de ferrovia que não contemplou as cidades do Vale Histórico. Em paralelo com o declínio da produção cafeeira, devido ao mau uso da terra, os municípios do “fundo do vale” não fariam parte da via principal da estrada de ferro, que passava pelo sul fluminense e ia direto para Queluz e Cruzeiro, seguindo para Cachoeira Paulista, Lorena, Guaratinguetá em direção à capital

⁹ PERRONI, Maria Salete. *Construções históricas no Vale do Paraíba Paulista: caracterização de materiais de alvenaria usados nas edificações com terra*. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. p.8.

paulista. Ou seja, contornou o Vale Histórico¹⁰.

O isolamento do Vale Histórico será definitivo quando a região deixou de ser uma “região de passagem” ligando Rio de Janeiro e São Paulo, após a inauguração da rodovia Presidente Dutra. Por todo decorrer do século XX e início do século XXI a região sofreu uma queda populacional vertiginosa. Um exemplo é o município de Silveira que tinha cerca de 24 mil habitantes na virada do século XVIII para o XIX¹¹ e no último censo, de 2022, apontou um pouco mais de 6 mil habitantes.¹²

Abaixo, a tabela 1 apresenta a população das cidades, a densidade demográfica (pessoas por quilômetro quadrado), o território total e a área urbanizada ambos em quilômetros quadrados, segundo dados do último censo do IBGE em 2022:

Cidade	População	Densidade Demográfica	Território total	Área urbanizada
Bananal	9.969	16,17	616,429	2,41
Arapeí	2.330	14,85	156,903	0,67
S. J. Barreiro	3.853	6,75	570,685	0,75
Areias	3.577	11,72	305,227	0,77
Queluz	9.159	36,72	249,399	2,42
Silveiras	6.186	14,91	414,782	1,40

Tabela 1: Densidade demográfica das cidades do Vale Histórico Paulista. In IBGE, 2022.

Como é possível observar na tabela, o município com maior densidade demográfica é Queluz, com 36,72 pessoas por quilômetro quadrado. Queluz destoa das demais cidades da região, que têm uma média de apenas 12,88 pessoas por quilômetro quadrado. Isso pode ser explicado pelo fato da cidade de Queluz ser a cidade mais próxima da rodovia Presidente Dutra, estando seu núcleo urbano localizado às margens da rodovia e sendo também o mais próximo da cidade de Cruzeiro (região imediata listada pelo IBGE).

Bananal é a cidade com maior número de habitantes, chegando a quase 10 mil. Isso pode ser explicado pela posição geográfica da cidade, que é mais próxima da região industrializada do sul fluminense, estando apenas cerca de 40 minutos de Barra Mansa e 50

¹⁰ ALGATÃO, Filipe Cordeiro. *Os Tropeiros no século XXI e o sentido contemporâneo dessa atividade*: Estudos de caso em duas localidades no Vale do Paraíba e Serra da Mantiqueira. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3663/1/Filipe%20Cordeiro%20de%20Souza%20Algatao.pdf>, acesso em 5 de jan 2025. p. 66.

¹¹ MISATO, Marcelo Takashi. *Desafios da compatibilidade entre o desenvolvimento em áreas dep´rimidas e a proteção da natureza: uma análise dos municípios do Vale Histórico*. São Paulo, 2022. p. 41.

¹² IBGE. [IBGE. IBGE.gov.br/cidade-e-estados/SP/silveiras.html](https://cidades.ibge.gov.br/estados/sp/silveiras), acesso em 15/12/2025.

minutos de Volta Redonda. Isso permite que muitos moradores possam estar e trabalhar nessas cidades sem a necessidade de mudança.

Marcelo Misato descreveu a região, em sua tese de doutorado em ciência sobre os desafios de desenvolvimento na região do Vale Histórico Paulista, como sendo uma região com muitas áreas de conservação ambiental e patrimônios tombados. O autor chamou os municípios da região de “cidades-dormitório”, pois os moradores, principalmente os mais jovens, têm cada vez mais buscado trabalho nas cidades maiores de outras regiões.

O cotidiano dos moradores, em especial dos mais novos, quando permanecem na região, se desenvolve em um eixo pendular entre a moradia e o trabalho, situado em cidades como Resende e Barra Mansa – RJ e Guaratinguetá – SP, com maior aporte de empregos, sendo que as cidades do Vale Histórico ficam como cidades-dormitório.[...] O estigma da região denominada por Monteiro Lobato como de Cidades Mortas ainda persiste nos dias de hoje e se expressa em desigualdades socioespaciais, perdas populacionais, incapacidade de absorção da mão de obra local, deficiência de infraestrutura urbana, exclusão social.¹³

A região do Vale Histórico apresenta uma densidade demográfica bem abaixo da média do estado de São Paulo, que é de 178,92 pessoas por quilômetro quadrado. Também está mais baixa que a média nacional que é de 23,86 pessoas por quilômetros quadrados.

A tabela também revela que a área urbanizada nesses municípios é muito pequena. Grande parte do território da região faz parte do Parque Estadual da Serra da Bocaina, área de preservação ambiental na divisa dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, que abrange os municípios de Bananal, Arapeí, São José do Barreiro, Areais e Silveiras no Vale Histórico, além de Cunha e Ubatuba, municípios que também pertencem ao estado de São Paulo e Angra dos Reis e Paraty, que pertencem ao estado do Rio de Janeiro.¹⁴

A economia, antes liderada pela exportação de monocultura, agora se divide entre poucas esferas. A principal delas, segundo Zanirato, é o setor de serviços e administração pública e o que garante ainda uma circulação de capital no enxuto comércio das cidades são pensões e aposentadorias, além de receitas de programas governamentais, como o ‘Bolsa Família’.¹⁵

¹³ MISATO, Marcelo Takashi. *Desafios da compatibilidade entre o desenvolvimento em áreas dep’rimidas e a proteção da natureza: uma análise dos municípios do Vale Histórico*. São Paulo, 2022. p. 25.

¹⁴ BRASIL. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). *Localização: Parque Nacional da Serra da Bocaina*. Brasília. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/mata-atlantica/lista-de-ucs/parna-da-serra-da-bocaina/quem-somos/localizacao>. Acesso em: 26/12/2025.

¹⁵ ZANIRATO, Silvia Helena. *Ameaças ao Patrimônio Cultural num cenário de mudanças climáticas globais. A experiência no Vale Histórico Paulista*. 2021. Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, v. 19, n. 1, p. 27.

1.1 A História Local como mote para ensino-aprendizagem da História

A finalidade básica do ensino de História na escola é fazer com que o aluno produza uma reflexão de natureza histórica, para que pratique um exercício de reflexão crítica, que o encaminhe para outras reflexões, de natureza semelhante, na sua vida e não só na escola. Afinal de contas, a História produz um conhecimento que nenhuma outra ciência produz e ele nos parece fundamental para a vida do homem-indivíduo eminentemente histórico. O estudo da História nos possibilita aprender a apreender um referencial que nos ajuda na leitura e compreensão da realidade social¹⁶.

José Ricardo Oriá Fernandes resume no que se propõe o componente curricular de história para a educação básica. O bom professor de história tende a levar seus alunos para um local de reflexão e análise de temporalidades, onde se questiona a realidade social através de processos humanos. Como o autor escreveu, essa reflexão deve poder ir para além da escola e se tornar uma prática diária na vida dos alunos. Essa prática se torna mais fácil quando o aluno se compreende como agente ativo na história. E isso se torna possível através do ensino da história local.

Antes, é bom que seja definido o que será considerado como “história local”. Erinaldo Cavalcanti, doutor em história e professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, levantou uma reflexão em seu artigo sobre história e história local, o que seria esse local. Segundo o autor, o termo local pode sofrer relativismos, pois o que pode ser considerado local para determinado grupo de pessoas, pode ser considerado como global para outro grupo¹⁷.

O local, portanto, não sendo algo definido previamente, deve ser estipulado por quem irá analisá-lo. O conceito de local está diretamente ligado à ideia de lugar e espaço. Espaço este, onde irão ocorrer ações dos indivíduos que ali se socializam. Logo podemos concluir que o local pode ser definido como um lugar delimitado de sociabilidades, tendo como ponto central de análise a relação entre os sujeitos nele inseridos¹⁸.

Este trabalho, portanto, delimita o espaço à microrregião denominada como Vale Histórico Paulista. Sendo assim, a história local será trabalhada e refletida tendo como referência de lugar as cidades de Bananal, Arapeí, São José do Barreiro, Areias e Silveira. E as relações sociais ocorridas dentro desse espaço.

Pensar na vida cotidiana da comunidade em que está inserido, tais como os costumes, valores e crenças e relacionar essas práticas com as questões históricas regionais, nacionais e

¹⁶ FERNANDES, José R. Oriá. *Um lugar na escola para a História Local*. Ensino em Re-vista. Uberlândia. V. 4, n. 1, p. 43-51, jan./dez.1995. p. 44

¹⁷CAVALCANTI, Erinaldo. *História e história local: desafios, limites e possibilidades*. Revista História Hoje, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 272-292, 2018. DOI: 10.20949/rhhj.v7i13.393. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/393>. Acesso em: 30 jan. 2026. p. 274-275

¹⁸CAVALCANTI, Erinaldo.op. cit. p. 275

globais ajudam os alunos a despertarem o senso crítico e se transformarem em cidadãos autônomos.

Essa proposta pedagógica não é novidade. Associar a vivência individual ou de pequenos grupos à história geral tem sido objeto de vários trabalhos. Carlos Henrique de Barros, ao escrever sobre ensino de história, memória e história local, afirmou que muitos autores que trabalham com tal proposta buscam analisar os conflitos diários que muitas comunidades enfrentam entre a abertura ao novo e a resistência para manter tradições¹⁹.

O ensino de história local é a porta de entrada para o reconhecimento de identidade. Barros defendeu que a memória torna possível a criação de vínculos entre as novas e antigas gerações. O autor defende que a preservação de laços com o passado é uma espécie de “segurança” que os mais novos têm frente ao futuro desconhecido, pois o conhecimento do passado seria como um manual de instruções. Por isso o ensino de história local, sendo a forma de trabalhar próximo à realidade do aluno, é a “referência para o processo de construção das identidades destes sujeitos e de seus grupos de pertença”.²⁰

Na escola, é essencial, por parte dos alunos e professores, a consciência e reconhecimento da identidade cultural. Freire colocou que uma das missões mais relevantes da “prática educativo-crítica”, seria criar ambientes que propiciem que os alunos e professores obtenham, através das relações, a experiência de assumir sua identidade²¹. Para o autor, não se pode desprezar a questão da identidade cultural, pois ela é fundamental para sucesso da prática educativa²².

Conhecer as origens se torna essencial para a percepção do aluno em relação à construção de sua identidade cultural, para então se tornar um cidadão mais crítico e consciente. Segundo escreveu Freire, é a partir do reconhecimento do indivíduo como um ser social e histórico que ele se desenvolve como um ser pensante, crítico e autônomo²³. O ensino de história local pode contribuir consideravelmente para a percepção dessa identidade, que muitas das vezes foge do conhecimento dos alunos.

O debate sobre história local esteve presente na chamada “escola” dos Annales, ao defender que as experiências humanas também deveriam ser observadas de formas particulares de acordo com singularidades locais e não apenas de forma global. Essa vertente

¹⁹ BARROS, Carlos Henrique Farias de. *Ensino de História, memória e história local*. Criar Educação, v. 2, n. 2, 2013. p. 2

²⁰ BARROS, Carlos Henrique Farias de. op. cit. p. 3

²¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro/São Paulo. 2019. p. 42.

²² FREIRE, Paulo. 2019. op. cit. p. 42.

²³ Ibid.

de análise histórica ganhou grande repercussão na França e, posteriormente, virou alvo de debates no Brasil²⁴.

No Brasil, discussões sobre história local já são realizadas desde a primeira metade do século XX em revisões de currículos escolares. Cavalcanti cita os debates ocorridos em 1930 durante as reformas curriculares. O autor lembrou também que o termo foi citado como importante método pedagógico no Parecer 853 do Conselho Federal de Educação em 1971. No final da década de 1990, a história local foi abordada pelos recém criados Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como um eixo temático a ser desenvolvido em todas as séries da educação básica²⁵.

Um ensino contextualizado contribui com a formação cidadã do aluno. A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) defende que o ensino deva ser adaptado para diferentes contextos sociais, e as mais diversas realidades dos alunos com metodologias e estratégias adaptadas a cada contexto cultural²⁶. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) também orientam acerca do estudo da História local e defendem a percepção de identidade do aluno para construção de sua vida cidadã:

A percepção da alteridade está relacionada à distinção, de modo consciente, das diferenças, das lutas e dos conflitos internos aos grupos sociais ou presentes entre aqueles que vivem ou viveram em outro local, tempo ou sociedade. E está relacionada à construção de uma sensibilidade ou à consolidação de uma vontade de acolher a produção interna das diferenças e de moldar valores de respeito por elas. A percepção do “nós”, por sua vez, está ligada ao desejo de reconhecimento de semelhanças entre o “eu” e “outros”, na busca de identificação de elementos comuns no grupo local, na população nacional ou nos outros grupos e povos próximos ou distantes no tempo e no espaço.²⁷

Logo, o PCN alerta sobre a importância de conhecer e compreender a diversidade dos grupos que foram atores históricos na região do Vale Histórico, e qualquer outra região, para percepção da alteridade dos alunos. Além disso, o PCN mostra a importância dessas aplicações para a formação cidadã dos alunos, como sujeitos autônomos que conseguem compreender a atual situação da região, se enxergando como parte ativa desse processo.

É importante estar atento para que a história local não caia na armadilha de criar heróis ou exaltar grandes personalidades, como fez a historiografia das classes dominantes. Cavalcanti cita Circe Bittencourt para advertir sobre esse descuido:

²⁴ CARVALHO, Carlos Henrique de. *A História Local e Regional: Dimensões possíveis para os estudos histórico-educacionais*. Cadernos de História da Educação, V. 6, 2007. p. 52

²⁵ CAVALCANTI, Erinaldo. op. cit. p. 276-277

²⁶ BNCC, Brasil 2018. Pg. 17

²⁷ BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: história*. Brasília. 1998. p. 35.

A professora e historiadora Circe Bittencourt, [...] destaca, todavia, os cuidados para evitar que a história local não reproduza em escala menor a mesma narrativa de uma história feita pelos “grandes” e “importantes” personagens do poder político e das classes dominantes locais. Nesse sentido, é importante que a história local não se limite a reproduzir, em dimensões micro, o estudo da vida e das atividades de prefeitos e demais autoridades de determinado lugar, por exemplo. Para evitar essas armadilhas, “é preciso identificar o enfoque e a abordagem de uma história local que crie vínculos com a memória familiar, do trabalho, da migração, das festas...” (Bittencourt, 2009, p.169)²⁸.

Esse descuido acabaria descaracterizando o objetivo da história local que é aproximar o aluno ao seu cotidiano e fortalecer sua identidade cultural. Este trabalho se preocupou em realizar justamente o que Bittencourt sugere na citação de Cavalcanti, que é produzir um trabalho de história local criando vínculos entre os alunos e o conteúdo proposto, que aborda festividades, religiosidade, trabalho e práticas do dia a dia.

Olhar para o dia a dia dos alunos a fim de aproximar os objetos de conhecimento à realidade faz com que os estudantes despertem maior interesse e compreensão dos conteúdos. Como já observado, os alunos do Vale Histórico Paulista carecem de um ensino de história que dialogue com o cotidiano. Carlos Henrique Barros explorou as possibilidades que podem ser desenvolvidas dentro do ensino de história local através do eixo temático “história do cotidiano”. Segundo o autor esta é uma excelente ferramenta para despertar nos alunos o reconhecimento de identidade e melhor consciência histórica²⁹.

A história do cotidiano propõe que o conjunto de atividades diárias devem ser inseridas como objeto de estudo escolar para que as transformações sociais sejam observadas não apenas como algo realizado por heróis ou grandes personalidades, mas também com participação do “homem comum”. A transformação da região do Vale do Paraíba, bem como o nascimento das cidades, desenvolvimento, mudanças e continuidades ocorridas foram protagonizadas por trabalhadores pobres, por agentes históricos da vida cotidiana.

Entender que o cotidiano é capaz de realizar transformações históricas é perceber que os alunos são agentes históricos ativos, assim como as pessoas da comunidade a qual pertencem. Barros adverte que para chegar a tal entendimento, os alunos devem ser instigados através de conteúdos coerentes com os objetivos do ensino de história e que dialoguem diretamente com a realidade dos alunos³⁰. No Vale Histórico de São Paulo, o cotidiano da comunidade passa pela cultura tropeira e caipira. Muitas práticas comuns no dia a dia dos moradores têm relação direta com hábitos trazidos à região pelo tropeirismo. Muitas formas de trabalho desempenhado na lida do campo e animais têm técnicas oriundas do movimento

²⁸CAVALCANTI, Erinaldo.op. cit. p. 277

²⁹BARROS, Carlos Henrique Farias de. op. cit. p. 9

³⁰BARROS, Carlos Henrique Farias de. op. cit. p. 10

tropeiro. Conhecer essa herança cultural e saber identificá-la no cotidiano faz com que os alunos compreendam seu papel na história local.

A observação do cotidiano não é para isolar, mas sim para relacionar às histórias locais às maiores estruturas. Barros defendeu que o cotidiano pode ser capaz de estabelecer relações com grandes sistemas políticos e econômicos. O autor explicou que a história do cotidiano pode apresentar grupos marginalizados e excluídos da história tradicional e refletir sobre as ações desses grupos frente às transformações nas estruturas sociais a nível nacional ou global³¹. Quando os alunos do Vale Histórico Paulista analisam a cultura tropeira e caipira, há muito marginalizadas, eles podem refletir sobre como essas culturas influenciam nas transformações a nível da região, do estado de São Paulo e até mesmo do Brasil.

Portanto, para o desenvolvimento da análise crítica, é necessário que o cotidiano do aluno seja conectado aos processos históricos gerais. A cultura tropeira terá ação direta na formação das cidades, na integração regional, no transporte de mercadorias, na culinária, no linguajar e outras transformações ocorridas ao longo do tempo. Quando os alunos conseguem perceber que a cultura, que até hoje têm suas continuidades no cotidiano deles, se reflete nas transformações históricas para além da região, eles podem perceber que são sujeitos históricos ativos e se interessarem mais pelo ensino de história.

Isso faz com que o componente curricular de história seja importante para formação de cidadãos autônomos e reflexivos, que possam compreender sua atuação na vida em sociedade como algo relevante. Barros escreveu que, para que esse estágio seja alcançado, é preciso despertar nos estudantes a percepção de sua identidade. Segundo o autor, a partir da assunção de identidade individual que o aluno poderá relacionar com identidades coletivas e nacionais³².

A escrita da história nunca foi algo exclusivo de historiadores. Um grupo de historiadores da Universidade de São Paulo produziu um trabalho sobre a cultura de história no Brasil analisando o caso da independência. Eles afirmaram que a historiografia vive dentro de um campo de coparticipações e disputas. Escrita com a participação de muitas áreas do conhecimento, desde educadores até artistas, passando por jornalistas, políticos e muitos outros. Como consequência, torna-se um espaço muitas vezes disputado, principalmente entre estruturas de poder que desejam registrar, ensinar e propagar o que é mais conveniente e

³¹Ibid.

³²BARROS, Carlos Henrique Farias de. op. cit. p. 12

grupos marginalizados historicamente que lutam por espaço nas narrativas históricas³³.

Esse tipo de produção historiográfica, que vem desde o século XIX, criou o que alguns teóricos chamam de cultura de história.

A cultura de história pode ser entendida como uma gama de práticas e valores que uma sociedade expressa em seu dia a dia de várias formas. Práticas e valores, estes que foram adotados tendo como referência um passado coletivo. É importante frisar que a cultura de história engloba não apenas as atitudes e maneiras de agir no presente, tendo o passado em comum, mas também a rejeição e silenciamento de determinados passados. Ou seja, há uma seletividade do que será continuado, através de práticas combinadas ou não, por desejos coletivos ou não³⁴.

Portanto, aquilo que foi por muito tempo considerado como uma historiografia oficial (e única) do Brasil prejudicou e ainda prejudica o ensino de história. Essa cultura de história pode ter dimensões regionais, conforme escreveu Pimenta. Essas diferenças ou adaptações regionalizadas podem usar de “diferentes modos de contar, evocar e silenciar conteúdos da história coletiva característicos de cada quadrante espacial dessa unidade nacional, sem, contudo, romper com a unidade que a engloba”³⁵. Ou seja, a cultura de história aprisiona o ensino de história local, o submetendo a uma estrutura historiográfica dominante.

O currículo escolar é moldado a fim de atender uma cultura de história que as estruturas de poder no país desejam propagar. A escola, como instituição do Estado, há muito é utilizada para criar sentimentos patrióticos e disseminar o nacionalismo entre as camadas populares. Para tal, ela precisa focar em um projeto de cultura de história, valorizando e exaltando a história nacional que muitas vezes deixa de lado a história regional e a história local.

O estado de São Paulo tem uma cultura de história que se parece com a cultura de história nacional. Por se tratar de um estado na região sudeste, morada das grandes elites históricas do Brasil e região onde ocorreu a industrialização do país, São Paulo construiu, durante muito tempo, uma historiografia pautada no poder das elites e grupos políticos. Rafaela Molina, professora e pesquisadora da cultura caipira em Areias, escreveu em sua dissertação do Profhistória, que o estado representa uma hegemonia econômica e acadêmica

³³PIMENTA, João Paulo; ATTI, César Augusto; CASTRO, Sheila Virgínia; DIMAMBRO, Nadiesta; LANNA, Beatriz Duarte; PUPO, Mariana; VIEIRA, Luís Otávio. *A Independência e uma cultura de história no Brasil*. Almanack, n. 8, p. 5-36, 2014. p. 5

³⁴PIMENTA, João Paulo; ATTI, César Augusto; CASTRO, Sheila Virgínia; DIMAMBRO, Nadiesta; LANNA, Beatriz Duarte; PUPO, Mariana; VIEIRA, Luís Otávio. op. cit. p. 6

³⁵PIMENTA, João Paulo; ATTI, César Augusto; CASTRO, Sheila Virgínia; DIMAMBRO, Nadiesta; LANNA, Beatriz Duarte; PUPO, Mariana; VIEIRA, Luís Otávio. op. cit. p. 9

do Brasil, favorável às produções de narrativas históricas que o país desejou propagar por muito tempo³⁶.

Sendo assim, nas escolas paulistas, um exemplo do que ganha destaque no currículo e nos livros didáticos é a história dos bandeirantes, taxados como heróis que desbravaram o país levando um suposto progresso e civilização. Molina Paiva afirmou que esse discurso agrada as elites latifundiárias, escravagistas e cafeicultores. Isso desconsidera a perspectiva histórica de populações indígenas, africanas e também de trabalhadores pobres do campo como caipiras e tropeiros. Paiva debateu que essa forma de ensino de história não foi justa com outras regiões brasileiras e outras regiões dentro do próprio estado de São Paulo, que destoam da urbanização e industrialização impostas pela ideia de modernidade criada pela colonização.

O discurso colonizador desloca-se para o interior do estado, fazendo com que a cultura e o modo de produção dos caipiras do interior sejam excluídos do “progresso” histórico, econômico e cultural. Esse grupo social do interior continua vivendo à margem, silenciados e injustiçados em nome de uma modernização e globalização que não tem interesse em modificar a narrativa histórica hegemônica disseminada desde o século XIX³⁷.

Uma forma de fugir da narrativa histórica hegemônica do Brasil e São Paulo é o estudo da história local. A cultura de história, assim como demais culturas, é fortemente consolidada e estabelecida, porém não é estático. Partindo da ideia de que culturas estão em constantes transformações, a cultura de história também não pode ser lida como estática. Ainda que lentas, as transformações ocorrem³⁸.

A história local, nem sempre está submetida a uma história nacional ou global. Ao explorar as vivências, os processos e relações sociais em determinado espaço, o historiador percebe que os agentes históricos naquele local são ativos, sendo assim não se submetem passivamente à cultura de história nacional imposta. Se um dos grandes objetivos do ensino da história local é mostrar aos alunos que eles são figuras vivas e atuantes nos processos históricos, então seria equivocado sempre atrelar as transformações e continuidades ocorridas no bairro, cidade ou região a transformações e continuidades ocorridas nacionalmente e mundialmente.

Sendo assim, o ensino de história local da microrregião do Vale Histórico Paulista aponta justamente para o protagonismo da comunidade que resistiu e ainda resiste à imposição de processos históricos nacionais e transformações capitalistas globais, ou decide

³⁶ PAIVA, Rafela Molina de. *Pelos Caminhos de Oblivion: Representação e Resistência da Cultura Caipira e o Ensino de História*. Garulhos, 2019. p. 28

³⁷ PAIVA, Rafaela Molina de. op. cit. p. 28-29

³⁸ PIMENTA, João Paulo; ATTI, César Augusto; CASTRO, Sheila Virgínia; DIMAMBRO, Nadiesta; LANNA, Beatriz Duarte; PUPO, Mariana; VIEIRA, Luís Otávio. op. cit. p. 8

participar de tais processos. Através da análise da cultura tropeira, o aluno irá perceber que sua comunidade é capaz de fazer escolhas, se mobilizar em prol de um objetivo comum, exercer suas crenças, construir valores, manter tradições e se abrir ao novo. Ou seja, perceberem que eles “têm poder e tensionam as relações, interferindo no processo de construção das histórias”³⁹.

A história local se coloca em um importante lugar para evidenciar as diversidades. Por muito tempo a história ensinada no Brasil foi uma história homogênea, contada por um pequeno grupo. A história local aponta as diferenças regionais, as múltiplas identidades e culturas que se entrelaçaram no Brasil. Com isso, a história local também é capaz de apresentar pontos de vistas de agentes históricos antes nunca analisados, como pessoas comuns, trabalhadores pobres, negros, mulheres, etc.⁴⁰

Este trabalho se preocupou em evidenciar as diversidades que compõem as comunidades do Vale Histórico Paulista. Através do ensino de história local, com foco no tropeirismo, a dissertação irá apresentar como a cultura tropeira e caipira foi sendo transformada ao longo do tempo com participações de diferentes grupos étnicos e diferentes atores sociais.

Cabe ao professor fazer a análise do currículo e projetar o ensino de história local para melhor compreensão e desenvolvimento das habilidades nos alunos. A cultura de história do Brasil tende a ignorar agentes históricos que ainda compõem o Vale Histórico Paulista. Os livros didáticos adotados não apresentam a cultura tropeira e caipira, portanto o professor deve apresentar o tema aos alunos para tentar ir modificando essa cultura de história que prejudica o ensino.

Quando o professor de história evoca narrativas sobre o tropeirismo e a cultura caipira, nas escolas em Bananal, Arapeí, São José do Barreiro, Areias e Silveiras, ele não está apresentando algo estranho aos alunos, mas sim explanando sobre o dia a dia dessa cultura. Por exemplo, quando os alunos comem farofa de içá, montam a cavalo, recebem a folia de reis em casa ou utilizam certas expressões. A explanação da cultura tropeira e caipira no Vale Histórico reforçam a identidade local. Ao colocar essa classe trabalhadora em análise, o professor reforça nos alunos o conceito de pertencimento e identificação com o local em que vivem.

³⁹CAVALCANTI, Erinaldo.op. cit. p. 288

⁴⁰ FERNANDES, José R. Oriá. op. cit. p.46

1.2 Caipiras do Século XIX e XXI: o meio de continuidade da cultura tropeira

A cultura tropeira e caipira foram se moldando ao longo do tempo para atender suas demandas contemporâneas. De acordo com as necessidades, o povo ia se articulando e conseguindo romper as dificuldades. A cultura tropeira e caipira é formada pelo povo pobre, para o povo pobre, que soube absorver o melhor da vida e resistir às mudanças geradas pela globalização.

Os significados dos bens culturais são de total relevância para mostrar como os eventos, que ligavam esses atores, hoje encontram novas maneiras de atender as demandas da sociedade, a comida, a conservação dos alimentos, a permuta são coisas que com o passar dos tempos sofreram alteração para enquadrar aos dias atuais. Porém contar as possibilidades como isso surgiu na região e buscar meios que possam guardar e conservar o conteúdo através de um livro ou repassando o conhecimento aos familiares até mesmo desenvolvendo uma experiência são maneiras de preservar, são formas de cuidar da história de várias famílias e manter vivo um passado que é referência para o presente e futuro.⁴¹

Ou seja, compreender as práticas culturais locais e como elas foram se adaptando ao longo do tempo, resistindo e cedendo a algumas mudanças é um exercício de reflexão importante para os alunos do Vale Histórico.

Os tropeiros desenvolveram técnicas de trabalho e de vivência para atender as demandas e facilitar o dia a dia. Técnicas que iam se aprimorando para agilizar trabalhos, dar mais comodidade nas viagens e cuidar de si e dos animais. Tudo isso com poucos recursos que tinham durante as viagens.

Os tropeiros tinham formas de expressão cultural características que ainda podem ser observadas no atual Vale Histórico Paulista. Natália Mendes, que pesquisou sobre a influência do tropeirismo na identidade, patrimônio e cultura da região de Itabira, em Minas Gerais explicou o que é expressão cultural:

A expressão é a maneira como um grupo de pessoas se comunica usando as características culturais que o envolve o seu cotidiano. Essas expressões podem justificar e associar as pessoas de um determinado grupo identitário ao qual pertence. [...] são elencadas as maneiras como um grupo pode usar para se comunicar com a linguagem visual, oral, escrita ou corporal. O movimento tropeirista segue sendo um grande exemplo de conteúdo cultural e que abrange todos esses setores como produtos e bens culturais.⁴²

Ou seja, as expressões culturais são manifestas de diferentes formas, desde o modo de falar, vestir, celebrar, rezar e comer. A cultura tropeira e caipira é expressa no Vale Histórico

⁴¹ MENDES, Natália Corrêa Araújo. *Tropeirada, do econômico ao cultural: identidade, patrimônio e produtos culturais*. Vila Real, 2019. p. 98-99

⁴² MENDES, Natália Corrêa Araújo. op. cit. p. 102

ainda hoje, com algumas modificações, mas ainda bem viva. A pesquisadora afirmou que os “tropeiros foram responsáveis por introduzir uma cultura, um estilo de vida que ganhou notoriedade”⁴³.

As formas de vestimenta são um indício dessas expressões. Como já mencionado, muitas formas de vivência foram sendo criadas e adaptadas pelos tropeiros a fim de facilitar o labor. Mendes verificou que as vestimentas dos tropeiros serviam justamente a esse propósito. O chapéu para proteção ao sol, as botas para atravessar terrenos irregulares e proteger de animais peçonhentos, camisas de pano forte para proteger do sol, frio e chuva e muitos usavam a chiripá, que evitava muito atrito entre o homem e o animal⁴⁴. Esses trajes, com exceção da chiripa, até hoje são utilizados pelos trabalhadores das zonas rurais no Vale Histórico. Muitos alunos vão para a escola trajados com camisa xadrez, botas e até mesmo chapéu. O modo de vestir é um forte marcador de identidade de muitos moradores da região, que carregam consigo heranças tropeiras e caipiras, como mostrado na figura 2.



Figura 2: Alunos em frente à Escola Municipal de Areias. Foto do próprio autor, 24 set 2025.

Os tropeiros trouxeram consigo também um linguajar próprio que influenciou toda região até os dias atuais. Filipe Algatão informou em sua pesquisa que muito desse linguajar característico girava em torno da lida diária do tropeiro, como os instrumentos de trabalho. Um exemplo colocado pelo autor é a ‘bruaca’, que é um tipo de mala de couro que servia para armazenar mercadorias transportadas⁴⁵. Hoje a expressão, no Vale Histórico, é usada de forma pejorativa para designar mulheres mal-humoradas, no sentido similar a uma “mala sem alça”.

⁴³ MENDES, Natália Corrêa Araújo. op. cit. p. 104

⁴⁴ MENDES, Natália Corrêa Araújo. op. cit. p. 102

⁴⁵ ALGATÃO, Filipe Cordeiro. 2015. op. cit. p. 56

Outros muitos jargões ainda estão presentes e remetem ao período do tropeirismo. A palavra pouso ainda é muito usada para designar local onde o trabalhador irá dormir que não seja sua própria casa; outra palavra muito comum é “arrear”, que significa preparar o animal com selas e arreios. Expressões como “quando um burro fala o outro abaixa a orelha”, que Alгатão afirmou ser uma expressão tropeira, ainda é comum nas cidades do vale⁴⁶.

Com a crescente intensidade do fluxo de tropas pelo Vale do Paraíba, a região passa por um processo de ocupação e sedentarização bem rápida. Filipe Alгатão, que pesquisou sobre as continuidades do tropeirismo no Vale, reafirmou o que este trabalho vem declarando, que o tropeirismo foi fundamental para que esse processo de ocupação acontecesse. Além disso, o autor escreveu que, para além de mercadorias, os tropeiros “levaram consigo uma gama de costumes que terminaria por disseminar um estilo cultural bastante próprio, marcado pelo modo de falar, de comer, de vestir e também de morar”⁴⁷.

Esse estilo de vida tropeiro não pode se dissociar do caipira, pois os dois irão caminhar lado a lado. Filipe Alгатão analisou as duas culturas e encontrou muitas congruências entre elas:

As populações tradicionais brasileiras têm seus modos de vida, valores e crenças permeados pela influência indígena, africana e portuguesa, manifestas na culinária, na religiosidade, nas formas de morar e em sua organização social. O tipo mais alinhado ao tropeiro é o caipira, pela sua própria composição étnica, pois é desse agente social que as vilas e cidades nascidas e desenvolvidas em torno do ciclo do tropeirismo receberam sua influência majoritária.⁴⁸

O autor coloca o tropeiro como um “meio termo” entre os grandes fazendeiros e os caipiras donos de terras. Alгатão afirmou que os grandes fazendeiros e os caipiras derivaram de um agente em comum, que era o bandeirante. Os fazendeiros eram filhos diretos de bandeirantes, segundo o autor, enquanto os demais trabalhadores tinham algum parentesco um pouco mais distante. Outra grande diferença entre os dois estaria nas relações com a terra e as formas de plantio. Enquanto os fazendeiros se propuseram a aplicar a monocultura e trabalho escravo com objetivo de comercialização, os caipiras plantavam e colhiam para sobrevivência de sua família.

Os tropeiros, também oriundos dos bandeirantes, mantiveram o espírito aventureiro e gosto pela caminhada nas matas. Irão se sedentarizar, tal como os fazendeiros somente mais tarde, mas desde sempre irão se assemelhar aos caipiras pelos hábitos de vida simples, sem muitos anseios de enriquecimento⁴⁹.

⁴⁶ ALGATÃO, Filipe Cordeiro. 2015. op. cit. p. 56

⁴⁷ ALGATÃO, Filipe Cordeiro. 2015. op. cit. p. 53

⁴⁸ ALGATÃO, Filipe Cordeiro. 2015. op. cit. p. 77

⁴⁹ ALGATÃO, Filipe Cordeiro. 2015. op. cit. p. 61

Por isso é importante que neste trabalho seja abordada a cultura caipira, pois ela é um mote de continuidade da cultura tropeira ainda viva no Vale Histórico Paulista. Muitos alunos, mesmo sem perceber, reproduzem essa identidade em várias searas da vida cotidiana.

Nos ranchos de tropa, ou também chamados de pousos, ocorriam muitas interações entre os caipiras e tropeiros. Durante o auge do tropeirismo no Vale Histórico, este será o lugar onde essas culturas irão trocar experiências, Alгатão explicou:

Com a expansão do tráfego de tropas na região, surgiram diversos locais de parada para o descanso de animais e de tropeiros, cujos nomes mais conhecidos são rancho ou pouso de tropa. Esses locais eram fixados à beira das trilhas tropeiras, no interior das propriedades ou anexos aos mercados públicos ou armazéns, a uma distância média entre eles de dezoito a vinte e quatro quilômetros, ou entre três a seis léguas (medida mais comum no interior do Brasil à época), o que compreendia uma jornada diária percorrida pela tropa.⁵⁰

Os principais Ranchos iriam virar os núcleos urbanos das cidades que nasceram no Vale Histórico Paulista. Por essa razão a região tem a característica de ter uma distância média de 25 a 30 quilômetros entre uma cidade e outra, pois essa era a distância entre os Pousos.

Os Ranchos seriam um verdadeiro local de trocas multiculturais. O tropeiro, ao chegar em algum Rancho para pousar, trazia consigo produtos para comercialização e, também, muitas informações sobre política e economia do país. Alгатão escreveu que os tropeiros eram uma espécie de elo entre os caipiras isolados e o mundo exterior. O autor afirmou que as tropas traziam novas modas e tendências das grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo⁵¹.

Ainda hoje, os bairros rurais, mais isolados, são dependentes dos “ranchos” (núcleos urbanos). Os moradores do bairro Rancho Grande, Sertão da Bocaina, Cerâmica e Três Barras fazem do centro de Bananal o seu atual “rancho”, onde buscam informações e trocas comerciais. Em Arapeí ocorre o mesmo com os moradores dos bairros Campo Alegre e Barreiro de Baixo, em São José do Barreiro com moradores dos bairros de Formoso, Bairro da Onça, Bocaina, Vargem Grande e Vila Santana, em Areias com os moradores dos bairros de São Benedito das Areias, Bairro dos Pintos, Bairro do Porto e Sapezal e em Silveiras com os bairros dos Macacos, do Bom Jesus e Pinhal do Turvo.

Muitas das vezes o principal meio de transporte entre esses bairros e o núcleo urbano é o cavalo, ou até mesmo a pé. Muitos alunos moram nessas regiões, e claro, vão para a escola com o transporte escolar. Em regiões de difícil acesso quando chove, os alunos não

⁵⁰ ALGATÃO, Filipe Cordeiro. 2015. op. cit. p. 54

⁵¹ ALGATÃO, Filipe Cordeiro. 2015. op. cit. p. 84

conseguem chegar na escola, já que o transporte não consegue chegar às moradias devido às condições da estrada.

O Vale Histórico Paulista é predominantemente rural, sendo assim, um excelente campo de pesquisa para a cultura caipira. Cultura esta que foi impulsionada no Vale Histórico com a chegada do tropeirismo. Antônio Cândido afirmou que as zonas rurais, onde se estabeleceram o homem caipira, foram formadas em torno dos caminhos dos tropeiros e o tropeirismo foi essencial para abastecer essa zona rural, não apenas de mercadorias, mas também de influências culturais⁵².

Marcela de Lima definiu, em seu artigo sobre canção caipira, o que seria o caipira:

Não se trata de uma raça, e sim de uma cultura caracterizada por uma vivência marcada pelo isolamento dos bairros rurais, pelo trabalho doméstico, do qual tomam parte família e vizinhos – fator que reforça o isolamento e a auto-suficiência dos bairros rurais; pela posse da propriedade que atribui certa estabilidade a esses bairros; pela grande margem de tempo para o lazer, e por fim, pela disponibilidade das terras capaz de propiciar, em tempos de crise, sempre novos espaços para a reinstalação e permanência dessa cultura caipira.⁵³

Logo, esse isolamento, durante muito tempo teve o tropeirismo como uma ponte de ligação entre esses locais e o resto do mundo. Hoje, no Vale Histórico, a região ainda é considerada isolada. Até mesmo os núcleos urbanos têm uma imensa dificuldade de ligação com regiões mais urbanizadas, pois o transporte coletivo é precário e as cidades são distantes entre si.

A densidade demográfica da região é muito baixa, comparada à média do estado e também do país, assim como a área urbanizada, como já apresentado neste trabalho. Isso reforça a afirmação de isolamento da região.

Lembrar o caipira é lembrar o tropeiro, e vice-versa. As duas identidades estão ligadas e inclusive são ignoradas constantemente pela historiografia tradicional e livros didáticos. Rafaela Molina escreveu sobre a necessidade de abordar a temática caipira no ensino de história na região, sobre a qual podemos incluir também a temática tropeira.

Por séculos, diversos sujeitos históricos foram calados, tiveram suas histórias silenciadas por um discurso dominante e uma narrativa histórica hegemônica que representava somente as elites, os políticos, as instituições, os grandes fazendeiros, os bandeirantes e os homens brancos. Apesar de todo o silenciamento, as histórias dos negros, dos indígenas e das mulheres nunca foram esquecidas, e

⁵² CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do rio Bonito*. Livraria Duas Cidades. São Paulo, 1971.

⁵³ LIMA, Marcela Telles Elian de Lima. *Moderna canção caipira e cultura política conservadora*. In: ANAIS DO ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E LIBERDADE (ANPUH-SP), XX, Franca, 2010. disponível em : <http://legacy.anpuh.org/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Marcela%20Telles%20Elian%20de%20Lima.pdf>, acesso em: 18/12/2025. p. 1.

as histórias do caipira também não podem ser. Quando se trata do estado de São Paulo, mais especificamente do interior do Vale do Paraíba paulista, é a história dos caipiras que foi submetida ao silêncio da historiografia. No entanto, a cultura caipira permanece viva no interior, faz parte do cotidiano e da história local vivida por milhares de crianças e jovens.⁵⁴

Além de reforçar a importância do ensino de história contextualizado à região, a autora atesta a permanência da cultura caipira no cotidiano do Vale até os dias atuais, o que consequentemente reforça ainda mais a ideia da permanência da cultura tropeira, estando as duas intimamente ligadas. Portanto, o que a autora afirma sobre o caipira, também pode ser dito sobre o tropeiro.

É importante ressaltar que a cultura tropeira e a cultura caipira, apesar de muitos pontos de similaridade com o passado, sofreram e ainda sofrem modificações ao longo do tempo. Stuart Hall escreveu sobre as constantes mudanças nas culturas. Segundo Hall, a cultura popular sempre viveu dentro de uma batalha permanente e dialética e não se pode reduzir a cultura popular no resultado absoluto do que as forças hegemônicas determinaram que ela fosse, pois isso seria colocar o povo como agente passivo e sem relevância alguma no processo de construções e transformações daquilo que é dito popular.⁵⁵ O autor também defendeu que não é aceitável tachar de cultura popular apenas aquilo que resistiu heroicamente às interferências do capitalismo e de outras forças de poder. Acreditar nisso seria acreditar em um heroísmo fantasioso, pois assim estariam sendo ignoradas as relações essenciais do poder cultural: a dominação e a subordinação⁵⁶.

Molina Paiva reafirma essa ideia em sua pesquisa. Ao falar sobre a cultura caipira que se estabeleceu em torno do Caminho Novo da Piedade, a autora afirmou que essa cultura também vem sofrendo modificações ao longo dos séculos: “A cultura caipira de hoje, século XXI, não é a mesma do século XVI ou do século XIX”. Sendo assim, cabe ao professor direcionar a análise das temporalidades para que os alunos consigam perceber as continuidades e mudanças dessa cultura.⁵⁷

No Brasil, foi criada uma imagem estereotipada do caipira como preguiçoso, atrasado e ignorante. Essa imagem negativa faz com que muitos jovens tentem fugir da assunção dessa identidade (ainda que a pratiquem). Criticar esse senso comum sobre a representação do caipira é essencial.

Quando a maior parte das pessoas pensa em um caipira, vem à mente a imagem da

⁵⁴ PAIVA, Rafela Molina de 2019. p. 49.

⁵⁵ HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte. 2003. p. 237.

⁵⁶ HALL, Stuart. 2003. op. cit. p. 238-239.

⁵⁷ PAIVA, Rafela Molina de. 2019. op. cit. p. 54

personificação criada por Monteiro Lobato. Benildo de Menezes citou que o personagem “Jeca Tatu”, criado por Lobato no início do século XX, ainda alimenta o imaginário da maioria dos brasileiros até hoje. Segundo Menezes, Lobato pinta uma caricatura preconceituosa e racista do caipira: um ser totalmente contrário às formas de desenvolvimento, preguiçoso, seminômade por depender da coleta de frutos e pescaria, dominado por vícios, fora dos padrões de beleza e melancólico⁵⁸.

Monteiro Lobato, ao criar essa imagem, atendia a uma classe dominante que tinha como interesse ridicularizar a resistência desses trabalhadores do campo diante da ordem capitalista que vinha sendo imposta no Brasil. Molina defendeu essa ideia, afirmando que o fato deles se negarem a trabalhar para fazendeiros e barões do café, perdendo grande parte de sua autonomia e tempo, em um regime de trabalho exploratório foi uma das razões da criação dessa imagem de “preguiçosos, vadios, ignorantes e refratários à ‘evolução’ capitalista”⁵⁹.

Outro fator determinante para criação de um estereótipo negativo do caipira era o racismo. No início do século XX, quando havia teorias de embranquecimento da população brasileira, o caipira aparecia como a representação da miscigenação da população e foi considerado como um “elemento nacional”, como Molina escreveu. Segundo a autora, o fato do caipira ter ascendência dos nativos indígenas e negros africanos fazia dele um ser alvo de racismo e preconceitos que eram, à época, naturalizados no país⁶⁰.

É de suma importância lembrar que tropeiros, caipiras e fazendeiros não eram os únicos habitantes do Vale Histórico no século XIX, e tão pouco os únicos frequentadores dos ranchos e pousos. Negros africanos escravizados também faziam parte de contexto de trocas culturais que se davam nessas paradas. Eles também foram agentes históricos que contribuíram diretamente para a formação da cultura presente hoje na região e os alunos precisam fazer essa reflexão.

O crescimento demográfico do Vale Histórico Paulista durante o século XIX teve relação direta com a produção de café em regimes de *plantations*, onde a mão de obra escravizada era o sustentáculo das produções. Com isso, a região tem uma porcentagem grande de pessoas negras. Com o fim da escravidão, muitos ex-escravizados irão levantar morada em bairros mais afastados dos núcleos urbanos. Sem direito à terra e sofrendo com o racismo irão se marginalizar em zonas rurais, assim como os caipiras.

Cristiano Calil Alves, pesquisador da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,

⁵⁸ MENEZES, Benildo Machado de. *Moda de viola: a autêntica música caipira*. 2002. p. 10

⁵⁹ PAIVA, Rafela Molina de. op. cit. p. 60-61

⁶⁰ PAIVA, Rafela Molina de. op. cit. p. 68

estudou os impactos do racismo na educação na cidade de Bananal e afirmou que essa prática foi comum na região e, ainda nos dias atuais, existem bairros afastados que são predominantemente habitados por pessoas negras e pardas⁶¹. Isso se repetiu em todas as cidades do fundo do Vale.

Logo, o caipira não pode ser lido apenas como uma pessoa branca. Negros, pardos e mestiços compõem essa identidade. Inclusive, as culturas africanas irão influenciar diretamente no desenvolvimento da cultura caipira valeparaibana, como o exemplo do Calango, que será citado a seguir. É muito importante que os alunos não criem a imagem de uma identidade caipira branca, mas sim uma identidade multiracial, como de fato ela é.

O tropeirismo sofre a mesma marginalização com o avanço da produção capitalista no setor dos transportes. Alгатão afirmou que, com o advento das estradas de ferro e de rodagem, o tropeiro foi sendo esquecido e sua cultura deixada de lado⁶².

Como o caipira e o tropeiro são duas identidades e culturas muito associadas, o estereótipo negativo dado ao primeiro pareceu se estender ao segundo. Assim como os jovens do Vale Histórico não se reconhecem e assumem a identidade caipira, também não reconhecem a cultura tropeira.

Uma pesquisa realizada por Molina Paiva em 2016 constatou que a maioria dos jovens que vivem no Vale Histórico não conseguem reconhecer a cultura caipira na qual estão inseridos⁶³. Esse levantamento reforça a importância do ensino de história local, com uma atividade voltada para o tropeirismo e sua influência cultural na vida da população do Vale Histórico, ambos importantes para o desenvolvimento da região, na medida em que promovem a cidadania e o direito à história.

1.3 Festividades regionais: expressão da religiosidade e socialização

Por todo Brasil, as festas populares apresentam significados que contam histórias, professam religiosidade e mantêm vivas tradições centenárias. Muitas festas tradicionais que ocorrem até hoje surgiram como forma de agradecimento (à natureza, aos deuses, aos santos,

⁶¹ ALVES, Cristiano Calil da Costa. *Racismo estrutural e os reflexos educacionais na cidade de Bananal-SP*. Seropédica, 2023. p. 25. Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/bitstream/20.500.14407/18389/1/2023%20-%20CRISTIANO%20CALIL%20DA%20COSTA%20ALVES.pdf>, acesso em 6 jan 2026.

⁶² ALGATÃO, Filipe Cordeiro. 2015. op. cit. p. 83

⁶³ PAIVA, Rafela Molina de. op. cit. p. 66

a entidades etc.) e comemoração após uma colheita e até mesmo pedido de proteção e bênçãos para as próximas labutas⁶⁴.

As festas e celebrações são importantíssimas para que haja a continuidade e a renovação da cultura. Natália Mendes pesquisou sobre as continuidades da cultura e identidade tropeira nos dias atuais e constatou que as celebrações realizadas pelos tropeiros, nas paradas e pousos, foram essenciais para que suas práticas e costumes fossem passados de forma lúdica e a continuidade dessas celebrações no dias atuais ainda é uma forma de manter viva a cultura e identidade tropeira⁶⁵.

Além disso, festas populares sempre foram formas de reforçar laços de coletividade, ajuda mútua, interação social e até mesmo forma de resistência. Aliny Lourenço, que pesquisou sobre a Folia de Reis de São José do Barreiro, escreveu que as festas podem integrar diferentes formas de manifestações culturais e étnicas como cantos, danças, proclamação de poesias, interpretações teatrais e símbolos particulares. Segundo Lourenço, tudo isso contribui para que o festejo seja uma forma de estimular a memória coletiva e afetiva dos grupos participantes, logo conclui que a “festa é geradora de memória e identidade”⁶⁶.

Rafaela Molina escreveu que as festas e os cultos religiosos realizados no Vale Histórico Paulista eram o “ápice da vida social do caipira”⁶⁷. Por ser uma região de isolamento, principalmente nas áreas rurais, era através das festas que havia uma interação entre os membros da sociedade. Era nas festas que se manifestava a socialização.

As festividades no Vale Histórico sempre foram realizadas através de contribuições e esforços da comunidade que se unia em prol de um objetivo comum. Logo, as festas foram, além de responsáveis por fomentar a memória e representar a identidade, um exercício de solidariedade. Segundo Molina, isso seria uma marca que ficaria até os dias atuais na cultura caipira e, graças a essa solidariedade, muitos moradores do sertão puderam desenvolver sua sobrevivência resistindo ao modelo capitalista de exploração nas fazendas⁶⁸.

Assim como ocorrem mudanças constantes nas culturas, é importante destacar que as festividades também se alteram com o passar do tempo. Daira Botelho, que pesquisou sobre a transmissão de conhecimentos, histórias e tradições através da festa dos tropeiros na cidade de

⁶⁴ BOTELHO, Daira Renata Martins. *Festa do Tropeiro em Silveira: uma abordagem folkcomunicação*. Bauru, 2012. p. 67

⁶⁵ MENDES, Natália Corrêa Araújo. *Tropeirada, do econômico ao cultural: identidade, patrimônio e produtos culturais*. Vila Real, Portugal, 2019. p. 99

⁶⁶ LOURENÇO, Aliny Cristina. *A Folia de Reis em São José do Barreiro: Recurso Cultural Brasileiro*. São Paulo, 2014. p. 37

⁶⁷ PAIVA, Rafaela Molina de. 2019. op. cit. p. 59

⁶⁸ PAIVA, Rafaela Molina de. 2019. op. cit. p. 59

Silveiras, afirmou que, com o passar do tempo, as festas deixaram de ter o caráter único de agradecimento, súplicas e lazer para também atuarem como formas de manifestação contrária ao regime imposto pelas elites de seu tempo⁶⁹. Portanto, segundo a pesquisadora, as festas também têm um forte caráter comunicativo onde líderes de comunidades e os próprios moradores podem mandar mensagens específicas e particulares.

Além disso, também não podemos ignorar que muitas mudanças nas festividades são adaptações a transformações das realidades socioculturais e econômicas ocorridas com o passar do tempo. E claro, do sincretismo multicultural ocorrido na formação da sociedade brasileira contemporânea.

No decorrer do período colonial brasileiro, muitas festas oriundas de Europa e África sincretizam com culturas indígenas. Aliny Lourenço ainda afirmou que os momentos de festividade foram as primeiras formas de socialização entre indígenas brasileiros e colonizadores portugueses⁷⁰.

No Vale Histórico não é diferente. As festas tradicionais tiveram início com objetivos de solidariedade e cultos religiosos, onde os moradores podiam obter momentos de descanso e socialização. Daira Botelho apresentou em seu trabalho duas vertentes para classificar as festas populares. Uma delas é festa urbana e, a outra, a festa camponesa tradicional, que foi definida pela autora da seguinte forma:

[...] têm em seu cerne elementos como a ruptura do tempo normal; caráter coletivo, compreensivo e global, pois abrange todos os elementos que a envolve; geralmente realizadas ao ar livre; caráter institucionalizado, ritualizado e sagrado; caracterizada como festa-participação e não festa-espetáculo; dependência do cenário rural⁷¹;

Podemos claramente concluir que as festividades do Vale Histórico se encaixam dentro dessa classificação. As festividades tradicionais da região incluem a festa dos Tropeiros, as festas da Folia de Reis, festa do Divino Espírito Santo e festas dos padroeiros das respectivas cidades. Todas essas festas trazidas junto com a cultura tropeira e caipira que se instaurou no Vale, dentro das quais podemos ainda notar indícios dessas culturas como cavalgadas, procissões, cantos de viola, calango e comidas típicas. Nesse trabalho iremos tratar da festa dos tropeiros e das festas de Folia de Reis.

Sendo os caipiras um grupo mestiço, como já citado anteriormente, essa mestiçagem irá se manifestar por meio das festas produzidas por eles. Aliny Lourenço citou as influências africanas nas festividades religiosas de irmandades e confraria. A autora afirmou que as

⁶⁹ BOTELHO, Daira Renata Martins. op. cit. p. 68

⁷⁰ LOURENÇO, Aliny Cristina. op. cit. p. 41

⁷¹ BOTELHO, Daira Renata Martins. op. cit. p. 68

pessoas pardas que participavam das festividades religiosas de origem europeia aproveitavam o espaço para incorporar também tradições de África⁷².

Uma celebração festiva muito comum nos pousos era a “roda de viola”. Natália Mendes compara o violeiro da tropa ao cozinheiro, porque ambos tinham a missão de proporcionar um afago nos momentos de descanso das tropas. Tanto a comida, quanto a música teriam por finalidade recarregar as forças dos tropeiros depois de um dia exaustivo. A pesquisadora afirmou que a roda de violão é outra manifestação cultural que exemplifica uma celebração passada através dos ensinamentos populares⁷³.

A música cantada era, em grande parte, sobre a vida no campo, a rotina dos trabalhos, sobre a natureza, os animais ou contava histórias engraçadas. Hoje a música sertaneja mais consumida pelos jovens é o “sertanejo universitário”, que possui diferenças em relação ao sertanejo tradicional das rodas de viola. Mas, no Vale Histórico ainda há violeiros que mantêm viva as tradições das rodas de viola. Atualmente, a mais organizada é em São José do Barreiro, que realiza todo ano um festival de viola caipira e comida tropeira. A cidade tem um grupo chamado “Marginália caipira”, que é composto por jovens que aprendem a tocar instrumentos entre si e se apresentam nas festividades da cidade.

Antes, a característica celebração da roda de viola era ter o violeiro no centro, hoje algumas mudanças podem ser percebidas como a incorporação de novos instrumentos como o violão, a sanfona e a percussão. A maioria das apresentações é feita em palcos e não mais em rodas como tempos passados, como apresentado na figura 3.



Figura 3: Grupo de violeiros de São José do Barreiro se apresenta em Bananal. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2023/01/26/sao-jose-do-barreiro-realiza-festival-de-viola-caipira-e-comida-tropeira-veja-programacao.ghml>, acesso em 18 jan 2026

⁷² LOURENÇO, Aliny Cristina. op. cit. p. 44

⁷³ MENDES, Natália Corrêa Araújo. op. cit. p. 99

1.3.1 Festa de Folia de Reis

Folia de Reis é uma festa popular realizada em todo território nacional desde a colonização portuguesa no Brasil. Com diferentes variações a depender da região, a Folia de Reis manifesta religiosidade e características culturais do povo brasileiro.

A festividade retrata a viagem dos três Reis Magos até Belém para visitar o recém-nascido Jesus. Segundo a tradição cristã, esses Reis Magos são guiados até o local em que está Jesus por uma estrela. Ao chegar, presenteiam Jesus com ouro, incenso e mirra.

Um grande exemplo de sincretismo nas festas religiosas é a Folia de Reis, que mistura catolicismo com elementos da cultura africana e até indígena. Lourenço afirmou que uma festa africana seria de grande importância para influenciar na Folia de Reis: a festa de coroação ao Rei Congo, ou congada⁷⁴.

O dia de Santos Reis é comemorado em 6 de janeiro. Nesta data, em 1548, é fundada na cidade de Natal, estado do Rio Grande do Norte, o Forte dos Reis Magos, que Lourenço considera como o marco da cultura de adoração aos Santos Reis no Brasil. Anexo ao Forte foi também erguida uma capela em devoção aos Reis Magos, chamada de Capelinha dos Reis Magos⁷⁵.

A celebração de Santos Reis na região do Vale Histórico Paulista também é muito antiga e a região possui alguns grupos de Folia de Reis centenárias. Em geral, as Falias de Reis no Vale Histórico iniciam suas atividades já nas primeiras horas do dia 25 de dezembro, com visitação a alguns lares já na madrugada do dia 24 para 25. E encerram sua jornada entre os dias 5 e 6 de janeiro, data em que geralmente iniciam-se as festas.

Pode acontecer de algumas companhias partirem para a jornada alguns dias antes do dia 25 de dezembro, como é o caso da “Folia do Divino Espírito Santo” de São José do Barreiro, que costuma antecipar a saída, já que muitos de seus membros só podem participar durante o final de semana ou à noite, então iniciam suas atividades antes do Natal para dar tempo de visitar todos os lares. Outra razão que Lourenço apontou em sua pesquisa é o fato de terem mais tempo para arrecadar fundos para as festividades. Um fato apontado pela pesquisadora é que no “sertão” as pessoas costumam doar muitos animais, o que facilita fazer

⁷⁴ LOURENÇO, Aliny Cristina. op. cit. p. 44

⁷⁵ LOURENÇO, Aliny Cristina. op. cit. p. 68

as comidas da festa, enquanto no núcleo urbano as doações são geralmente em dinheiro e quantias baixas⁷⁶.

A chamada ‘Jornada’, ou giro, é o desfile da Folia pela comunidade que para em algumas casas para tocar e cantar. A jornada representa a viagem dos Três Reis Magos para encontrar Jesus e os integrantes da Folia aproveitam a jornada para arrecadar fundos para a festividade, seja em dinheiro ou doação de alimentos. Os lares que os recebem aguardam com um pequeno altar montado com um presépio representando o nascimento de Jesus. Aliny Lourenço escreveu como os foliões de São José do Barreiro organizam esse presépio para início da cantoria:

É nessa configuração que a cena é representada nos presépios: os três Reis chegando em fila para se prostrarem diante do menino-Jesus; em primeiro lugar, mais próximo à manjedoura, o rei de barbas longas, Melquior, ajoelhado, oferecendo o ouro; logo atrás vem o mais jovem, Gaspar, com o incensário nas mãos e, por último, o Rei negro, Baltazar, trazendo uma caixa com a mirra. Para cantar diante do presépio, os foliões de Reis, em São José do Barreiro, arrumam as imagens nessa ordem, pois só então, segundo eles, podem começar a cantar.⁷⁷

Isso demonstra o rigor metódico que os integrantes têm para com esta representação cultural-religiosa, pois a Folia de Reis é para eles algo sagrado que merece grande respeito. Inclusive a pesquisadora registrou que, durante seu trabalho de campo, pode observar que a grande maioria dos foliões não se refere à Folia de Reis como “folia”, já que esta denominação pode ser associada à baderna, bagunça ou até mesmo à festa do Carnaval. Para evitar isso, os foliões preferem usar os termos como “companhia” ou apenas “Reis” ao referenciar o seu grupo⁷⁸.

Através de uma pesquisa de campo, constatee a existência dos seguintes grupos de Folia de Reis nas cidades de Silveiras, Areias, São José do Barreiro, Arapeí e Bananal: Folia de Reis da Família Santos, Folia de Reis de São Benedito das Areias, Folia de Reis Sertão da Onça, Folia de Reis Serra da Graúna, Folia de Reis do Divino Espírito Santo, Folia de Reis de Formoso.

Eu acompanhei, durante um dia de jornada, a Folia de Reis Sertão da Onça. Nascida no fim do século XIX, de acordo com relatos orais, no Bairro da Onça, conhecido popularmente como “sertão da onça”. Esse bairro se situa no meio da serra da Bocaina, há cerca de 40 quilômetros do centro de Bananal. Também há acesso para esse bairro por Arapeí e São José do Barreiro, além de Angra dos Reis e Paraty. Tive oportunidade de acompanhar as toadas no núcleo urbano de Arapeí e conversar com alguns membros.

⁷⁶ LOURENÇO, Aliny Cristina. op. cit. p. 77

⁷⁷ LOURENÇO, Aliny Cristina. op. cit. p. 65

⁷⁸ LOURENÇO, Aliny Cristina. op. cit. p. 74

Apesar de não ter documentada a data exata de fundação, a Folia do Sertão da Onça é reconhecida como a mais antiga da região. Os membros apontam mais de 100 anos de existência. Participam da companhia pessoas de Bananal, Arapeí e São José do Barreiro.

Ao questionar os membros da Folia Sertão da Onça sobre o que mais motivava a participação de cada um nessa atividade eu tive como resposta unânime a justificativa da fé. A devoção aos Santos Reis e ao cumprimento de promessas são as principais causas de moradores do Vale Histórico ingressarem como membros das Folias.

As funções dentro da Folia de Reis podem variar de região para região e inclusive ter representações diferentes, como o caso dos palhaços. Lourenço escreveu que os palhaços, em determinadas regiões, são representações do diabo e, em outras regiões, representam o Anjo Gabriel, como no caso do Vale Histórico⁷⁹.

No Vale Histórico Paulista as funções são: Mestre, que é responsável pela organização do grupo, geralmente é um dos mais antigos da companhia e já passou por todas as outras funções até chegar nesse posto. O Mestre é a primeira voz nas cantorias e também tem a incumbência de ensinar os mais jovens a tocar os instrumentos; o Contramestre auxilia o mestre na organização, faz a segunda voz no canto e também é responsável por transmitir as tradições da Folia aos mais jovens; o Alferes é responsável por carregar a bandeira e recolher as contribuições, função que pode ser dividida; os Mascarados (palhaços) não podem ter sua identidade revelada de forma alguma. Eles dançam com o intuito de distrair o rei Herodes, para que este não encontre o menino Jesus; os Músicos são diversos. Nas jornadas tocam pandeiros, caixas, cavaquinho, viola, violão. Na festa também tem a sanfona.

As canções, na região, são chamadas de “toadas”. Muitas toadas cantadas pelas Folias já são composições de longa data, mas também os Mestres podem criar novos versos durante a cantoria. Muitas vezes esses versos são feitos no improviso. Durante uma visita em que presenciei, a Folia Sertão da Onça cantou a seguinte toada ao entrar em uma casa:

*Ai os três Reis se estremeceu, uai
Foi do chegar no seu terreiro, uai
Foi pra fazer nossa chegada, eu peço licença primeiro
Foi no passar do seu portão, uai
Nossa Senhora perguntou, uai
Foi pra fazer nossa chegada, eu peço licença ao senhor*

Nesta ocasião estavam compondo a companhia nove foliões. Era o mestre, o contramestre, um alferes, um mascarado, dois músicos tocando pandeiro, outro músico

⁷⁹ LOURENÇO, Aliny Cristina. op. cit. p. 86-87

tocando tambor, outro tocando violão e um tocando cavaquinho. A senhora que recebeu a Folia em sua casa acredita que, convidando a Folia para cantar dentro de seu lar, está abençoando sua casa para o ano inteiro que se inicia. Ao terminar a toada, a senhora pegou a bandeira da Folia e passou com ela em todos os cômodos da casa. A família faz uma oferta à companhia, abre as portas e a Folia canta em seu quintal.



Figura 4: Folia Sertão da Onça canta na casa de moradora. Foto do próprio autor em 3 de janeiro de 2026.

Na figura 4 é possível observar a moradora, devota dos Santos Reis, segurando a bandeira, que representa a benção para sua casa. Enquanto isso, o mestre e contramestre cantam e tocam violão, um de frente para o outro, e os demais membros também tocam e cantam.

Pude contemplar um ex-aluno, para quem dei aula na cidade de Arapeí, que participa agora ativamente dessa Folia de Reis, como músico. Depois da toada do dia, me foi revelado ainda (em segredo) que um dos mascarados era também um ex-aluno meu.

A presença das mulheres na Folia se dá, principalmente, através das preparações das jornadas e festividades. Como Lourenço afirmou sobre os grupos de São José do Barreiro, em geral as mulheres não participam do efetivo das Folias no Vale Histórico, mas sua participação está na preparação das jornadas, ao confeccionar os trajes e também preparar as refeições. Ouvindo relatos durante sua pesquisa, Aliny Lourenço constatou que a grande razão

das mulheres não participarem das jornadas é a dificuldade de espaço nos chamados pousos, onde os homens se amontoam e dormem juntos em um único cômodo⁸⁰.

O pouso, ou pousada, é chamada a casa que recebe uma Companhia de Folia para pernoitar. Isso é muito comum em bairros rurais, no caso do Vale Histórico Paulista é muito comum no bairro do “sertão da onça” em Bananal, na “serra da Graúna” e regiões da serra da Bocaina. Assim como os tropeiros tinham uma distância média para percorrer durante o dia de trabalho até o próximo Pouso, as Folias seguem a mesma ideia, traçando seu itinerário para descansarem em uma casa que os acolhe. Essas casas são de pessoas simples, sem muito espaço, por isso a dificuldade de alojar também as mulheres.

Durante as festas, a participação das mulheres é mais intensa, pois grande é o número de refeições a serem servidas, além de toda parte de ornamentação e trajes. Além disso, em algumas ocasiões elas participam dos rituais da festa.

As festas da Folia de Reis são a última etapa da jornada, como se fosse uma culminância de todo trabalho realizado desde o dia 25 de dezembro. No Vale Histórico Paulista há um acordo entre as companhias para que as festas sejam realizadas aos sábados, uma de cada vez, para que todos os foliões possam prestigiar as festas uns dos outros. Portanto, tem ano em que as festas ocorrem até o início do mês de fevereiro.

Algumas festas ocorrem em sítios privados, outras em praças públicas ou ainda em locais cedidos pela prefeitura da cidade, como em São José do Barreiro. A festa é o grande encontro da Folia com toda comunidade. Pessoas de várias crenças se misturam na festividade, que oferece um jantar para toda população sem custo algum e termina com um grande show de forró.

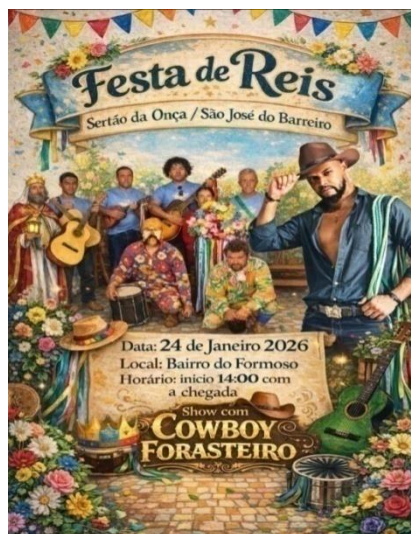


Figura 5: Anúncio da Festa de Reis da Companhia Sertão da Onça em janeiro de 2026.

⁸⁰ LOURENÇO, Aliny Cristina. op. cit. p. 81

A figura 5 mostra o anúncio para a festividade de 2026, que circulou pelas redes sociais. É interessante notar que foi uma propaganda produzida por inteligência artificial, mostrando que a modernidade influencia mesmo nas expressões mais tradicionais.

Os principais responsáveis pela festa são o festeiro e a festeira. Eles são marido e mulher e escolhidos previamente no ano anterior, durante a última festa ocorrida. Geralmente se oferece para ser festeiro quem está pagando alguma promessa.

Aliny Lourenço acompanhou o ritual da festividade em São José do Barreiro e narrou o início da celebração que aconteceu com a chegada da bandeira.

A chegada da bandeira é um dos momentos mais emocionantes, pois são os Santos Reis que ali estarão para participarem de todos os rituais. Os foliões chegam cantando, com o alferes à frente carregando a bandeira, e são recebidos com fogos e aplausos. Terminando a cantoria de chegada, inicia-se o ritual da passagem pelos arcos. É montado um caminho que levará até o altar do presépio com três arcos. Esses arcos, geralmente de bambu, são enfeitados com folhas, flores e bandeirinhas de papel. Cada arco tem um significado e, antes da Folia passar por cada arco, o mestre explica a simbologia e a Folia faz a cantoria própria de cada arco.⁸¹

A Folia de Reis deve atravessar todos os arcos até o presépio montado no final do caminho. A Folia é guiada pela “estrela do oriente”, representada por três meninas que andam à frente da bandeira.

Cada arco tem sua representação, como explicou Lourenço. O primeiro representa o anjo que anunciou o nascimento de Cristo e sob este arco ficam duas pessoas designadas como sentinelas que representam anjos que protegeram o recém-nascido Jesus. O segundo arco representa a Virgem Maria, onde o alferes passa a bandeira para a festeira. Embaixo do terceiro arco, que representa Herodes, fica o festeiro com uma espada artificial para impedir a passagem da Folia. É aí que entram em cena os palhaços (mascarados), dançando e fazendo brincadeiras para distrair o rei Herodes, conforme representado na figura 6. Os palhaços enganam Herodes e toda folia consegue enfim passar o último arco e chegar até o presépio e iniciar a adoração ao mesmo⁸².

⁸¹ LOURENÇO, Aliny Cristina. op. cit. p. 93

⁸² LOURENÇO, Aliny Cristina. op. cit. p. 94-96



Figura 6: Mascarados fazem brincadeiras para “distrair Herodes” e as pessoas se divertem. In: LOURENÇO, Aliny Cristina. p. 96.

Depois da adoração ao presépio, a janta é servida. Toda a comunidade pode se servir com fartura, como explicou Lourenço. Para muitos, comer a comida de Santos Reis é invocar a fartura para o ano inteiro. Após a janta, a Folia se reúne novamente em frente ao presépio para mais toadas e para a cerimônia final, que é a passagem da bandeira para o festeiro do ano seguinte. Então, inicia-se o baile que segue pela madrugada a fora⁸³.

A realização da festa só é possível com a participação da comunidade local. Para fazer toda a preparação da festa - a organização, o jantar e o baile - é necessário que os foliões contem com a ajuda e assistência da população local. Manter viva essa tradição com rituais rígidos e liturgias metódicas, só é possível graças à boa vontade, solidariedade e ajuda mútua do povo caipira do Vale Histórico Paulista, que resiste até hoje mantendo suas raízes.

Nas jornadas das Folias é possível notar muitas associações com as práticas de viagens dos tropeiros. Como na Folia há o Alferes, que leva a bandeira principal, que representa o sagrado, nas tropas havia uma mula que levava a imagem do santo protetor dos tropeiros. As conduções das jornadas, que são rigorosamente metódicas e organizadas e lideradas pelo mestre, assim como a maneira metódica de viagens das tropas de mulas, sob o comando de seu condutor principal.

Foi possível ver que a região do Vale Histórico possui grupos de Folias de Reis centenários que expressam a tradição, cultura e identidade do povo local. Essas tradições, até os dias de hoje, ainda carregam traços do tropeirismo e da cultura caipira. Folia de Reis é uma forma de resistência e continuidade da cultura do camponês pobre do Vale do Paraíba.

Para fortalecimento do ensino de História local no Vale Histórico Paulista é interessante que se inclua a festa das Folias de Reis, pois elas contribuem para o fortalecimento da cultura local e da noção de pertencimento dos alunos à sua região criando

⁸³ LOURENÇO, Aliny Cristina. op. cit. p. 99-100

laços afetivos. Também demonstra o sincretismo religioso e a diversidade cultural na região, que levam os alunos a refletirem contra o preconceito.

1.3.2 Festa dos Tropeiros em Silveiras

Ao falar sobre festas que remetem à cultura tropeira, a região conta com uma celebração em especial, que nasce com o intuito de divulgar a cultura tropeira e promover o turismo na região. Trata-se da Festa do Tropeiro, em Silveiras.

Essa festividade, é válido destacar, porque nasce do protagonismo da comunidade de Silveiras, que deseja mostrar ao mundo sua cultura tropeira e celebrar o nascimento da cidade a partir do tropeirismo. A historiadora Luana Manzione Ribeiro, pesquisou sobre a festa do tropeiro em Silveiras e entrevistou moradores antigos, que fizeram parte das primeiras festas. Um entrevistado afirmou que a festividade começou com uma feira de artesanato e logo o povo teve a ideia de inserir mais manifestações culturais típicas do local. Com cunho absolutamente cultural, o entrevistado fez questão de destacar que a festa não admitia discursos políticos, pois quem organizava e produzia a festa eram os moradores⁸⁴.

Com o crescimento da festa e o passar do tempo, a celebração virou uma atividade oficial do município e hoje tem a Secretaria de Cultura e Turismo da Prefeitura Municipal como a principal organizadora.

A feira de artesanato chamada de “Silveirarte” teve início em 1979 para apresentar e vender artefatos feitos em madeira pelos artesãos locais e gerar renda. Durante um tempo foi próspera, porém, depois não conseguiu manter a demanda e por isso surgiu a ideia de incrementar novas expressões culturais, como um almoço tipicamente tropeiro. Em agosto de 1981 foi realizada a primeira edição da festa⁸⁵.

⁸⁴RIBEIRO, Luana Manzione. *A festa e o movimento tropeirista em Silveiras: a cidade esquecida, a cidade relembada*. São Paulo, 2005. p. 67

⁸⁵RIBEIRO, Luana Manzione. op. cit. p. 68



Figura 7: Cartaz da primeira Festa do Tropeiro em Silveiras. In: RIBEIRO, 2005, p. 68.

Desde então ficou acertado que a festa do tropeiro ocorreria todo último final de semana de agosto. A primeira edição foi inteiramente organizada por homens e mulheres que trabalhavam no ofício de tropeiro e alguns professores da cidade. A primeira edição obteve um sucesso tão grande que foi falada durante muitos meses e até no ano seguinte foi aguardada ansiosamente por todos. A partir da segunda edição, para ter uma melhor organização e acomodar melhor os turistas, a Prefeitura já dava apoio à comunidade⁸⁶.

A festa foi motivo de união entre os moradores da cidade e despertou memórias afetivas. Relatos colhidos pela pesquisadora Luana Ribeiro demonstram que a cidade inteira vivia um sentimento de união e solidariedade para que a festa ficasse cada vez melhor e maior.

A Festa do Tropeiro [...] foi sentida como um renascimento da cidade, pois proporcionou reviver experiências exaltando a cultura tropeira considerada representativa para a região, pelas comidas típicas, Missa Tropeira e Desfile das mulas e seus condutores, os tropeiros. Este sentimento passou a ser compartilhado com outros moradores que não participaram da fundação da festa, mas passaram a integrá-la e apoiá-la. Nos anos seguintes, muitos silveirenses ajudaram no desfile, os que ainda tinham suas mulas ou eram descendentes de tropeiros participavam do desfile, outros auxiliavam no preparo e doavam alimentos para o almoço tropeiro, como arroz, feijão, torresmo, batata, carne, óleo e sal⁸⁷.

A festa do tropeiro despertou a ajuda mútua, a colaboração e os laços de solidariedade muito comuns na cultura caipira, como já citado neste trabalho. Ribeiro ainda afirmou que a festividade fez com que a autoestima dos moradores da cidade crescesse, fazendo com que os moradores tivessem orgulho da cidade e da cultura tropeira⁸⁸.

Com o passar dos anos, a festa foi ficando cada vez maior, aumentando o número de barraczinhas que vendiam comidas típicas como feijão tropeiro, café tropeiro e doces típicos caipiras. Foram incorporadas novas barracas vendendo salgados e lanches em geral. A festa

⁸⁶RIBEIRO, Luana Manzione. op. cit. p. 69

⁸⁷Ibid.

⁸⁸RIBEIRO, Luana Manzione. op. cit. p. 70

sempre conta com uma Missa em homenagem aos tropeiros e vários shows de música regional.

Hoje em dia, a festa tem a organização e produção realizada inteiramente pela Secretaria de Cultura e Turismo da Prefeitura Municipal de Silveiras. Em suas entrevistas, a historiadora Luana Ribeiro ouviu de moradores que isso foi um fato inevitável devido ao grande crescimento da festa, mas isso não fez com que a festa perdesse sua essencialidade. Segundo a autora, a festa ainda continua fortalecendo as relações geracionais, estimulando a memória afetiva e representando bem a cultura tropeira local⁸⁹.

Importante ressaltar que a festividade não seria algo imutável, mas pelo contrário, também vai se modificando com o passar do tempo, com as novas gerações. Ribeiro adverte que, desde sua criação, a festa vem incorporando novas práticas para atender novas demandas, e a hibridismos são comuns. Porém, existem limites para a incorporação de novidades, conforme a pesquisadora colheu informações em suas entrevistas. Ribeiro revelou que muitos moradores se mostraram insatisfeitos com uma modificação feita pela prefeitura na 21ª edição, em que foi incorporado um rodeio de peão boiadeiro. Os moradores se mostraram contrários e essa prática foi retirada no ano seguinte⁹⁰.

Algumas inovações são bemvindas, como é o caso da corrida de mulas, que ocorreu na 41ª edição da festa, em 2025. Recendo do título de “Fór-Mula”, a disputa foi bem aceita entre a comunidade e diverte os turistas.

Portanto a Festa do Tropeiro em Silveira também pode ser considerada como didática, uma vez que apresenta as manifestações culturais oriundas dos tropeiros e envolve toda população, desde os mais velhos aos mais jovens. Isso reforça a identidade local e faz com que gere nos moradores um sentimento de pertencimento e orgulho do movimento tropeirista, colaborando com o ensino de história local.

1.4 Calango: manifestação afro-caipira

O Calango é uma forte representação de hibridismo cultural no Brasil. Nascido entre as regiões do Vale do Paraíba e Sul de Minas Gerais do encontro da cultura europeia e africana, não pode ser compreendido sem o cenário da rota dos tropeiros, pois ele surge no contexto de ocupação dessas regiões no século XIX durante a ascensão do café.

⁸⁹RIBEIRO, Luana Manzione. op. cit. p. 73

⁹⁰RIBEIRO, Luana Manzione. op. cit. p. 84

Por isso é importante citá-lo neste trabalho, já que se trata de uma manifestação cultural oriunda da região sudeste, com fortes influências africanas, ibéricas e até mesmo indígenas, conforme afirmou André William Jardim, pesquisador do Calango na região de Minas Gerais⁹¹.

A região do Vale Histórico Paulista, ao longo da formação das cidades, teve presença massiva de negros escravizados oriundos de África. Como já citado, esse trabalho defende que a identidade caipira é multiracial, e aponta argumentos como o Calango para afirmar essa ideia. A formação do Calango na região e sua presença ainda nos dias de hoje demonstra a manifestação da cultura negra em mistura com a cultura trazida pelos tropeiros.

Como já citado neste trabalho, os Ranchos e Pousos de tropas eram um local de trocas e interação social. O Rancho não era apenas um local de descanso, mas também de realizar comércio e encontrar algumas formas de lazer⁹². Essa interação entre tropeiros, caipiras e escravizados tinha, muitas vezes, a manifestação do Calango nos momentos de descontração.

Ainda presente em festas populares realizadas no Vale Histórico, o Calango também é um exemplo de resistência. Jardim afirmou que o Calango foi marginalizado por ser de origem afro-caipira, grupos silenciados pela historiografia tradicional⁹³. Jardim explicou o que é o Calango:

O Calango é fala, o aqui e agora. Consiste, basicamente, do canto (masculino ou feminino), acompanhado da sanfona e do pandeiro, em que se trava uma disputa do tipo pergunta/resposta com um tema base sobre o qual dois ou mais cantadores versam de improviso⁹⁴.

O Calango pode contar histórias em alguns casos, mas o seu ponto central está sempre no desafio entre os participantes, de onde sairá um vencedor. Daniel Costa Fernandes, que pesquisou sobre o Calango em algumas cidades do Vale do Paraíba fluminense, afirmou que os desafios de Calango podem ter premiações materiais, em dinheiro ou outra espécie, frutos da aposta entre os desafiantes. Mas, também é muito comum que o prêmio seja moral, como prestígio, fama ou demonstração de astúcia⁹⁵.

⁹¹JARDIM, André William da Costa. *Calangos e Calangueiros: um canto marginal no caminho do ouro*. Dissertação de Mestrado - UFJF, Juiz de Fora, 2018. p. 11.

⁹² ALGATÃO, Filipe Cordeiro. 2015. op. cit. p. 41

⁹³JARDIM, André William da Costa. op. cit. p. 11

⁹⁴JARDIM, André William da Costa. op. cit. p. 12

⁹⁵FERNANDES, Daniel Costa. *O calango no Vale do Paraíba: estudos etnográficos em Duas Barras e Vassouras* (RJ). Rio de Janeiro, 2012. p. 2

Em um desafio de Calango, elogios e insultos são proclamados. Fernandes, inclusive, afirmou que muitas das vezes, quando um desafio fica muito intenso, parece que todos os limites serão extrapolados⁹⁶.

O Calango tem características diversas a depender da região específica que está sendo analisada. Entre a região do Vale Histórico Paulista, o Vale do Paraíba Fluminense, o sul e centro-sul de Minas Gerais é possível encontrar diferenças consideráveis. Jardim explicou que isso se dá pelo fato de o Calango ter nascido sem nenhum compromisso de se ajustar a nenhuma norma já pré-existente. Segundo o autor, o Calango é uma das poucas manifestações culturais que sobreviveram ao tempo sem nenhum tipo de tutela de uma instituição maior, a qual deveria seguir ou se submeter às suas normas⁹⁷.

Portanto, o Calango, diferentemente da Folia de Reis, que está atrelada à uma religiosidade, não tem ligação direta com nenhuma instituição religiosa, seja católica ou de matriz africana ou indígena. O próprio André William Jardim faz paralelos entre o Calango e o Candomblé. O autor coloca o Candomblé como “o sagrado” e o Calango como “o profano”. Mas é importante ressaltar que isso não impede que os Calangueiros insiram versos invocando práticas religiosas, como devoção a santos, por exemplo.

Os instrumentos geralmente utilizados no Calango são o pandeiro e a sanfona. Segundo Jardim, o pandeiro foi introduzido no Calango pela facilidade de transporte e baixo custo, sendo muitas das vezes o único instrumento musical em uma roda de Calango. A sanfona ganhou destaque graças a sua potência sonora, que não necessita de amplificadores para que seu som seja ecoado longe. Algumas rodas de Calango também podem ter violão, viola ou cavaquinho⁹⁸.

Muitos autores colocam o Calango como os primórdios do samba. André Jardim, se utilizou de alguns pesquisadores e músicos para defender essa ideia, como Ney Lopes e Martinho José Ferreira (Martinho da Vila). Segundo Jardim, ambos reconhecem o Calango como grande influência na formação do Partido Alto e, posteriormente, o Samba⁹⁹.

Assim como outras manifestações culturais, o Calango faz intersecção com demais formas de cultura. O pesquisador Daniel Fernandes percebeu uma forte ligação entre o Calango e a Folia de Reis, justamente porque os participantes de um eram também ativos na outra¹⁰⁰. No Vale Histórico Paulista não é diferente.

⁹⁶FERNANDES, Daniel Costa. op. cit. p. 6

⁹⁷JARDIM, André William da Costa. op. cit. p. 52

⁹⁸JARDIM, André William da Costa. op. cit. p. 58

⁹⁹JARDIM, André William da Costa. op. cit. p. 83

¹⁰⁰FERNANDES, Daniel Costa. op. cit. p. 142

Diego Vitorino e Dulce Whitaker puderam observar as atuações do Calango enquanto estavam realizando pesquisa de campo em Bananal. O pesquisador percebeu que nas festas de Folia de Reis, e também nas pousadas durante as jornadas, os foliões costumavam cantar o Calango como forma de distração entre algumas liturgias da festa e no final da cerimônia, após a passagem da bandeira¹⁰¹.

Na cidade de Bananal era muito comum ocorrer os duelos de Calango nos bailes no Largo do Rosário, ocorridos na praça central de Bananal. Esses bailes são tradicionais na cidade nos meses de junho e julho, com forró, quentão e Calango nos intervalos das danças¹⁰².

Nos bairros rurais, era muito comum que essas festas ocorressem dentro da casa das pessoas, após o fechamento de alguma colheita. Um Calangueiro de Bananal, entrevistado por Vitorino, afirmou que antes as festas nas roças começavam com o sanfoneiro tocando na sala da casa ou, então, em algum barracão de alguma fazenda. Nessas festas, o que embalava os casais dançando eram os Calangueiros, que segundo na entrevista a Vitorino, podiam ter início à noite e só terminar na manhã seguinte¹⁰³.

Diego Vitorino presenciou um duelo de Calango que se iniciou em um Domingo de Ramos em que o pesquisador estava na praça no momento de descontração tomando um açaí. Ele descreveu os personagens:

Um negro com um chapéu de pano, uma fita que o adornava, uma bolsa nas costas, botinas, cinto de couro de peão, calça jeans, camisa preta, um colar de sementes e um crucifixo no pescoço. O outro, visivelmente embriagado, shorts cor jeans e camiseta bege. O primeiro antes de vir pra praça da matriz estava na Praça do Rosário andando com sua bicicleta¹⁰⁴. (pg 6)

Os dois iniciaram o duelo de Calango e o pesquisador começou a gravar no celular.

Os dois calangueiros então começaram o desafio. O segundo inicia a disputa improvisando seu verso, o refrão ficava por parte do senhor negro que o repetia como num coro. Ali na praça, passaram uns vinte minutos presos no desafio empreendido por eles. Ali mesmo um observador mais velho que acompanhava a disputa ritmava o duelo com palmas, os mais jovens assistiam aquilo como se fosse uma brincadeira. Outros três interessados no desafio fizeram o mesmo que eu, utilizando o seus celulares para gravar o duelo, que se deu em praça pública num Domingo de Ramos¹⁰⁵.

O duelo ocorrido no ano de 2012, narrado no trabalho de Vitorino e Whitaker, demonstra como é forte a cultura afro-caipira no Vale Histórico. Interessante notar que nessa

¹⁰¹DA COSTA VITORINO, Diego; WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. *No embalo do jongo e do calango: Memória social em Bananal/SP*. Araraquara, 2016. p. 5. Disponível em: <https://uniara.com.br/arquivos/file/eventos/2016/vii-simposio-reforma-agraria-questoes-rurais/sessao4/embalo-jongo-calango.pdf>, acesso em 19 jan 2026.

¹⁰²DA COSTA VITORINO, Diego; WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. op. cit. p. 6

¹⁰³DA COSTA VITORINO, Diego; WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. op. cit. p. 8

¹⁰⁴DA COSTA VITORINO, Diego; WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. op. cit. p. 6

¹⁰⁵ Ibid.

ocasião não houve nenhum instrumento musical para guiar os Calangueiros, mas apenas as palmas de quem estava ao redor. O que reforça ainda mais a ideia de que o Calango é uma manifestação cultural muito livre, sem muita rigidez metódica para que aconteça.

O Calango pode ser facilmente comparado às “batalhas de rima”, muito praticadas por alguns alunos valeparaibanos.

A representação do Calango, em associação com a cultura caipira e tropeira mostra aos alunos o quão é rica a diversidade cultural e racial das cidades que são cortadas pela SP-068. Isso faz com que, principalmente os alunos negros e pardos, se identifiquem com a identidade tropeira e caipira e criem laços de afetividade, reforcem o orgulho e levanten a autoestima. Isso demonstra que os escravizados da região não apenas deixaram marcas nas construções edificadas por eles, mas também no modo de vida.

1.5 Culinária e o trato com os animais: o tempero da afetividade

Os tropeiros foram grandes responsáveis pelas transformações ocorridas na culinária brasileira. Durante as viagens, se “virando” como podiam, foram responsáveis por criar vários pratos típicos que até hoje ocupam a mesa dos brasileiros. Ao viajar por regiões diferentes, os tropeiros fizeram mistura de sabores, desenvolveram técnicas de conservação de alimentos e incorporaram novos produtos, gerando uma rica gastronomia.

No Vale Histórico Paulista, os tropeiros tiveram um papel atuante na culinária caipira. Donos de conhecimentos de conservação de alimentos e preparação de comidas que forneciam muita “sustância” com utilização de poucos recursos, eles influenciaram na culinária da região.

Aliando a praticidade de preparo com valor nutricional alto para dar muita energia, os principais itens da dieta dos tropeiros foram relacionados por Daira Botelho: feijão, arroz, toucinho, carne seca, farinha de mandioca ou de milho, café e frutas¹⁰⁶.

A culinária, sendo um componente cultural, também sofreu algumas alterações ao longo do tempo, mas muitas receitas preparadas à época do tropeirismo ainda resistem nas cidades cortadas pelas SP-068. João Rural afirmou que a culinária caipira, viva até hoje nas cidades do Vale Histórico, é fruto de relações entre europeus, africanos e indígenas:

A contribuição de diversos povos propiciou variadas receitas, destacando as preparadas com mandioca, milho, cana-de-açúcar e carne de porco. Surgiram, dessa maneira, o virado, ou feijão tropeiro, as paçocas, as doçarias e quitandas, o uso das

¹⁰⁶BOTELHO, Daira Renata Martins. op. cit. p. 43

pimentas e o “fogado da região”, típico do Vale do Paraíba, em São Paulo.[...] E como esses sabores viajaram de norte a sul no Brasil, durante pelo menos quatro séculos? Através dos tropeiros que, por necessidade de seus negócios ou trabalho em alguma fazenda, eram obrigados a cortar as trilhas em meio à mata¹⁰⁷.

O autor afirmou que ao longo dos séculos, essa mistura de sabores foi se ajustando às necessidades dos trabalhadores viajantes. Primeiro, os bandeirantes faziam roças com plantações de alimentos cuja colheita era mais rápida, como milho, feijão e mandioca. Alguns seguiam caminhos e outros ficavam a vigiar essas plantações até o momento de colher e levar ao restante do grupo mais à frente, que misturava os grãos e mandioca com carne de animais que foram caçados¹⁰⁸.

É válido destacar que a culinária caipira e suas derivações mais antigas são relatadas por meio da história oral, da passagem de conhecimentos entre os próprios caipiras, já que sendo uma cultura marginalizada, era uma culinária marginalizada e durante muito tempo não possuía registros documentais. Um artigo escrito em conjunto pelos pesquisadores Carletti, Miyazawa, Cunha Ferro, Cláudia de Moraes e Ana Prince, publicado na *Revista Brasileira de Gastronomia*, afirmou que “a culinária caipira deixou poucos registros diretos e dependeram de relatos e interpretações de terceiros”, por se tratar de uma culinária produzida por pessoas pobres, para pessoas pobres¹⁰⁹.

No início do movimento tropeiro, o cardápio não seria muito diferente. Mas com o tempo os tropeiros não tinham mais a necessidade de ficar cultivando roças, como os bandeirantes, pois eles tinham os armazéns nos ranchos para comprar alimentos e diversificar pratos. Não que isso fosse sofisticar a comida, pelo contrário, as dificuldades locais e o tempo para cozimentos e a necessidade de produtos mais fáceis de transportar, faziam com que o cardápio do tropeiro fosse focado em fornecer bastante energia aos trabalhadores, sendo assim, bem calórico e gorduroso.

É nesse contexto de expansão da atividade tropeira no Brasil, entre os séculos XVIII e XIX, que nasce o feijão tropeiro. Era preparado com farinha de milho, carne seca, torresmo e linguiça para ter um alto grau de calorias. Segundo João Rural, isso demonstra o conhecimento dos tropeiros em saber que necessitavam de uma comida bem “pesada” para aguentar longas jornadas¹¹⁰.

¹⁰⁷RURAL, João. *Os caminhos dos sabores*. Revista Textos do Brasil, edição nº13 - Sabores do Brasil. Ministério das Relações Exteriores: Departamento Cultural, 2008. p. 72-77. p. 72

¹⁰⁸RURAL, João. op. cit. p. 72

¹⁰⁹CARLETTI, Silmara Queiroz; MIYAZAWA, Valquiria; FERRO, Rafael Cunha; MORAES, Claudia Maria de; PRINCE, Ana Enedi. *Tematização de restaurantes típicos caipira na região do Vale do Paraíba*. São Paulo, Brasil. Revista Brasileira de Gastronomia, v. 2, n. 2, p. 20-36, 2019. p. 23

¹¹⁰RURAL, João. op. cit. p. 73



Figura 8: Feijão Tropeiro. In: Sabor na Mesa, 2025. Disponível em: <https://www.sabornamesa.com.br/acompanhamento/feijao-tropeiro-simples>. Acesso em: 27 fev 2026.

Ainda hoje, muitas localidades do sertão do Vale Histórico, possuem dificuldades de abastecimentos de alimentos e, apesar de cultivarem muitas plantações e terem criações de alguns animais, preservam ainda a culinária tropeira. Não apenas nas localidades rurais mais afastadas, mas também nos núcleos urbanos, é muito comum ver o feijão tropeiro, a farofa de içá e o torresmo. Por se tratar de uma região predominantemente rural, onde os trabalhos são em sua maioria braçais, a alimentação ainda é considerada a partir da ideia de que as pessoas terão um gasto energético muito grande no decorrer do dia.

A base alimentar dos tropeiros apresenta muitas semelhanças com a base alimentar, não apenas dos trabalhadores pobres do Vale Histórico Paulista, mas também de muitas regiões do Brasil.

A base alimentar era o feijão, milho, mandioca e mais tarde o arroz. Isso pode ser constatado nas receitas mais comuns encontradas nas cidades do interior. Entre os principais pratos do Vale do Paraíba estão o afogado, bolinho caipira, a taiada a farofa de Içá, o furundum e o virado de couve. A gastronomia do Vale tem um tempero, cheiro e sabor singular, formando dessa maneira, uma identidade própria¹¹¹.

A farofa de içá, conhecida em algumas regiões como tanajura ou bitu, é herança da culinária indígena, produzida com o abdômen da formiga rainha das saúvas frito e misturado com farinha de mandioca. Com grande valor nutricional, essas formigas foram incorporadas à comida dos tropeiros e até os dias de hoje são consumidas no Vale Histórico Paulista. A

¹¹¹CARLETTI, Silmara Queiroz; MIYAZAWA, Valquiria; FERRO, Rafael Cunha; MORAES, Claudia Maria de; PRINCE, Ana Enedi. op. cit. p. 24

cultura caipira acredita que as içás são afrodisíacas, possuem faculdades antibióticas e fazem bem para os olhos¹¹².

A formiga içá aparece no período de muitas chuvas, principalmente entre setembro e novembro. Apanhar as formigas é uma prática divertida, principalmente feita por crianças, torna-se uma brincadeira. Tanto as populações do sertão como dos núcleos urbanos ficam felizes quando percebem que içás estão “caindo”. Tira-se as asas, o ferrão e às vezes as patas. Muito raramente são consumidas puras pelos moradores da região, na grande maioria das vezes são preparadas na farofa, como na figura 9.

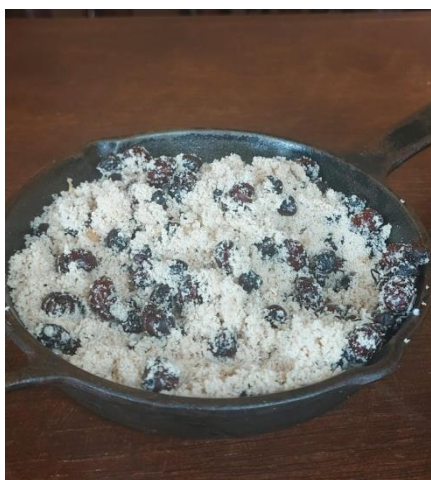


Figura 9: Farofa de Içá servida em restaurante de São José do Barreiro. Foto do próprio autor em 7 jan 2026.

A farofa de içá é hoje também uma apresentação turística. Preparada em restaurantes típicos na região, podem ser servidas ao longo de todo ano. O escritor Monteiro Lobato chamou a formiga de “caviar caipira”¹¹³, termo utilizado por restaurantes e guias de turismo da região para atrair clientes das regiões metropolitanas.

A religiosidade influencia e mantém relações com a culinária caipira desde a época do tropeirismo até os dias atuais. De acordo com celebrações religiosas ou dias de determinado santos, o alimento consumido terá certas limitações ou maior abundância. Como por exemplo, o milho, que será amplamente utilizado nas festas juninas (celebrando Santo Antônio, São João e São Pedro) ou festa do Divino Espírito Santo¹¹⁴.

Um acessório que era comum para algumas comitivas de tropeiros era o pilão. Feito de madeira maciça, alguns tropeiros não carregavam devido ao peso, mas nem por isso deixavam de levar consigo a paçoca. João Rural escreveu que a paçoca era uma das alimentações

¹¹²FONTES, Vitória; SANTOS, C. M. M.; HENRIQUE, Viviane Soccio Monteiro. *Composição e aplicação da formiga Içá na culinária brasileira*. Anais do 4º Simpósio Brasileiro de Tecnologia. São José dos Campos, 2018. p. 1

¹¹³FONTES, Vitória; SANTOS, C. M. M.; HENRIQUE, Viviane Soccio Monteiro. op. cit. p. 1

¹¹⁴CARLETTI, Silmara Queiroz; MIYAZAWA, Valquiria; FERRO, Rafael Cunha; MORAES, Claudia Maria de; PRINCE, Ana Eneidi. op. cit. p. 24

principais durante o percurso, pois eram colocadas em um compartimento de fácil acesso para que os tropeiros consumissem sem precisar parar¹¹⁵.

Ainda hoje é muito comum a produção e consumo de paçoca nos moldes tradicionais, moendo em pilão. A tradição é socar a paçoca durante a semana santa. Os moradores que têm o pilão costumam produzir o alimento e compartilhar com vizinhos.

Dos animais, o porco era o mais criado e consumido entre os tropeiros. Primeiro pela facilidade de criação, pois os animais se ajustaram facilmente ao clima úmido tropical da região e não necessitavam de pastos para se desenvolver. A carne era a principal fonte de gordura nas refeições diárias dos tropeiros e, para aproveitar, a banha do animal era usada como tempero e também para conservar carnes em geral¹¹⁶.

A conservação de carnes era essencial para que os tropeiros não perdessem alimentos calóricos importantes para dar energia nas viagens. Uma forma prática era colocar as carnes acima dos lombos das mulas, onde a carne se mantinha aquecida pelo calor dos animais, evitando que apodrecesse.

Se o meio de transporte do tropeiro eram as mulas e os cavalos, era essencial que ele desenvolvesse técnicas de cuidados com esses animais para prevenir eventuais doenças e machucados e também tratá-los quando necessário. Esses animais eram vistos, para além de instrumentos de trabalhos, mas também como companhias que os tropeiros desenvolviam sentimentos.

A pesquisadora Natália Mendes, em entrevista com um ex-tropeiro, confirmou que os viajantes tinham que saber fazer e consertar os arreios, sendo uma das primeiras coisas a se aprender na atividade tropeira¹¹⁷.

Os equinos e muares são animais historicamente explorados pelos seres humanos para múltiplos afazeres. A facilidade com que esses animais são domesticados aliada à grande gama de funções que podem desempenhar no campo, fizeram com que fossem seres essenciais para a vida caipira. Vencer terrenos irregulares, transportar mercadorias e pessoas por longas distâncias fizeram do cavalo uma peça significativa para expansão de territórios e promoção de práticas coloniais e capitalistas, conforme afirmaram as pesquisadoras Ana Paula Boscatti e Miriam Adelman, que produziram um trabalho avaliando a relação entre cavalos e seres humanos¹¹⁸.

¹¹⁵RURAL, João. op. cit. p. 73

¹¹⁶RURAL, João. op. cit. p. 75

¹¹⁷MENDES, Natália Corrêa Araújo. op. cit. p. 95

¹¹⁸BOSCATTI, Ana Paula Garcia. ALDEMAN, Miriam. *De cavalos e homens: história, poder, estratégias e representações*. In: Estudos de sociologia.v.25 n.49 p.221-242 Araraquara, jul.-dez. 2020. p. 222.

Os animais não eram tratados como mercadorias pelos tropeiros. As historiadoras Tainá Gruber e Alessandra de Carvalho analisaram a relação entre os tropeiros e os animais. Em sua pesquisa, afirmaram que os tropeiros batizavam todos os animais, e os tratavam sempre por esse nome quando precisavam acalmar ou estimular os bichos. Além disso, havia os animais prediletos. Mulas que não eram vendidas juntas com as demais quando havia uma renovação na frota¹¹⁹.

As pesquisadoras Boscatti e Adelman lembraram o que Cecília Meireles e Clarice Lispector, grandes escritoras brasileiras do século XX, escreveram sobre os cavalos de forma poética. Boscatti e Adelman gostaram da ideia das escritoras de que cavalos são seres sensíveis que conseguem captar sensações dos seres humanos, que carregam histórias de vida em seus lombos e são capazes de despertar mais humanidade nos homens que os montam. Portanto, os cavalos teriam para as pessoas, muito mais do que apenas vínculos utilitários¹²⁰.

Os animais que se tornavam prediletos eram geralmente os mais fáceis de domar. O processo para domar as mulas não era carinhoso, pelo contrário. As pesquisadoras Tainá Gruber e Alessandra de Carvalho ponderaram que as práticas de doma não eram consideradas como cruéis na época do tropeirismo e nem era vista pelo olhar do tropeiro como uma crueldade aos animais ou como uma forma de castigo, mas sim um processo necessário. Em algumas situações, o tropeiro mordida a orelha da mula para ela se aquietar¹²¹.

A relação entre homens e animais atualmente no Vale Histórico Paulista se dá de forma bem parecida. Ao mesmo tempo em que há a “hierarquização natural” entre animal e ser humano, há uma relação de carinho e afeto entre os dois. Os cavalos recebem nomes e, em geral, são bem cuidados. Conversando com alunos que têm cavalo, eles falam com afeição e orgulho sobre seu animal, contam que sentem prazer em escovar os animais e alguns até conversam com o bicho.

Ao longo de muito tempo a figura masculina se consolidou como a única a montar um cavalo, como única a ser capaz de dominar o animal. Boscatti e Adelman desmistificam isso em seu trabalho, relatando que desde civilizações passadas as mulheres já se incluíam nos tratos com os equinos. No Brasil, ainda há pouca participação das mulheres em relação aos homens, mas é visível a marcante presença de meninas e mulheres que já estão incluídas no mundo dos equinos e praticando esportes com esses animais. No Vale Histórico, muitas

¹¹⁹GRUBER, Tainá. CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Entre mio-mios e embiras: Homens e animais no caminho das tropas*. ANAIS DA SEMANA DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, V.2, p. 259-269. Londrina, 2016. p. 261-262

¹²⁰BOSCATTI, Ana Paula Garcia. ALDEMAN, Miriam. op. cit. p. 234-235.

¹²¹GRUBER, Tainá. CARVALHO, Alessandra Izabel de. op. cit. p. 263

meninas e mulheres têm cavalos, participam de passeios, de cavalgadas e têm cuidados com os animais¹²².



Figura 10: Aluna de São José do Barreiro com seu cavalo na zona rural da cidade. Foto do próprio autor em 14 jun 2025.

A falta de veterinários fazia com que os tropeiros expandissem seus conhecimentos sobre os cuidados da saúde dos animais. Um exemplo era o conhecimento sobre as plantas que os animais podiam comer e as que faziam mal se fossem ingeridas. Também as plantas eram usadas de forma medicinal para tratar ferimentos. Esse conhecimento foi transmitido pela sabedoria popular ou pelos indígenas e, sendo construído com o passar do tempo, demonstra que os tropeiros conheciam bem o bioma da região¹²³.

Atualmente, no Vale Histórico Paulista é muito comum cruzar com pessoas andando a cavalo. O cavalo ainda é um meio de transporte muito utilizado, mesmo nos núcleos urbanos. Nas regiões rurais e do sertão ainda mais. Muitos alunos, inclusive, têm cavalo e dominam a cavalgada e os cuidados com o equino.

Cavalgadas são comuns na região. São eventos tradicionais que envolvem religiosidade, música e culinária. A comunidade gosta muito de participar e marca presença ativa. Os grupos de amigos que se formam para andar de cavalo juntos, na região do Vale Histórico Paulista, são chamados de comitivas.

Nas cidades do Vale Histórico não há um calendário oficial de cavalgadas, com exceção de Silveira, que têm a tradicional cavalgada durante a festa do tropeiro na cidade. Em outras cidades, as comitivas organizam estes eventos com o apoio do governo municipal. Robério da Silva Andrade escreveu sua dissertação no Proffhistória sobre a cavalgada como expressão de identidade cultural sertaneja. O pesquisador afirmou:

¹²²BOSCATTI, Ana Paula Garcia. ALDEMAN, Miriam. op. cit. p. 236

¹²³GRUBER, Tayná. CARVALHO, Alessandra Izabel de. op. cit. p. 268

As cavalgadas enriquecem a tradição cultural local. [...] A figura emblemática do sertanejo, o vaqueiro, unindo a comunidade em torno da celebração da abundância e do árduo trabalho na agricultura e pecuária. [...] Esses eventos proporcionam momentos de alegria e confraternização, fortalecendo os laços comunitários e enaltecendo a cultura diversificada representada pelos vaqueiros, lavradores, agricultores e pecuaristas¹²⁴.

O autor apresentou seu projeto de ensino de história voltado à cidade de Adustina, na Bahia. Mas o mesmo vale dizer para as cidades do Vale Histórico de São Paulo. Como Andrade afirmou, a cavalgada é uma representação da cultura sertaneja e do vaqueiro. Culturas essas que são muito similares a do caipira e do tropeiro. As celebrações de cavalgadas no Vale Histórico são uma evidência do protagonismo da comunidade caipira, do sertão, herdeiros do tropeirismo.

As cavalgadas realizadas nas cidades passam por um rigoroso processo de vistoria das prefeituras para que não haja maus tratos aos animais. Em agosto de 2025, um fato ganhou repercussão nacional, quando um jovem embriagado amputou as patas de seu cavalo porque o animal não teria conseguido acompanhar uma cavalgada na cidade de Bananal¹²⁵. O crime chocou a cidade de Bananal, que pareceu viver dias de luto. Comitivas e entidades da região repudiaram o fato e afirmaram que não compactuam com a ação do jovem, pois os cavalos têm para eles um valor sentimental e afetivo inestimável.

Sendo assim, é possível concluir que uma das grandes heranças deixadas pelos tropeiros é também a relação entre ser humano e equinos, mais do que uma relação utilitária, mas também afetiva. Ainda hoje permeia no coração dos moradores do Vale Histórico a paixão pelos animais de montaria, sendo isso uma das representações de identidade do povo valeparaibano.

1.6. Patrimônio Cultural Material

Os seis municípios que estão dentro da designação de Vale Histórico Paulista durante o auge do cultivo do café tiveram várias construções de imóveis em estilo colonial e neoclássico e alguns deles ainda estão de pé até hoje e inclusive são tombados como patrimônio cultural por órgãos oficiais. O meio de transporte terá grande influência nas técnicas utilizadas para as construções. Muitos materiais geram grande dificuldade de

¹²⁴ ANDRADE, Robério da Silva. *As cavalgadas como expressões de identidade cultural sertaneja no ensino de História local em Adustina/BA*; orientador Paulo Heimar Souto. – São Cristóvão, SE, 2025. p. 34

¹²⁵ SOUZA, Felipe. *Cavalo mutilado em SP*: Entidade emite nota de repúdio e notifica MP. CNN BRASIL. São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/sp/cavalo-mutilado-em-sp-entidade-emite-nota-de-repudio-e-notifica-mp/>, acesso em 18 jan de 2026.

transporte e com técnicas e saberes trazidos pelos tropeiros a região irá adotar formas de construção, as quais conseguirão resistir ao tempo, cerca de 150 anos depois.

Para expor o status social, barões e comendadores do café irão financiar imponentes construções, tanto no núcleo urbano como nas áreas rurais (fazendas). Silvia Zanirato apontou as construções nas cidades como casarios, sobrados e igrejas e no campo serão os casarões (sede das fazendas), senzalas, tulhas e moinhos. A autora afirmou que a decadência da região após o ciclo cafeeiro foi um fator contribuinte para que muitas dessas construções permanecessem de pé até hoje, já que no Vale Histórico Paulista não ocorreu uma renovação urbana como na maioria das outras regiões do estado.¹²⁶

A maioria dessas construções erguidas no século XIX foi feita com a chamada Arquitetura em Terra. Perroni afirmou que, entre 1830 e 1870, todas as edificações no Vale Histórico paulista, tanto nos núcleos urbanos quanto nas áreas rurais, foram construídas aplicando as três técnicas de Arquitetura em Terra mais usadas no Brasil: a taipa de pilão, o adobe e o pau-a-pique.¹²⁷ A autora explicou sobre essa técnica:

A arquitetura em terra é um conjunto milenar de técnicas construtivas no qual se emprega a terra in natura como componente essencial, misturada, na fase de preparo, à água e, segundo vários indicativos bibliográficos, aditivos orgânicos e/ou inorgânicos destinados a aprimorar a performance das estruturas finais dessas construções em termos de resistência e estabilidade. Tais técnicas eram escolhidas e manipuladas de acordo com a sabedoria da população local e a disponibilidade de materiais na região da edificação, pois a dificuldade no transporte era uma variável importante.¹²⁸

A autora ainda escreveu que tais arquiteturas podem sofrer preconceitos em algumas partes do Brasil, por serem associadas à pobreza. De fato, pelo baixo custo, as populações das baixas classes sociais fizeram uso dessa técnica, mas Perroni faz questão de explicar que durante alguns períodos a elite se apropriou dessa arquitetura, como se pode observar no Vale Histórico nas sedes pomposas das fazendas e edificações urbanas imponentes¹²⁹.

Portanto a arquitetura em terra não deve ser taxada como algo de pouco valor e sem qualidade. Todas as sedes de fazendas cafeeiras erguidas no Vale Histórico entre 1780 e 1870, segundo Perroni, foram construídas com essa técnica milenar, provando que não se pode ligar a arquitetura em terra à pobreza e nem à má qualidade, pois as sedes imponentes dos ricos barões do café e muitos prédios estão ainda de pé na região.

¹²⁶ ZANIRATO, Silvia Helena. op. cit. p. 26.

¹²⁷ PERRONI, Maria Salete. *Construções históricas no Vale do Paraíba: caracterização de materiais de alvenaria usados nas edificações com terra*. São Paulo, 2015. p. 16

¹²⁸ PERRONI. op. cit. p. 38

¹²⁹ Ibid.

Muitas dessas construções, infelizmente, se perderam com o tempo devido a falta de cuidado, mas ainda há grande parte desses edifícios de pé, inclusive a designação dada à região de ‘Vale Histórico’ se dá, em grande parte, pela presença desses prédios históricos nos centros. A região encontra grande dificuldade para manter essas construções conservadas. Grande é a preocupação, pois muitas delas são consideradas como patrimônio histórico e cultural, tombados por órgãos do governo.

Perroni explicou o que é patrimônio em sua pesquisa sobre as construções históricas no Vale:

O termo patrimônio diz originalmente respeito à herança e a bens familiares e pode ser associado a legado deixado para gerações futuras. Partindo dessa ideia, pode-se dizer que o patrimônio cultural é um conjunto de bens que representam a cultura de uma comunidade ou, usando a definição do IPHAN, “o conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo, de uma comunidade”. Esse conjunto pode ser dividido em duas categorias: bens materiais e imateriais. A primeira categoria abrange todo tipo de obras na forma de objetos como edificações, quadros e monumentos, enquanto a segunda compreende as formas de expressão como a música, a dança e os rituais, entre outros.¹³⁰

O autor explicou que a ideia de patrimônio está envolta pelo desejo de conservar. Essas ideias de conservação do patrimônio ganham força durante a Revolução Francesa, porque após a troca do absolutismo para república, o Estado procurou afirmar uma identidade e cultura representadas através de monumentos. E, assim como na França, a ideia de conservar o patrimônio cultural no Brasil também se deu com o intuito de criação de uma identidade.¹³¹

Os processos de tombamento na região acontecem entre as décadas de 1970 e 1990. Zanirato escreveu que dois principais órgãos de proteção irão atuar nos tombamentos: o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico e Turístico (CONDEPHAAT). Este, um órgão estadual vinculado à Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo e aquele um órgão federal vinculado ao Ministério da Cultura. Ambos, segundo Zanirato, consideraram a conservação dos imóveis como interesse público, e, como órgãos de proteção, viram a necessidade do tombamento para evitar destruição e descaracterização dos imóveis.¹³²

O IPHAN tombou a sede da Fazenda Pau d’Alho, em São José do Barreiro, construída no fim do século XVIII. Tombou o Sobrado Aguiar Vallim, em Bananal, erguido por volta de 1850, a Estação Ferroviária, pré-fabricada na Bélgica em 1888 e a sede da Fazenda Resgate,

¹³⁰ PERRONI.op. cit. p. 16

¹³¹ PERRONI. op. cit. p. 18

¹³² ZANIRATO. op. cit. p. 26

datada de 1820.¹³³

Os processos de tombamento pelo CONDEPHAAT foram mais extensos: em Silveiras foi tombado o Sobrado do Capitão Silveiras, do início do século XIX; em Areais o tombamento incluiu a Casa da Câmara e Cadeia, a Casa do Capitão-Mor e Casa Vizinha, o sobrado da Rua Nove de Julho, nº136 e o Sobrado na Rua Quinze de Novembro, todas essas construções do século XIX; em São José do Barreiro, o CONDEPHAAT tombou a Sede da Fazenda Pau d'Alho (que já fora tombada pelo IPHAN) e o Cemitério dos Escravos, com sepulturas de 1841; em Bananal houve um tombamento maior, onde todo centro fora tombado. Foi um total de 110 imóveis, muitos deles sobrados e casarões construídos pela elite agrária do século XIX, incluindo também a Capela Bom Jesus do Livramento.¹³⁴

Uma das principais razões para o grande uso da arquitetura em terra foi o difícil transporte de outros materiais de construção. Portanto, é nesse ponto em que há uma associação com o tropeirismo ou o meio de transporte da época.

Com o uso da arquitetura em terra, as principais matérias prima, que são a água e a terra, podiam ser encontradas na própria região, sem a necessidade de transporte de outros materiais maiores e difíceis de serem transportados. As técnicas de construção, essas sim eram trazidas através do povo trabalhador, o que pode gerar uma conexão da população em geral do Vale Histórico com o patrimônio material da região.

Oliveira e Zanirato, escreveram um artigo sobre o patrimônio cultural no Vale Histórico e o turismo e nele discutem a importância da relação entre o patrimônio e a comunidade local:

Outro aspecto a considerar é a representação do patrimônio para determinada comunidade, ou seja, se ela se identifica com aquele bem cultural e de que maneira pode usufruir esse patrimônio. Isso ocorre, em parte, pelo entendimento de que o bem patrimonial remete a um tempo histórico passado e que por isso deve ser preservado, mas a comunidade local, no tempo presente, usualmente não se identifica com a história, nem com o bem patrimonial, sendo esse um ônus em que as comunidades se sentem prejudicadas pela ineficiência das políticas patrimoniais, que por um lado protegem o bem e por outro não oferecem alternativa de uso desse patrimônio.¹³⁵

Os autores defendem que a falta de identificação da comunidade com o patrimônio cultural material pode ser prejudicial para contribuição da preservação desse patrimônio. Felipe Oliveira e Silvia Zanirato apresentam o turismo como uma prática que pode contribuir

¹³³ ZANIRATO. op. cit. p. 27

¹³⁴ Ibid.

¹³⁵ DE OLIVEIRA, Filipe Vieira; ZANIRATO, Silvia Helena. *Patrimônio cultural e turismo: uma alternativa para o desenvolvimento local do Vale Histórico Paulista*–SP. Revista Confluências Culturais, v. 6, n. 2. 2017. p. 104.

para a identificação da população do Vale com o patrimônio. Segundo os autores, o turismo cultural pode estimular a memória coletiva, valorizar os espaços culturais e patrimoniais, além de estimular o desenvolvimento econômico.¹³⁶

Para que o turismo cultural possa ser desenvolvido, é necessário que isso perpassasse pela educação. Uma pesquisa realizada em 2014, citada no artigo de Oliveira e Zanirato aponta que moradores do Vale Histórico consideram o patrimônio cultural tombado na região como um atraso ao desenvolvimento¹³⁷. E ainda que a falta de vínculo do patrimônio com a população local seria pela falta de afetividade com as construções, uma vez que elas “representariam” apenas a elite oligárquica¹³⁸.

Com a proposta de ensino de história local voltada ao tropeirismo, os alunos podem relacionar às construções históricas feitas em arquitetura de terra ao modo de transporte de materiais realizado nos séculos passados. Quando trazemos o tropeirismo para associação com o patrimônio material podemos criar um laço afetivo entre os trabalhadores do século XXI e os trabalhadores do século XVIII e XIX, que ergueram os casarões com técnicas de arquitetura em terra.

Portanto trabalhar a história local no ensino básico no Vale histórico, com um projeto voltado ao tropeirismo é resgatar a memória coletiva que pode contribuir diretamente para a conservação do patrimônio material local e difusão da cultura.

¹³⁶ Ibid.

¹³⁷ DE OLIVEIRA, Filipe Vieira; ZANIRATO, Silvia Helena. op. cit. p. 107

¹³⁸ DE OLIVEIRA, Filipe Vieira; ZANIRATO, Silvia Helena. op. cit. p. 109

CAPÍTULO II: A HISTÓRIA DO TROPEIRISMO

Este capítulo irá tratar sobre o tropeirismo no Brasil e em especial na região do Vale do Paraíba paulista e Vale Histórico paulista, apontando sua importância para o transporte de mercadorias, desenvolvimento econômico, social e surgimento de vilas e posteriormente cidades.

Além de registrar as raízes históricas da atividade tropeira no país, esta pesquisa pretende indicar práticas e costumes que integram o que pode ser chamado de cultura e identidade tropeira. O objetivo de tal apontamento é registrar que muitas dessas práticas e costumes ainda estão presentes entre a população residente na região do Vale Histórico paulista.

Para falar sobre o advento do tropeirismo na localidade e suas contribuições para desenvolvimento da mesma é necessário, antes, traçar um histórico sobre os caminhos que cortam a região. Caminhos estes que serão de extrema importância para o entendimento do crescimento da atividade tropeira, pois é através deles que as tropas irão viajar. Portanto, esse capítulo inicia fazendo um breve histórico das trilhas, caminhos e estradas que cortavam a região entre os séculos XVII e XIX, afim de contextualizar a culminância do Caminho Novo da Piedade, atual Rodovia dos Tropeiros.

A compreensão dos motivos para a construção do Caminho Novo da Piedade, bem como o contexto histórico de sua abertura é essencial para os alunos entenderem melhor a história da região do Vale Histórico. É a partir da abertura desse caminho que se inicia o trilhar de tropeiros e o consequente povoamento da região, que culminará na fundação das cidades atuais.

A importância do movimento das tropas foi ressaltada pela historiadora Mirian Bondim, ao escrever que, graças ao fluxo dos tropeiros, a região se tornaria uma grande produtora de alimentos com diversas cidades:

Os colonizadores foram estabelecendo, em suas fazendas, ranchos de pouso para descanso das tropas que percorriam o longo Caminho Novo da Piedade. No entorno desses ranchos, foram surgindo povoados, com vendas, capelinhas, pensões que serviam comida e dormida aos tropeiros. A maioria das cidades de “serra acima”, teve sua origem nesses estabelecimentos.¹³⁹

A pesquisadora ainda afirmou que o Caminho Novo da Piedade, seria também denominado como Estrada Geral de São Paulo. Pois com o advento do café e muitas fazendas

¹³⁹ BONDIM, Mirian. *A Freguesia de Mangaratiba na independência do Brasil*. Sem editora. 2022. p. 23.

que ali habitavam antes da colonização portuguesa. Eram os indígenas Puris que, segundo Píndaro de Carvalho,¹⁴² chegaram à região fugindo de guerras contra outros indígenas, da tribo dos Goitacases, no norte do estado do Rio de Janeiro.¹⁴³

Na região do Vale do Paraíba, os principais caminhos utilizados pelos indígenas eram as vias que margeavam o Rio Paraíba do Sul. O próprio rio e seus afluentes também eram utilizados como meio de circulação. Os caminhos por terra que os indígenas seguiam eram, sobretudo, trilhas traçadas por animais, principalmente antas. Carvalho afirmou que, em 1540, os Puris já habitavam desde a região de Guaratinguetá (SP) até Barra Mansa (RJ), passando pela região de Bananal que corresponde hoje à região do Vale Histórico.¹⁴⁴

Ainda no século XVI já se iniciariam expedições portuguesas rumo ao interior. Carvalho pontuou que essas expedições, tinham como principais objetivos a busca por ouro e também o combate às tribos indígenas. Sendo assim, os primeiros caminhos traçados pelos portugueses no Vale do Paraíba foram bandeiras que cortaram a região, seja para combater indígenas Tamoios, seja para traçar veredas às regiões das Gerais, a fim de atender à mineração. O autor ainda detalha alguns pontos de partida dessas trilhas rumo às Gerais:

A posição do Vale do Paraíba não permitira, é claro, que fosse palmilhado pelas bandeiras que fizeram recuar o Meridiano de Tordesilhas; entretanto, atravessaram-no em diversos sentidos, outras visando o combate aos Tamoios, ou a mineração, em demanda às Gerais, partindo de diversos pontos: da Vila de Santos, de São Paulo, de Jacareí (seguindo pela região da Buquira), de Lorena e Guaratinguetá, transpondo a Mantiqueira pelas gargantas do Embaú e Passa Vinte.¹⁴⁵

Carvalho ainda cita, em seu livro sobre os povoadores de Bananal, algumas bandeiras sobre as quais ele teve acesso pesquisando na obra de Alfredo Ellis Jr.¹⁴⁶ Essas incursões aconteceram entre a segunda metade do século XVI e início do século XVIII, como a empreitada de João Ramalho, datada do ano de 1562 e outra bandeira em 1574, ambas com objetivo de capturar indígenas Tamoios para o trabalho escravo, abrindo novas trilhas e caminhos. No ano de 1597, Martim Corrêa de Sá partira do Rio de Janeiro, indo por mar até Paraty, para então atravessar a Serra do Mar passando pela atual cidade de Cunha (chamada na época de Facão). Esse caminho seria aberto oficialmente mais tarde por Domingos Velho

¹⁴² Memorialista local, morador de Bananal.

¹⁴³ RODRIGUES, Píndaro de Carvalho. *O Caminho Novo: Povoadores do Bananal*. Governo do Estado de São Paulo. Coleção Paulística, V. XVIII. São Paulo, 1980. p. 53

¹⁴⁴ Ibid.

¹⁴⁵ RODRIGUES, Píndaro de Carvalho. op. cit. p. 17

¹⁴⁶ Historiador, sociólogo, ensaísta e professor universitário brasileiro. Alfredo Ellis Jr. Escreveu grande bibliografia sobre a história de São Paulo. FONTE: Instituto de Estudos Brasileiros, USP. Disponível em <https://www.ieb.usp.br/alfredo-ellis-jr/>, acesso em 31/01/2025.

Cabral, em bandeira datada de 1650, buscando caminho para áreas de mineração.¹⁴⁷

A inserção do Vale do Paraíba na rota do ouro se explica geograficamente pela Garganta do Embaú,¹⁴⁸ que foi o nome dado ao ponto mais baixo de toda cumeeira da Serra da Mantiqueira. Sendo possível de ser avistado a dezenas de quilômetros, foi o percurso escolhido pelos bandeirantes que iam em direção às Minas Gerais. Marcos Carrilho chamou a região do vale de “corredor natural de circulação”, uma vez que através da Garganta do Embaú seria possível vencer a Serra da Mantiqueira em direção às minas de metais preciosos.¹⁴⁹



Figura 12: Garganta do Embaú vista da Rodovia Presidente Dutra em Cachoeira Paulista. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b5/Garganta_do_Emba%C3%BA.jpg. Acesso em 12 de maio de 2025.

Um dos primeiros bandeirantes a explorar a região do vale do Paraíba foi o Jacques Félix, no ano de 1636. Fabiana Ribeiro escreveu que o bandeirante realizou a fundação da vila de Taubaté no ano de 1645 e que, no ano seguinte, ele seria ordenado a desbravar ainda mais a região em busca de minas. O bandeirante andou pela região onde logo seria fundada a vila de Guaratinguetá,¹⁵⁰ por Domingos Velho Cabral no ano de 1651.

Domingos Velho Cabral ainda seria responsável por abrir uma rota conhecida como “Caminho Velho”. Ribeiro escreveu sobre o percurso desse caminho, que ia de Taubaté e Guaratinguetá rumo à Paraty, passando pelas localidades que seriam chamadas de Hepacaré (atual Lorena) e Morro do Facão (atual Cunha).¹⁵¹ Esse foi o primeiro caminho utilizado para o escoamento do ouro, vindo de Minas Gerais.

O ouro minerado nas Gerais e transportado pelo Caminho Velho tinha como

¹⁴⁷RODRIGUES, Píndaro de Carvalho. op. cit. p. 17

¹⁴⁸ Localizada nas atuais cidades de Passa Quatro (MG) e Cruzeiro (SP)

¹⁴⁹CARRILHO, Marcos Jose. *Fazendas de café do caminho novo da piedade*. 1994. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-12092024-120515/pt-br.php>. Acesso em: 20 jan. 2025.

¹⁵⁰ RIBEIRO, Fabiana Barbosa. op. cit. p. 7

¹⁵¹ Ibid.

destino final o porto de Sepetiba, no Rio de Janeiro, mas para isso, depois de passar pela região do Vale do Paraíba e transpor a Serra do Mar através do Morro do Facão, era necessário viajar um trecho Marítimo entre Paraty e Rio de Janeiro. Paulo Pereira dos Reis reforçou a ideia de que tais caminhos utilizados eram, antes, trilhas indígenas. O autor escreveu que essa rota, entre Paraty e o Vale do Paraíba, era utilizada por indígenas litorâneos da tribo Guaianás para se relacionarem com o Vale do Paraíba.¹⁵²

O Caminho Velho também ficaria conhecido como “caminho do ouro” e como “Estrada Real”. Toledo explicou que este caminho recebeu essa conotação por ser, na época, a única rota oficialmente reconhecida pela Coroa portuguesa.¹⁵³ Essa situação mudaria com a construção de um novo caminho: o Caminho Novo de Garcia Paes. Esse novo traçado ligava diretamente a cidade do Rio de Janeiro à região de Vila Rica, e também era considerado uma estrada real. Ainda mais tarde, uma nova estrada real seria aberta: o Caminho Novo da Piedade, que cortaria a região do Vale Histórico, vindo a se tornar anos depois a Rodovia dos Tropeiros.

A figura 13 mostra um mapa com o traçado do chamado caminho do ouro, ou Caminho Velho e ainda os posteriores caminhos abertos como o Caminho Novo da Piedade, que cortaria a região do Vale Histórico, vindo a se tornar anos depois a Rodovia dos Tropeiros.

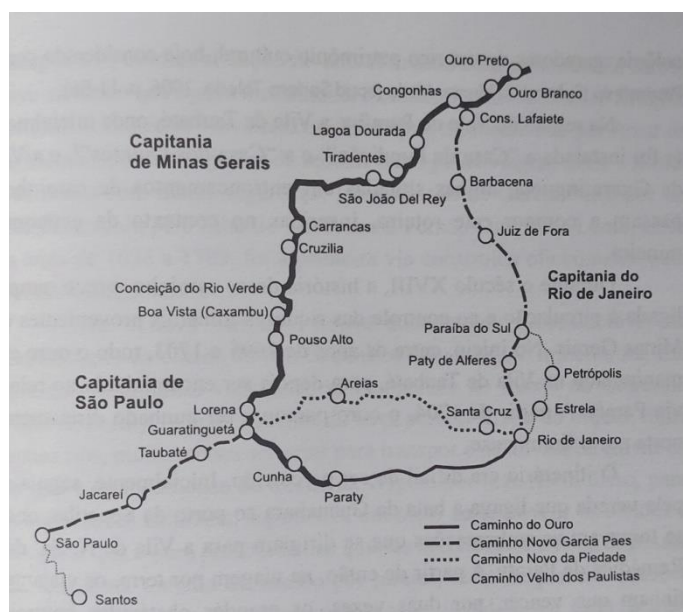


Figura 13: Mapa dos caminhos do Vale do Paraíba no século XVIII in Toledo, 2009, p. 17

Graças a essa movimentação e ao traçado de novos caminhos, o Vale do Paraíba

¹⁵² REIS, Paulo Pereira dos. *O Caminho Novo da Piedade no Nordeste da Capitania de S. Paulo*. São Paulo. Conselho Estadual de Cultura. 1971. p. 25.

¹⁵³ TOLEDO, Francisco Sodero. Pg. 17

paulista já contava com povoados regularmente populosos como Taubaté e Guaratinguetá, no início do século XVIII. Esses dois maiores povoados no Vale não estavam isolados, havia muitos outros menores. Segundo Carvalho, todos eles vivam da produção agrícola, que eram comercializadas através dos tropeiros, que já passavam pela região com esse objetivo¹⁵⁴. Esses mesmos tropeiros espalhavam a notícia das terras férteis e muitas famílias eram atraídas para a região, contribuindo para o crescimento, ainda lento, do Vale do Paraíba.

Ao longo desse século ainda foram surgindo novos povoados no Vale como Caçapava Velha e Pindamonhangaba no ano de 1705, São José dos Campos, em 1775 e Cachoeira em 1778. Tudo isso com o tropeirismo como base, principalmente por conta da descoberta do ouro nas gerais, 1698. Carvalho cita o artigo “A capitania das Gerais, suas origens e formação”¹⁵⁵, escrito por Augusto de Lima, onde o autor afirma que a Capitania de São Vicente teria se mudado expressivamente para a região recém explorada.

Píndaro de Carvalho afirmou que o caminho que levava até as minas de ouro era batido dia e noite por tropas de muare, os principais responsáveis pelo transporte de escravizados, ferramentas ou alimentos.¹⁵⁶ Confirmando ainda mais a importância que os tropeiros tinham para a movimentação do comércio e serviço.

2.2 O Caminho Novo da Piedade

Como já mencionado, em decorrência da exploração de metais e pedras preciosas na capitania de Minas Gerais no século XVIII, a Coroa portuguesa tomou a decisão de abrir rotas oficiais, que punham a cidade do Rio de Janeiro em comunicação com o território mineiro. Essas rotas seriam as chamadas estradas reais.

Nesse sentido, a capitania de São Paulo também precisava ser posta em comunicação com a cidade do Rio de Janeiro através de melhores caminhos e novas obras serão efetuadas, uma delas será a abertura do Caminho Novo da Piedade. Segundo Francisco Toledo, as obras de construção deste caminho foram iniciadas no ano de 1725, e concluídas cerca de cinquenta anos depois, em 1778.¹⁵⁷

Devido a essa demora na sua construção, o caminho terá sua finalidade reapropriada de acordo com o tempo. De início, a ideia era transportar, principalmente, o ouro minerado na região centro-oeste, tal como escreveu Toledo. Segundo o autor, a intenção da coroa é que o

¹⁵⁴ RODRIGUES, Píndaro de Carvalho. op. cit. p. 18

¹⁵⁵ Artigo lançado em Lisboa em 1940

¹⁵⁶ RODRIGUES, Píndaro de Carvalho. op. cit. p. 18

¹⁵⁷ TOLEDO, Francisco Sodero. op. cit. p. 24

ouro seguisse por via terrestre, a fim de evitar os perigos de piratas navais e dificultar possíveis extravios.¹⁵⁸

A viagem entre Rio de Janeiro e São Paulo, em meados do século XVIII, era considerada um grande risco. Além das trilhas, dos quais muitos trechos ainda correspondiam a trilhas indígenas, conforme Fadel Filho descreveu, ainda era necessário atravessar um caminho marítimo, onde não eram incomuns ataques de piratas.¹⁵⁹

A relação entre a preocupação da Coroa com a segurança do ouro e a construção do caminho foi expressa por outros autores. Adriano Novaes afirmou que a decisão de construir o Caminho Novo teria sido tomada pela Corte portuguesa em 1768 e as principais razões seriam, além de um caminho menos extenso, em relação ao Caminho Velho, o fato dos portos de Angra dos Reis e Parati serem alvos fáceis para corsários e piratas.¹⁶⁰

O governador da capitania de São Paulo, Rodrigo César de Menezes é quem determina a construção desse novo caminho, que levará o nome de Caminho Novo da Piedade, porque ele se iniciava na Freguesia de Piedade (atual cidade de Lorena, São Paulo) até a fazenda de Santa Cruz, na cidade do Rio de Janeiro.

Com a abertura desse novo caminho, a região hoje chamada de Vale Histórico, praticamente toda inexplorada até a primeira metade do século XVIII, agora iniciaria um período de desbravamento e povoação e o tropeirismo terá papel fundamental nesse quesito.

Segundo Píndaro de Carvalho, o Caminho Novo da Piedade foi crucial para o nascer e desenvolver de cidades no Vale Histórico paulista, principalmente com a ascensão do café. O pesquisador cita o caso de Areias, fundada em 1782, Bananal em 1783, Queluz em 1801, São José do Barreiro em 1820, Silveira em 1843 e outros povoados menores que também eram pouso ou ranchos de tropeiros.¹⁶¹

Com a entrega do Caminho Novo da Piedade somente no ano de 1778, as regiões auríferas do Sudeste e Centro-Oeste já tinham entrado em decadência de produção de ouro. Toledo afirmou que, mesmo diante disso, o caminho teria grande serventia para o desenvolvimento econômico do Brasil, com o transporte de gados e o transporte do café.

O atraso na entrega do novo caminho ocorreu por vários motivos. A historiadora Mirian Bondim escreveu sobre algumas “dificuldades” na abertura do novo caminho, entre

¹⁵⁸ TOLEDO, Francisco Sodero. op. cit. p. 23-24.

¹⁵⁹ FILHO, Fadel David Antonio. op. cit. p. 6.

¹⁶⁰ NOVAES, Adriano. *Os caminhos antigos no território fluminense*. Projeto de Inventário de Bens Culturais Imóveis, Desenvolvimento Territorial dos Caminhos Singulares do Estado do Rio de Janeiro - Caminhos do Ouro, SEBRAE, UNESCO, INEPAC. 2003/2004. Disponível em http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2008/03/textos_autorais_sem_correcao.pdf. Acesso em 20/01/2025

¹⁶¹ RODRIGUES, Píndaro de Carvalho. op. cit. p 19.

elas estariam as comunidades indígenas que habitavam a região:

Entre as dificuldades encontradas na construção do novo caminho, existia o fato de toda região de “serra acima”, nesse período, ainda ser coberta por mata virgem e habitadas por diversos indígenas, com presença dos puri, botocudo, arari e coroados. Com início da colonização, as matas foram derrubadas e os povos originários, cruelmente, expulsos de suas terras, em lutas com bandeiras, mineradores e colonizadores. Para tal extermínio usavam a justificativa das “guerras justas”, dizendo que os nativos estavam atacando os transeuntes da estrada e estabelecimentos coloniais.

A pesquisadora afirmou ainda que algumas tribos foram aldeadas e enfatizou o extermínio indígena na região dizendo que a abertura do Caminho Novo da Piedade não teve piedade dos nativos da região.

Se o objetivo do novo caminho era facilitar a movimentação das riquezas minerais entre São Paulo e o Rio de Janeiro, ele também serviria para movimentação dos grãos de café. Paulo Pereira dos Reis escreve sobre a importância desse caminho para o surgimento do que ele chama de “civilização do café”:

A estrada da Piedade [...] foi o fator básico, a condição *sinequa non* do desbravamento, conquista e fixação do homem branco em grande trecho do vale médio do Paraíba. Sem esse caminho não teríamos ali a ‘civilização do café’ que lhe foi posterior. O povoamento foi impulsionado, principalmente, pelos governos da Capitania de S. Paulo que ofereceram grandes vantagens aos que se fixassem nas margens do caminho novo, não somente para construí-lo, mas para conserva-lo: doações de sesmarias, isenções de serviço militar, privilégios fiscais, imunidades no campo judicial, [...] Todas essas medidas constituíam o elenco de fascinantes ofertas governamentais que, com o intuito de abrir e manter a estrada para o Rio, proporcionaram a imigrações de criminosos, aventureiros e numerosas famílias para as terras da antiga Freguesia de N. Sa. Da Piedade.¹⁶²

Como já foi dito, o Caminho Novo da Piedade iniciava-se em território da capitania de São Paulo, no termo da antiga vila de Guaratinguetá, terminando em Santa Cruz, na capitania do Rio de Janeiro. De um modo geral, em território paulista, o caminho começava na freguesia da Piedade, da vila de Guaratinguetá, passando pela freguesia de São João Marcos, no alto vale do rio Piraí. Reis ressaltou que durante a execução, a obra encontraria muitos problemas, como a precariedade de recursos técnicos, a dependência de investimentos privados, as dificuldades geográficas e oposições de moradores e políticos, principalmente da freguesia da Conceição do Campo Alegre.¹⁶³

O Caminho Novo da Piedade foi de fundamental importância para a ocupação do Vale do Paraíba na segunda metade do século XVIII, e grande dinamizador para o

¹⁶² REIS, Paulo Pereira dos. *O caminho novo da Piedade no nordeste da capitania de São Paulo: apontamentos para o estudo do “Caminho Novo da Freguesia da N. Sra. Da Piedade à Fazenda Santa Cruz dos padres jesuítas” – 1725-1822*. São Paulo. 1971. p. 119.

¹⁶³ Ibid.

desenvolvimento cultura cafeeira nessa região ao final deste século, e início do oitocentos.¹⁶⁴

A figura 14 mostra um mapa com alguns caminhos do início do século XVIII e também apresenta, com mais detalhes, as cidades ligadas pelo Caminho Novo da Piedade.

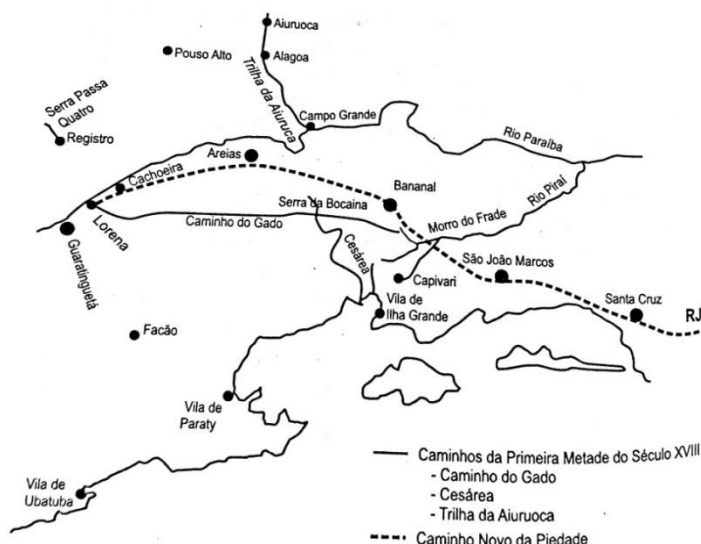


Figura 14: Mapa dos caminhos do Vale no início do século 18. In TOLEDO, 2009, p.46.

O mapa, na figura 14, mostra em tracejado o Caminho Novo da Piedade, tendo início entre as cidades de Lorena e Cachoeira Paulista e adentrando no Vale Histórico, passando pelas cidades de Areias e Bananal, para então passar ao território da Capitania do Rio de Janeiro, onde irá passar por São João Marcos até a Fazenda de Santa Cruz.

2.3 O tropeirismo no Vale

A atividade tropeira, ou o tropeirismo, terá início, não apenas no Brasil, mas também no continente sul-americano a partir dos anos de 1700. Tropeirismo é um termo que deriva de tropa. Como foi dito no primeiro capítulo, foi uma atividade itinerante desenvolvida por um grupo de homens e seus animais, muares e cavalos, os tropeiros, com o objetivo de transportar mercadorias entre as regiões produtoras e os centros consumidores. As mercadorias eram transportadas através de várias trilhas, conectando várias regiões.

A história da chegada dos equinos no continente sul-americano tem suas origens na Argentina. Segundo pesquisas realizadas por Carpegiani e Cyro Filho, foi por volta de 1535

¹⁶⁴ D'ELBOUX, Roseli Maria Martins. *Manifestações neoclássicas no Vale do Paraíba: Lorena e as palmeiras imperiais*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2008. p. 110.

que Dom Pedro Mendonza, fundador da cidade de Buenos Aires, trouxe consigo 75 equinos da Espanha que se multiplicariam com o decorrer dos anos às margens do Rio da Prata.¹⁶⁵ Os autores afirmaram que isso seria crucial para advento do tropeirismo no Brasil, já que os indígenas brasileiros não conheciam os cavalos.

Os chamados gados muares e também os bovinos chegaram ao sudeste do Brasil vindo do sul do continente. Paulo Silveira Santos afirmou que as tropas de animais chegavam da Argentina, Uruguai, Rio Grande do Sul e Paraná e esse trânsito fora facilitado com a abertura da estrada Rio Grande do Sul a São Paulo, no ano de 1729.¹⁶⁶ Essa rota foi de intenso tráfego de tropas montadas até que a criação de gado se estabelecesse na região.



Figura 15: Mulas sendo preparadas para dia de jornada. In: www.portaldorrancho.com.br/portal/tropeirismo-patrimonio-da-humanidade, acesso em 07 de janeiro de 2026

Os muares, gados resultantes do cruzamento entre asnos e equinos, também chamados de burros (machos) ou mulas (fêmeas), serão os escolhidos para o transporte de cargas no interior da Colônia. Márcia Kunouchi e Cláudia Monlet afirmaram que o resultado da reprodução entre essas duas espécies cria um animal com força muscular e vigor esquelético necessário para longas jornadas transportando cargas pesadas que podiam variar entre 6 e 12 arrobas. As pesquisadoras ainda dissertaram sobre a complexidade do processo de reprodução:

Fruto da cruz entre asnos e equinos, os muares associam a robustez muscular e resistência do esqueleto do asno com um porte maior, herdado das características dos cavalos. Em princípio, esse hibridismo não ocorre in natura. Para que estes animais existam, é necessária a ingerência humana no processo de reprodução. É um processo complexo, que passa pela separação dos rebanhos de distintas espécies – os asininos e os eqüinos – sub-repartidos por sexo, isolados dos reprodutores de outros

¹⁶⁵ CARPEGEANI, Cleuza Barbosa de Freitas; FILHO, Cyro de Barros Rezende. *Caminho das Tropas: A importância da preservação histórica e cultural como meio de preservação ambiental no Vale do Paraíba*. Revista de Ciências Humanas – Universidade de Taubaté, Vol. 1, N. 1. Taubaté. 2009. p. 4.

¹⁶⁶ SANTOS, Paulo Silveira. op. cit. p. 84.

animais de sua própria espécie, requerendo vigilância constante para não pôr a perder o burro reprodutor (burro hechor).¹⁶⁷

Por razão desse hibridismo não ocorrer de forma natural e ser necessária uma série de cuidados, os valores, o preço desses animais costumava ser bem mais alto, como Kunouchi e Molet demonstram a partir de inventários encontrados em algumas fazendas no Rio Grande do Sul, em que os gados muares valiam até 15 vezes mais do que cavalos mansos.¹⁶⁸

Um ponto determinante para a expansão do transporte de cargas através dos animais foi a exploração do ouro na região de Minas Gerais. Carpegiani e Cyro Filho afirmaram que, a partir de 1730, ficou evidente a necessidade de ampliação das formas de transporte dos materiais oriundos da mineração. É quando os paulistas, que já dominavam a maioria das atividades de exploração de minérios, decidiram adequar o sistema de transporte às maiores demandas.¹⁶⁹ Então, cavalos e mulas começaram a ser utilizados.

Não apenas o ciclo do ouro em Minas Gerais, mas também o “ouro verde” ou o ciclo do café só será possível deslanchar graças às tropas de muares. Silveira Santos escreveu que a expansão cafeeira que trouxe riqueza ao Vale do Paraíba paulista só foi possível graças às tropas de cargas.¹⁷⁰

Durante os séculos XVIII e XIX, o tropeirismo terá grande destaque social e irá contribuir para a expansão e ocupação do território brasileiro. Carpegiani e Cyro Filho ressaltaram que o advento da atividade tropeira foi essencial para a integração humana e geográfica do país. Os autores afirmam que o tropeirismo não foi apenas uma opção de transporte, mas foi também um ciclo econômico e social que mudaria as relações de comércio no Brasil, substituindo o bandeirismo.¹⁷¹ Portanto, o tropeirismo afetou diretamente os meios econômicos e sociais do Brasil do século XVIII.

Não apenas a ocupação do território, mas o desenvolvimento de muitas regiões do país só será possível graças à atividade tropeira. Silveira Santos, em seu trabalho, citou o livro *História do Brasil*, do historiador britânico Robert Southey¹⁷², em que o autor afirmava que o progresso que se verificou no Brasil a partir do século XVIII só foi possível graças ao

¹⁶⁷ KUNIOCHI, Marcia Naomi; MOLET, Claudia Daiane Garcia. *Uma comunidade quilomba na rota dos tropeiros*. 2009. p. 4

¹⁶⁸ Ibid.

¹⁶⁹ CARPEGEANI, Cleuza Barbosa de Freitas; FILHO, Cyro de Barros Rezende. 2009. op. cit. p.3

¹⁷⁰ SANTOS, Paulo Silveira. op. cit. p. 84

¹⁷¹ CARPEGEANI, Cleuza Barbosa de Freitas; FILHO, Cyro de Barros Rezende. 2009. op. cit. p.3

¹⁷² Considerado como uma dos grandes historiadores de sua época e também um dos grandes poetas ingleses do Romantismo, o autor escreveu “História do Brasil” que fora publicado originalmente na década de 1810. A obra foi considerada um marco da historiografia brasileira, lançada no Brasil em 1862 em seis volumes pela livraria Garnier. FONTE: Livraria do Senado, <https://livraria.senado.leg.br/index.php?route=product/product&product_id=876>, acesso em 07/04/2024.

tropeirismo. Santos reforçou que foram os mercadores ambulantes montados em tropas de muares que trilhavam caminhos que eram impossíveis de serem acessados por carretas de rodas¹⁷³. Sendo assim, quem fazia todo percurso com alimentos, utensílios, móveis e materiais em geral eram os tropeiros e seus muares.

Na região do Vale Histórico não era diferente. Durval Ferreira, ao se referir às condições de transporte na região do vale histórico, cruzando a atual estrada dos tropeiros (SP-068), fez a seguinte elucidação:

Durante quase três séculos, porém, esse foi o único tipo de transporte possível nessa região montanhosa de trilhas íngremes que, na época, nenhum veículo de rodas conseguia vencer. Só esses animais, com suas cargas, enfrentavam os obstáculos difíceis das ladeiras de pedras soltas, contornando abismos e vencendo os desafios das trilhas na floresta. Por esses caminhos, cruzando as serras da Bocaina e do Mar, eles alcançavam os portos marítimos de Parati, Angra dos Reis e Mambucaba, no atual Estado do Rio de Janeiro, em viagens que consumiam, às vezes, uma semana inteira.¹⁷⁴

Além de objetos e alimentos em geral, os tropeiros também irão frequentemente transportar grandes quantias em dinheiro. Silveira Santos pontuou que não havia, no século XVIII, redes bancárias tão organizadas e nem se fazia uso do cheque, portanto o transporte de dinheiro era feito pelos tropeiros, que dependendo da quantia eram acompanhados por guardas¹⁷⁵. Isso evidencia ainda mais a importância dessa atividade para o desenvolvimento econômico do século XVIII.

O chamado “Ciclo do Tropeirismo” terá grande destaque em São Paulo, durante o século XVII, como um ofício considerado empresarial. Fadel Filho afirmou que essa profissão foi essencial para circulação do capital no decorrer desse século, mas foi a partir da segunda metade do século XVIII que o tropeirismo se popularizou e ganhou muito mais adeptos.¹⁷⁶ Além de transportar as mercadorias e dinheiro, como já citado, o tropeiro também fazia a função de interlocutor de notícias, sendo muitas vezes aguardado ansiosamente pela comunidade local.

No século XIX, com o advento do café, o Vale do Paraíba será tomado pelo tropeirismo, incluindo a microrregião do Vale Histórico. O tropeirismo irá se tornar uma “verdadeira instituição”, como irá definir Fadel Filho. O autor categorizou o tropeirismo como uma autêntica cultura que fora inserida na comunidade do Vale Histórico, tendo seus

¹⁷³SANTOS, Paulo Silveira. op. cit. p. 84

¹⁷⁴FERREIRA, Durval. *No Caminho dos Tropeiros*. Revista Geográfica Universal. Rio de Janeiro, n° 274, p.84-91, Nov/1997. p. 86.

¹⁷⁵SANTOS, Paulo Silveira. op. cit. p. 86-88.

¹⁷⁶ FILHO, Fadel David Antonio. 2011. op. cit. p. 12.

hábitos característicos e suas regras específicas¹⁷⁷. Ou seja, o tropeirismo irá se tornar uma cultura genuína.

O tropeirismo irá movimentar consideravelmente a economia na região do Vale Histórico. Várias outras funções e profissões irão se apoiar na atividade tropeira e uma grande rede de ofícios irá se encadear. Fadel fala sobre uma verdadeira estrutura de apoio:

Nas fazendas e mesmo nos núcleos urbanos, e nas mais distantes ou modestas paragens, havia uma infraestrutura de apoio: estalagens, abrigos, ranchos abertos ou fechados, currais, profissionais que lidavam com o couro, arreamento, selaria, o ferreiro, os artesãos que fabricavam cestos e bruacas (o seleiro, o cangalheiro), o funileiro, o ferrador, o jacazeiro, todos imprescindíveis para as tropas, encontrados em todas as cidades do vale e, em alguns casos, nas fazendas e pousadas.¹⁷⁸

Logo, o autor afirma que era necessário um grande suporte para que as tropas pudessem realizar a tarefa de transporte das mercadorias passando pelo Vale Histórico.



Figura 16: Descanso de uma caravana. RUGENDAS, J. M. 1835. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Brazil_in_art_by_Johann_Moritz_Rugendas#/media/File:Rugendas_-_Repos_d'une_Caravanne.jpg. Acesso em: 26/05/2025

A cultura tropeira estabelecia metodologias específicas para o desenvolvimento das atividades rotineiras. A tarefa de preparar o animal para enfrentar uma jornada de trabalho era feita de forma sistemática. Fadel afirma que seguir esses procedimentos era respeitar a tradição e garantir a segurança e eficiência do trabalho das tropas.¹⁷⁹ O tratamento de ferimentos e doenças dos animais também seguiam rigorosamente o processo de medicina popular que o tropeirismo irá assumir.

O modo de viagem dos tropeiros também tinha características específicas. Isso para segurança dos viajantes, animais e mercadorias. Toledo explicou que o comum era realizar a viagem na parte da manhã, seguindo até o próximo pouso, visando chegar para o almoço.

¹⁷⁷FILHO, Fadel David Antonio. 2011. op. cit. p. 12-13

¹⁷⁸FILHO, Fadel David Antonio. 2011. op. cit. p.13

¹⁷⁹FILHO, Fadel David Antonio. 2011. op. cit. p.15

Depois do almoço, as tropas descansavam e pernoitavam para, na manhã seguinte, seguirem novamente. As vezes era necessário viajar a noite, isso em condições extraordinárias como atrasos, ou mesmo para evitar o forte sol no verão.¹⁸⁰

As viagens durante a noite não eram ideais, pois apresentavam mais riscos. Devido ao caminho estreito, a mata fechada e a falta de iluminação, o tocador da tropa deveria ter uma atenção redobrada para que nenhum cargueiro se perdesse, como explicou Toledo¹⁸¹. Outro agravante era que as mulas cargueiras não eram animais noturnos, como escreveram os viajantes e pesquisadores alemães Spix e Martius, que em 1817 viajaram do Rio de Janeiro a São Paulo com um grupo de tropeiros:

A viagem a noite tem, nos trópicos, particularmente pela agradável frescura que anima o viajante depois do calor escaldante do dia, um grande encanto. Também a paisagem expõe novos e surpreendentes quadros, que, pela incerteza dos contornos, excitam a fantasia do europeu, de modo especial. Somente a viagem noturna não é conveniente para as mulas cargueiras, porque elas têm o costume de dormir de preferência da meia-noite até a manhã.¹⁸²

Spix, zoólogo, e seu companheiro de viagem Martius, botânico, ainda relataram outras dificuldades que os tropeiros deveriam vencer ao longo de seu trajeto, tais como as travessias perigosas de alguns rios e as ameaças de animais peçonhentos, que requeriam cuidados especiais das tropas afim de evitar acidentes com esses animais:

Realmente, o encontro com cobras venenosas, que saem durante a noite em busca de presa e preferem à mata os caminhos mais claros, constitui grande perigo para os que viajam de noite, sobretudo nestas regiões, onde a pequena jararaca é muito comum. Alguns dias antes havíamos encontrado, nas horas mais quentes do dia, quando descansávamos, uma destas cobras malignas numa árvore oca; com muita sorte, ela pôde ser apanhada e metida em álcool.¹⁸³

Os viajantes relatam, além dos riscos com os bichos, os perigos da própria natureza, como raios e tempestades que eram frequentes na Serra do Mar. Sem contar do denso nevoeiro que constantemente encobria o caminho, oferecendo imensa dificuldade para os tropeiros enxergarem o percurso. Segundo Toledo, nessas horas os tropeiros contavam com seu maior aliado: os próprios muares, que podiam visualizar as trilhas melhor do que ninguém, conduzindo assim, toda tropa em segurança.¹⁸⁴

Outro ponto, sobre o modo de viagem, é que os tropeiros sempre viajavam montados

¹⁸⁰ TOLEDO, Francisco Sodero. 2009. op. cit. p. 75-76.

¹⁸¹ TOLEDO, Francisco Sodero. 2009. op. cit. p. 76.

¹⁸² MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von; SPIX, Johann Baptist von. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. 3 volumes. Brasília: Senado Federal. 2017. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/573991>. Acesso em: 01/04/2025. p. 152

¹⁸³ Ibid.

¹⁸⁴ TOLEDO, Francisco Sodero. 2009. op. cit. p.73

em algum lugar, fosse um cavalo ou uma mula. As vestimentas do tropeiro e os acessórios que ele carregava também eram com a finalidade de proporcionar uma viagem menos fadigosa e mais segura possível. Os pesquisadores Spix e Martius detalham algumas vestes e acessórios:

O traje desses roceiros é inteiramente adequado às condições do local: chapéu de feltro cor de cinza com abas muito largas, que serve igualmente para proteger contra o sol e contra a chuva; um poncho azul comprido, muito vasto, tendo no meio uma abertura por onde passa a cabeça; calças e paletó de tecido escuro de algodão; botas altas, não engraxadas, seguras embaixo do joelho por uma correia e fivela; facão comprido, com cabo prateado, que, como arma defensiva, mete-se no cinturão ou no cano da bota, é também de muita serventia à mesa como para outros misteres.¹⁸⁵

A figura 6 mostra um tropeiro paulista com seu poncho cobrindo seu corpo e parte do animal.



Figura 17: Um Tropeiro Paulista. Thomas Ender, 1817. São Paulo. In: TOLEDO, 2009, p. 75.

As tropas podiam variar em seu número de integrantes, podendo ter entre dezenas ou centenas de animais. Por essa razão, Fadel escreveu que muitas tropas eram divididas em lotes. Luz destacou que as tropas poderiam ser classificadas de acordo com as cargas transportadas e isso iria determinar o número de animais da tropa. Segundo o autor, os “Tropeiros de pequeno volume” levavam mercadorias diversas como temperos, fumo, pinga, óleos etc. Já os “Tropeiros de grande volume” eram os responsáveis por transportar o ouro, açúcar ou café no Caminho Novo da Piedade.¹⁸⁶

Na frente de cada grupo ia uma mula já treinada, assim como na retaguarda. A primeira chamada de “madrinheira” e a última de “culatra”. Esses animais exerciam papel importante para a sistemática das viagens:

¹⁸⁵ MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von; SPIX, Johann Baptist von. *Viagem pelo Brasil* (1817-1820). 3 volumes. Brasília: Senado Federal. 2017. p. 156. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/573991>. Acesso em: 01/04/2025

¹⁸⁶ LUZ, Rogério Ribeiro da. *5 Cidades Paulistas: uma pequena viagem*. São Paulo: KMK, 2002. p. 264.

[...] Cada grupo ou tropa era comandada por uma mula treinada para a função e, em geral, arreada como um cavalo de sela. Atrás dessa mula, chamada “madrinheira” ou “mula de cabeça”, iam os outros muare. Essa “madrinheira”, mula guia, levava ao pescoço um sino de lata, o cincerro, que emitia um ruído que mantinha unido e dava direção ao grupo. Ademais, a “madrinheira” recebia adornos especiais, guizos de bronze e outros enfeites. [...] Por fim, atrás do grupo, seguia uma mula chamada de culatreiro ou culatra, normalmente um animal mais tranqüilo e manso, acostumado a não deixar nenhum animal da tropa se atrasar ou se extraviar.¹⁸⁷

Fadel ainda relatou que, segundo suas pesquisas, logo atrás da mula madrinheira vinha um burro nomeado de dianteiro, que tinha por função não deixar nenhum animal ultrapassá-lo, dando coice e mordidas aos animais que tentavam.¹⁸⁸

Outra função relatada nos estudos de Fadel é a de madrinheiro ou guiador. Essa função era desempenhada por um garoto entre 8 e 15 anos, que guiava o grupo montado em uma mula mansa. Para tal era necessário que ele conhecesse o caminho e soubesse cozinhar, pois era também o responsável por preparar o café da manhã, almoço e jantar das tropas. Muitas vezes o madrinheiro se adiantava no caminho para chegar mais cedo que a tropa no pousos e já deixar preparada a refeição dos tropeiros famintos.¹⁸⁹

O responsável por conduzir a tropa era chamado de tocador. O dono da tropa, ou o funcionário de confiança do mesmo, exercia a função de arreador, que tinha como incumbência zelar pela carga, os animais e tratar de negócios durante a viagem, como escolher os pousos. Barros explicou que, para desempenhar a função de arreador, ou “arrieiro” (nome dado na região de Minas Gerais), o tropeiro deveria ter um profundo conhecimento das técnicas, tradições e toda complexidade sistemática do tropeirismo:

O “arrieiro”, lugar-tenente do patrão no comando atilado da tropa, devia ser homem afeito aos tropeiros do sertão; precisava conhecer a fundo o ofício, as manhas dos animais, a fidelidade ao “madrinha”, assim como a lidar com o complexo aparelhamento empregado: as mantas, baixeiros, sobrecincha, sobrecargas, lombilhos, pelegos, caronas, albardas, socadinhos, cutucas, cabrestos, bucais, cangalhas com retrancas e peitorais, seligotes, bastos, cabeça das tintilantes, diversas espécies de couros, um conjunto que se afigurava [...] “bizarro, de rude e bárbaro aspecto”.¹⁹⁰

Para aparelhar o animal e deixá-lo pronto para a viagem, o arreador deveria verificar se todas as regras foram seguidas fielmente. Fadel explicou que tais regras eram seguidas a fio porque tiveram sua eficácia comprovada pelo dia a dia. Algumas dessas verificações eram a inserção correta e metódica de todos os arreios no animal, bem como todos os demais

¹⁸⁷ FILHO, Fadel David Antonio. 2011. op. cit. p.14

¹⁸⁸ Ibid.

¹⁸⁹ Ibid.

¹⁹⁰ BARROS, Gilberto Leite de. *A Cidade e o Planalto: processo de dominância da cidade de São Paulo*. Martins, 1967^a (Tomo I). p.162.

apetrechos e as cargas.¹⁹¹

Cuidados com os animais e tratamentos veterinários também foram cuidadosamente inseridos na cultura tropeira. Através de observações e atestados de eficiência na prática os tropeiros adotaram métodos peculiares. Fadel explicou que eram utilizadas ervas medicinais, poções e benzimentos de forma sistemática para tratar moléstias nos muares. As práticas de medicina veterinária mais utilizadas eram a de castração e tratamento de “bicheiras”, picadas de cobras e ferimentos nos cascos.¹⁹²

No Vale Histórico, o tropeirismo assumirá um protagonismo no desenvolvimento das cidades ao longo da rota denominada como “Caminho Novo da Piedade” (a atual SP-68). Este será o principal caminho de escoamento do café do Vale do Paraíba paulista até o advento da estrada de ferro na região. Como Fadel escreveu, essa estrada será crucial para o fluxo de mercadorias, sendo a principal delas o café. O autor ainda lembra que este não seria o único caminho frequentado pelos tropeiros, também tinha a “Trilha do Ouro”, caminho que passava pelas cidades de Areias e São José do Barreiro, cruzando a Serra da Bocaina e descendo no litoral próximo à cidade de Parati.¹⁹³ Portanto, a Estrada dos Tropeiros será crucial para a chegada e consolidação da cultura tropeira no Vale Histórico Paulista.

2.4 A diversidade nas tropas

É um equívoco imaginar que os trabalhadores nas tropas se constituíram por um grupo homogêneo. Pelo contrário, há registros de grupos de tropeiros por todo Brasil em que se poderia encontrar na composição da equipe homens brancos livres, escravizados e indígenas, como a “Frota de João de Magalhães”, considerada uma das principais para arrebanhar animais e explorar terras no sul do país, segundo Marcia Kuniouchi e Claudia Molet¹⁹⁴.

Gilciano Menez Costa analisou relatos de alguns viajantes que utilizaram o transporte de tropeiros e relataram a presença de cativos em meio às tropas. Inclusive, o autor afirmou que havia uma “especialização” do escravizado na função de tropeiro, fazendo com que esse cativo tivesse uma elevação em sua cifra para venda¹⁹⁵.

¹⁹¹ FILHO, Fadel David Antonio. 2011. op. cit. p.15

¹⁹²IBID.

¹⁹³FILHO, Fadel David Antonio. 2011. op. cit. p.17

¹⁹⁴KUNIOCHI, Marcia Naomi; MOLET, Claudia Daiane Garcia. *Uma comunidade quilombola na rota dos tropeiros*. 2009. p. 3.

¹⁹⁵COSTA, Gilciano Menezes. *Os escravos tropeiros em Itaboraí: Uma análise dos relatos do viajante Hermann Burmeister*. XVI ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO: SABERES E PRÁTICAS CIENTÍFICAS. Rio de Janeiro: UNIVERSIDADE SANTA ÚRSULA, p. 4-5, 2014. Disponível em

A participação em tropas podia desenvolver nos escravizados novas experiências, através de observações e vivências com diversos grupos de pessoas, como inspirações para novas formas de resistência à escravidão e habilidades de negociação. A pesquisa de Costa encontrou relatos de fazendeiros que condenavam os que permitiam que escravizados pudessem exercer atividades diferentes daquelas efetuadas na monocultura das fazendas cafeeiras¹⁹⁶.

Sobre a presença de indígenas nas tropas, há relatos além do caso da Frota de João de Magalhães no Sul do país, mencionado no artigo de Gilciano Menezes Costa, onde também é descrita a presença de indígenas na composição das tropas. Um exemplo é o relato de viagem do príncipe da Prússia, Adalberto, em 1842, na região de Itaboraí. O príncipe afirmou que a maioria dos tropeiros presente na ocasião era de “escravos, negros e mulatos, entre os quais se veem as vezes alguns índios”¹⁹⁷.

Os escravizados, que na grande maioria das vezes eram restritos ao trabalho nas fazendas, tinham através do tropeirismo uma pequena expansão em seus espaços de sociabilidade. Segundo Costa, a especialização do tropeirismo permitia aos escravizados gerarem uma ligação entre os espaços urbanos e rurais devido à movimentação¹⁹⁸.

As mulheres eram raridade nas tropas. Muitos pesquisadores afirmaram que a presença da mulher era nula, como a pesquisadora Adriana Fraga da Silva. Ao falar sobre as comidas preparadas pelos tropeiros, afirmou que os homens eram totalmente responsáveis pelo preparo da comida, uma vez que não havia presença feminina nas tropas.¹⁹⁹ Mas nem por isso, as mulheres deixaram de ser agentes ativos nesse processo.

As mulheres irão desempenhar um papel importante nessa época em que o tropeirismo seria uma atividade bastante exercida. Nos assuntos referentes ao lar, a mulher será a responsável pela administração da casa na ausência do marido tropeiro. Conforme escreveu Joelma Kalicz e Antonio Benatte, devido ao trabalho do marido ser uma função viajante, como quase um nômade, as mulheres serão responsáveis pela manutenção da casa, a administração do patrimônio familiar além, claro, da criação dos filhos e filhas²⁰⁰.

https://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1408321312_ARQUIVO_ESCRAVOS_TROPEIROS.pdf, acesso em 3 de março.

¹⁹⁶COSTA. 2014. op. cit. p. 5

¹⁹⁷Ibid.

¹⁹⁸Ibid.

¹⁹⁹SILVA, Adriana Fraga da. *"Meu avô era tropeiro!"*: identidade, patrimônio e materialidades na construção da terra do tropeirismo-Bom Jesus (RS). Porto Alegre, 2009. p. 97

²⁰⁰ KALICZ, Joelma; BENATTE, Antônio Paulo. *A Mulher na época do Tropeirismo*: um olhar sobre Castro-PR. In: O professor PDE e os desafios da escola pública paraense. Vol.1. Secretaria de educação Paraná. 2012. p. 5

Ainda que em pouco número, os viajantes Spix e Martiusescreveram em seus relatos sobre a presença de mulheres nas tropas viajantes. Os europeus escreveram que era muito comum que as mulheres viajassem atrás do homem, na garupa de seu cavalo. Ainda relataram o tipo de vestimenta comum entre elas: “...as mulheres usam vestidos de pano, largos e compridos, e chapéus redondos desabados...”²⁰¹.

As mulheres, muitas das vezes, eram encarregadas das práticas medicinais, quando necessário. Spix e Martius relatam sobre essa habilidade das mulheres, comparando sua maestria no manuseio de plantas com os sertanejos.²⁰² Os viajantes ainda citam que muitas vezes elas agiam na tentativa de cura para picadas de serpentes²⁰³.

Pousos e ranchos foram estruturas essenciais para a logística dos tropeiros. Os pousos eram estabelecidos ao longo do caminhopercorrido pelas tropas durante um dia. A depender do terreno, essa distância poderia variar entre 18 e 24 quilômetros no Vale Histórico Paulista. Em cada pouso, poderiam existir vários ranchos, que eram as edificações cobertas onde os tropeiros se alimentavam, dormiam e interagiam socialmente como forma de distração. Mas em geral, os tropeiros não diferenciavam pousos e ranchos, eles designavam tudo como uma única coisa.

Fazendeiros que estavam estabelecidos na região viram como uma grande oportunidade de negócio abrir ranchos, com armazéns e pousadas para os tropeiros que trafegavam pela estrada²⁰⁴. Como já foi afirmado neste trabalho, esses ranchos e pousos são essenciais para entendimento da diversidade cultural que o Vale Histórico estava vivenciando. Esses eram os locais de encontro de diversas culturas.

Havia muitos ranchos ao longo do Caminho Novo da Piedade. Alguns se destacavam por serem imensos, enquanto outros eram menores. Em geral, os ranchos eram estruturas simples, sem paredes, sem chão nivelado e com telhado precarizado. Toledo explicou:

Os ranchos eram construções existentes à beira do caminho, que serviam de abrigo provisório e descanso para os viajantes. Eles eram encontrados em pontos estratégicos, em lugares altos, de preferência, próximos a um ribeiro e a um pasto onde ficavam os animais. Tornavam-se pontos de parada obrigatória²⁰⁵.

²⁰¹ MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von; SPIX, Johann Baptist von. 2017. p. 156. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/573991>. Acesso em: 01/04/2025

²⁰² MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von; SPIX, Johann Baptist von. 2017. p. 205. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/573991>. Acesso em: 01/04/2025

²⁰³²⁰³ MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von; SPIX, Johann Baptist von. 2017. p. 245. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/573991>. Acesso em: 01/04/2025

²⁰⁴ BONDIM. Mirian. op. cit. p. 23

²⁰⁵ TOLEDO, Francisco Sodero. 2009. op. cit. p. 84

Parada obrigatória e única opção para os viajantes trabalhadores que andavam junto às tropas de mulas. Em meio aos viajantes, como já mencionado, havia negros, pardos e as vezes indígenas. Toledo irá chamar os ranchos de “paisagem cultural”²⁰⁶ devido à grande diversidade de pessoas que ali paravam nos pousos.

Os naturalistas europeus von Martius e von Spix, viajando com as tropas em 1817, relataram a dificuldade que tiveram para dormir em um rancho no Caminho Novo da Piedade devido à festança ocorrida. Segundo os viajantes, o rancho de Brás Arruda²⁰⁷, em Bananal, tinha uma grande quantidade de negros que cantavam e dançavam à noite toda, fazendo muito barulho²⁰⁸. Esse relato deixa explícito que os ranchos não eram locais apenas de comércio e descanso para as tropas, mas também de festas e trocas culturais. E, em pleno 1817, os negros tinham certa liberdade para se manifestarem em festas nesses ranchos.

Outra fonte de observação da diversidade étnica nas tropas é a culinária tropeira. É possível perceber influências africanas, europeias e indígenas em comidas preparadas para as jornadas das tropas.

Uma característica da culinária indígena que é adotada pelos tropeiros é o ato de “moquear” a carne para que ela não estragasse tão depressa. João Rural, que escreveu sobre as comidas típicas no fundo do Vale do Paraíba, afirmou que no meio das tropas havia indígenas que eventualmente ensinavam práticas de caça e pesca. Após a captura de algum animal, deixavam a carne secar para jogar dentro do pilão de socar junto com farinha de mandioca ou farinha de milho. Com isso, a carne era preservada por mais tempo²⁰⁹.

Outro alimento que fazia parte do cardápio do tropeiro era a mandioca e a farofa de içá, heranças claras dos indígenas. João Rural contou que a partir da *manioca*, como era chamada pelos indígenas, os nativos produziam farinha e mingau, além de uma bebida com teor alcoólico. O pesquisador explicou que a farinha de mandioca como conhecemos hoje foi desenvolvida através de práticas de cozimentos europeus que os tropeiros aplicaram.

A farofa de içá também foi adicionada ao cardápio dos tropeiros por influência dos indígenas. Os indígenas do Brasil já tinham o hábito de consumir alguns insetos e a içá era um deles²¹⁰. A formiga, de grande valor nutritivo, incorporada à culinária tropeira e caipira, é mais um indício da diversidade presente nos ranchos e nas comitivas de tropas.

²⁰⁶ TOLEDO, Francisco Sodero. 2009. op. cit. p. 83.

²⁰⁷ João Brás de Oliveira Arruda era um grande proprietário de terras em Bananal.

²⁰⁸ BONDIM, Mirian. 2022. op. cit. p. 32.

²⁰⁹ RURAL, João. op. cit. p. 73.

²¹⁰ FONTES, Vitória; SANTOS, C. M. M.; HENRIQUE, Viviane Soccio Monteiro. op. cit. p. 1.

Até os utensílios e materiais utilizados na cozinha caipira são um indício da diversidade étnica e cultural. Panelas, canecas, chaleiras, caldeirões, tachos, pilão, cuia, entre outros são apetrechos que expõem tradições europeias, africanas e indígenas. Os materiais dessas peças podem ser de barro, ferro, alumínio, cobre e louça, corroborando com a interseção de vários conhecimentos culturais diferentes²¹¹.

O tropeirismo desenvolveu muitas técnicas que hoje seriam consideradas como sustentáveis. Devido à escassez de recursos e alimentos, os tropeiros aprenderam a reutilizar quase tudo. Isso pode ser associado aos saberes tradicionais das comunidades indígenas do Brasil, que com certeza auxiliaram nesse desenvolvimento de reutilização de recursos. Natália Mendes afirmou em sua pesquisa que os tropeiros praticamente não produziam lixo, pois quase tudo era reaproveitado. Segundo a autora, os tropeiros aprenderam a utilizar tudo o que tinha ao redor, que a natureza poderia oferecer.²¹²

Sendo assim, não podemos considerar que o tropeirismo se desenvolveu somente através de homens livres e brancos, pelo contrário, a participação de diversos grupos e a participação das mulheres na conjuntura social foi demasiadamente importante para que essa atividade pudesse prosperar.

²¹¹CARLETTI, Silmara Queiroz; MIYAZAWA, Valquiria; FERRO, Rafael Cunha; MORAES, Claudia Maria de; PRINCE, Ana Eneidi. op. cit. p. 26.

²¹²MENDES, Natália Corrêa Araújo. op. cit. p. 97.

CAPÍTULO III: DE POUSO EM POUSO – O MATERIAL PEDAGÓGICO

Este capítulo propõe apresentar um roteiro didático voltado ao professor para ser desenvolvido na disciplina de História, para os anos finais do ensino fundamental. Com o objetivo de abordar a história local do Vale Histórico Paulista, este roteiro contará com oito atividades.

Cada uma dessas oito atividades aborda, de diferentes formas, a temática do tropeirismo e suas continuidades no Vale Histórico Paulista. Foi recomendado um tempo para a realização de cada atividade, como por exemplo, há atividades que se recomenda a realização em uma aula e há outras com recomendação de duas aulas. A previsão de tempo apresentada constitui apenas uma sugestão, considerando que a aplicação das atividades dependerá do ritmo de aprendizagem da turma e das adaptações ou ajustes que o professor responsável julgar necessário realizar.

A Atividade 1: O que é o tropeirismo, com tempo previsto de 1 aula tem como objetivo apresentar aos alunos o que foi o troperirismo e sua importância na composição atual da regiãoem que vivem. Nesta atividade será usado um poema que descreve o modo de vida tropeiro.

A Atividade 2: A importância do tropeirismo para o Vale Histórico e o Brasil, com duração de 1 aula, pretende abordar a importância do tropeirismo na questão econômica, não apenas para a região, mas para todo Brasil, mostrando aos alunos como o movimento tropeiro foi essencial para o ciclo do café. Além disso, mostrar as mudanças ocorridas no Vale, como o surgimento e desenvolvimento de cidades e a chegada de novas culturas, como a culinária e as vestimentas.

A Atividade 3: Viajando com as tropas, propõe que os alunos analisem, durante uma aula, os relatos de viagens da época do tropeirismo, permitindo que os alunos tenham contato com documentos históricos escritos à época. Esta atividade adotará a metodologia de rotação por estações. Ao passarem por todas as estações, os alunos compreenderão como eram as condições precárias de viagens dos tropeiros, os perigos ao longo do caminho, as formas de cozinhar e a culinária nos pousos, além de analisar as diferenças das viagens feitas pelos transportadores do século XVIII e os do século XXI.

A Atividade 4: Heranças do Tropeirismo 1, com duas aulas necessárias para o desenvolvimento fará com que os alunos observem as influências do tropeirismo manifestadas ainda hoje no Vale Histórico. A primeira herança observada será a cultura caipira. Na primeira aula, será proposta uma reflexão sobre o estereótipo negativo historicamente

construído no Brasil em relação ao caipira, muitas vezes associado à imagem do personagem Jeca Tatu. Na segunda aula, os alunos serão convidados a refletir sobre a identidade caipira por meio da análise de uma música interpretada por Chitãozinho e Xororó.

A Atividade 5: Heranças do Tropeirismo 2, será desenvolvida em uma aula, agora abordando a Folia de Reis na região e o Calango na região. O objetivo é evidenciar que a cultura da região não se transforma no Vale Histórico Paulista isoladamente, mas com participações de agentes históricos diversos como africanos escravizados que eram muito numerosos na região.

A Atividade 6: Patrimônio Cultural propõe que os alunos conceituem o patrimônio cultural material e imaterial, compreendam a importância de sua preservação e identifiquem os principais patrimônios culturais presentes no Vale Histórico Paulista.

A Atividade 7: O Tropeirismo na minha casa, terá a duração de uma hora e será a apresentação dos alunos sobre os objetos encontrados em casa que remetem à cultura tropeira. Nesta atividade os alunos saberão que documentos históricos são muito mais do que apenas papéis antigos e não ficam apenas em museus, mas também no dia a dia de cada família.

A Atividade 8: Uma feira tropeira, será a culminância de todo roteiro didático onde os alunos poderão expor os trabalhos realizados ao longo das atividades apresentando para toda escola e comunidade.

Algumas atividades envolvem o uso de tecnologias digitais. A inclusão desses recursos nas aulas busca atender às demandas do ambiente educacional do século XXI, tornando as atividades mais atrativas para os estudantes, potencializando a aprendizagem e estimulando a criatividade.²¹³

As atividades estão descritas abaixo com a apresentação, onde se especifica o objetivo da proposta, os materiais necessários para o desenvolvimento da atividade, o desenvolvimento onde o professor encontrará o descritivo completo da aplicação e a conclusão e avaliação, que sugere como o professor deve concluir a aula e avaliar a participação e aprendizagem dos alunos.

²¹³Sena, L. de S., Pinheiro, A. P., Sousa, A. de, & Serra, I. M. R. de S. *O uso da nuvem de palavras como estratégia de inclusão e inovação pedagógica*. Video Journal of Social and Human Research, 1(2), 70-84. <https://doi.org/10.18817/vjshr.v1i2.27>, p. 74.

3.1. Atividades

ATIVIDADE 1: O que é tropeirismo

a) Apresentação da atividade

A primeira atividade desta sequência didática tem como objetivo apresentar aos alunos o que é o tropeirismo. Será necessário, no mínimo, o tempo de uma aula para o desenvolvimento dessa atividade. Os alunos devem terminar essa aula sabendo o que foi a atividade tropeira. Sabendo também identificar qual era o principal objetivo do tropeirismo, que é o transporte de mercadorias, e como esse transporte era realizado através de mulas e como eram as condições das viagens naquela época.

Como material de apoio será utilizado um documentário de 15 minutos e 14 segundos, de título “Tropeirismo no Vale do Paraíba”, produzido pela jornalista Ana Júlia Paloschi como trabalho de conclusão de curso, na Universidade Presbiteriana Mackenzie. o vídeo encontra-se no youtube no link: <https://www.youtube.com/watch?v=wXVWrJXoIIU>

A escolha por iniciar esse roteiro didático com uma atividade que envolve um recurso audiovisual, na forma de documentário, busca possibilitar que os alunos compreendam a atividade tropeira de maneira mais humanizada. O documentário apresenta pessoas que têm relações de parentesco com tropeiros e que fazem parte de comunidades onde o tropeirismo tem forte influência. Isso faz com que os alunos percebam que a história é feita por pessoas comuns, trabalhadores do dia a dia, assim como os próprios alunos.

O som reproduzido ao fundo no documentário é característico da cultura interiorana, e as falas dos participantes se alternam com o toque da viola por um violeiro. Essa estética sonora contribui para a sensibilização dos alunos e para o envolvimento com o universo da cultura caipira.

b) Materiais necessários:

- Link de acesso para o vídeo no Youtube.
- Equipamento para reprodução do vídeo com imagem e som (TV, retroprojeter)
- Impressão do questionário para distribuir entre os alunos.

c) Desenvolvimento da atividade:

O professor inicia a aula informando aos alunos que eles conhecerão aspectos do tropeirismo e da cultura tropeira. Para favorecer a compreensão do tema, é importante que o docente apresente, de forma breve, o conceito de cultura, permitindo que os estudantes compreendam melhor o documentário que será exibido²¹⁴.

Antes da reprodução do documentário, o professor deve orientar os alunos a anotarem pontos de relevância e dúvidas que surjam durante a exibição, para que, após esse momento, ocorra uma roda de conversa sobre o que foi apresentado no vídeo.

Nessa roda de conversa, o professor deve iniciar perguntando aos alunos o que eles observaram e ouviram no documentário. Em seguida, pode questioná-los sobre as pessoas que aparecem no vídeo: como estavam vestidas, como era sua forma de falar e se utilizavam uma linguagem mais formal ou mais simples. O professor também pode perguntar se os alunos observaram os locais em que o documentário foi gravado, debatendo com a turma se esses espaços eram urbanos ou rurais e quais elementos predominavam nesses ambientes. Por fim, pode questionar os estudantes sobre os sons presentes no documentário, perguntando se perceberam alguma música de fundo, qual tipo de música é tocada e se ela estaria adequada ao ambiente rural. Essas reflexões iniciais são importantes para que a turma perceba que o vídeo retrata aspectos da realidade da região em que vivem, como o ambiente rural, a música caipira e as relações afetivas presentes nesse contexto.

A próxima etapa da aula consiste na aplicação, pelo professor, de um questionário sobre o documentário. Esse questionário tem como objetivo levar os alunos a compreender o que foi o tropeirismo, identificar as principais características da atividade tropeira e reconhecer sua importância no contexto histórico da época.

Segue o questionário:

- 1 - Qual o principal objetivo da atividade tropeira?
- 2 - O vídeo menciona os “Ranchos”. Qual era a importância desses locais para os tropeiros?
- 3 - Além de mercadorias em geral, o que mais os tropeiros “transportavam” em suas viagens, que influenciavam o modo de vida local?

²¹⁴ Sugiro ao professor os trabalhos a respeito de cultura: LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986; e também o trabalho VELHO, Gilberto e CASTRO, Eduardo Viveiros de Castro. O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas: uma perspectiva antropológica. Artefato, Jornal de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, 1:4-9.

4 - *Que instrumento musical é apontado como fiel companheiro do Tropeiro e porque ele era tão importante para o tropeiro?*

5 - *A religiosidade era muito importante para os tropeiros. Como eram manifestadas essa religiosidade, segundo relatos do documentário?*

O professor deverá auxiliar os alunos durante a aplicação do questionário, de preferência fazendo com que toda a turma responda junto cada questão.

A primeira questão é essencial para definir o motivo pelo qual foi criada a atividade tropeira. Questão esta que é respondida já no início do vídeo, através da primeira entrevistada que ao falar do pai, que era tropeiro, menciona que ele tinha como trabalho escoar a produção agrícola. Logo, os alunos devem responder essa questão apontando para o transporte de mercadorias como o principal objetivo do tropeirismo.

A segunda questão aborda uma estrutura essencial para os tropeiros na época. Importante que os alunos compreendam que os ranchos eram pontos de paradas fundamentais que ofereciam estrutura necessária para o repouso das tropas. Nesses locais eles se recuperavam da viagem exaustiva, cuidavam dos animais, consertavam equipamentos e se alimentavam. Tudo isso é explicado no documentário pelo segundo participante.

Os tropeiros não levavam apenas mercadorias, mas também sua cultura. Isso deve ser explorado quando o professor for conduzir a turma a responder a terceira questão. O vídeo deixa claro que os tropeiros levavam costumes, gastronomia, música e religiosidade. O professor pode explorar mais formas de cultura, como modo de falar, trato com os animais, festas típicas etc.

A questão 4 trata da viola caipira. O documentário aponta que a música caipira era uma das maiores formas de expressão da cultura tropeira. Segundo o vídeo, os tropeiros nunca partiam em viagem sem que um violeiro estivesse no meio com seu instrumento. A música era uma forma de lazer nos pousos e ranchos e, além disso, uma forma de expressar seu modo de vida, religiosidade e seus sentimentos. O documentário conta que o tropeiro cantava para esquecer suas tristezas e para se alegrar²¹⁵.

A questão número 5 é muito importante para os alunos notarem uma característica marcante da identidade tropeira e caipira, que é a religiosidade. O documentário começa a abordar diretamente essa questão a partir de 10 minutos e 20 segundos. A entrevistada afirma que a profissão de fé era muito importante para os tropeiros, mesmo com a dificuldade de

²¹⁵ PALOSCHI, Ana Júlia. *Tropeirismo no Vale do Paraíba*. Youtube, 12 nov. 2019. Video (05min 40s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wXVWrJXoIIU>. Acesso em 26 mar. 2026.

frequentar igrejas, que eram longe das roças. Os alunos devem perceber que a principal manifestação de fé descrita é a festa do Divino Espírito Santo.

d) Conclusão e avaliação da atividade

Ao final dessa primeira atividade, espera-se que os alunos conheçam o que era o tropeirismo e qual o seu principal objetivo. Além disso, que tenham contato com algumas formas de manifestações da cultura tropeira e com o vocabulário relacionado ao tema. Eles deverão aprender o que era o rancho e sua importância para os trabalhadores. Para concluir a atividade, o professor pode levar os alunos a refletir sobre como o tropeirismo foi tão importante para o Brasil em meados do século XVIII, sendo o principal meio de transporte, já que não existiam carros, caminhões e ferrovias no Brasil nessa época.

O documentário, ainda sobre a questão da religiosidade, apresenta as Folias de Reis. Portanto, os alunos do Vale Histórico poderão notar que isso é uma cultura herdada do tropeirismo e o professor pode instigá-los a evidenciar as diferenças e semelhanças entre a Folia de Reis em São Luiz do Paraitinga (mostrada no documentário) e a Folia de Reis praticada nas cidades do Vale Histórico Paulista. Isso para que os alunos percebam que a cultura pode ser manifestada com algumas características próprias em determinados locais.

A avaliação dessa atividade será a participação dos alunos na roda de conversa e no debate fomentado pelo professor e também a resposta ao questionário.

ATIVIDADE 2: A importância do tropeirismo para o Vale Histórico e o Brasil

a) Apresentação da atividade

Esta atividade tem como objetivo identificar o papel do tropeiro na economia do século XVIII e na integração do território brasileiro, e em especial a região do Vale Histórico Paulista. Os alunos devem terminar a atividade compreendendo como foram formadas as cidades da região por influência da atividade tropeira. Como essa região se tornou uma grande produtora de café. Além disso, os alunos devem reconhecer que algumas manifestações culturais presentes na região são heranças deixadas pelos tropeiros como a culinária e vestimentas.

A atividade será realizada dentro do tempo de uma aula (50 minutos) e será desenvolvida com a interpretação de imagens e um texto.

b) Materiais necessários

- Aparelho retroprojektor ou TV para reproduzir as imagens;
- Texto e questionário impresso;
- Internet disponibilizada os alunos;
- Computadores, tablets ou notebook para uso dos alunos nas pesquisas.

c) Desenvolvimento

O professor deve iniciar a aula projetando imagens de um prato de Feijão Tropeiro e de uma pessoa usando uma botina e chapéu e em seguida iniciar um diálogo com questionamento aos alunos: "Se não houvesse internet, caminhões ou estradas asfaltadas, como você acha que a comida, notícias e mercadorias seriam levadas de um lado a outro do Brasil?"

A partir das respostas, os alunos devem perceber quão desafiadora, e ao mesmo tempo, importante era a atividade tropeira para o Brasil, no que tange à economia e ao abastecimento das cidades entre os séculos XVII e XVIII. Então, o professor irá distribuir o texto abaixo, com o questionário sobre o tema tropeirismo e economia no Brasil.

O texto foi de produção do próprio autor deste trabalho, se baseando na pesquisa realizada.

TEXTO:

O tropeirismo foi uma atividade econômica vital para o desenvolvimento do Brasil, especialmente entre os séculos XVII e XIX, atuando como meio de integração entre regiões distantes e suprimindo a falta de estradas e infraestrutura de transporte na época.

Mais do que simples condutores de animais, os tropeiros foram agentes fundamentais que conectaram o Sul, Sudeste e Centro-Oeste, viabilizando o abastecimento e o comércio de produtos básicos no interior do país.

Durante o ciclo do ouro (século XVIII), os tropeiros foram responsáveis por levar alimentos (toucinho, feijão, farinha), mulas e gado das regiões Sul e Sudeste para as áreas de mineração em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, que não produziam o suficiente para o seu sustento. No ciclo do café, foi grande responsável pelo escoamento da produção de café da região do Vale do Paraíba para os portos marítimos, para que fossem exportados.

As rotas percorridas pelos tropeiros resultaram no surgimento de inúmeras vilas e cidades, que se desenvolveram a partir dos "pousos de tropas" (locais de descanso). Um dos principais exemplos são as cidades no Vale do Paraíba Paulista. Uma das principais rotas

era o Caminho Novo da Piedade, que atualmente compõe grande parte da atual Rodovia dos Tropeiros, que corta as cidades da microrregião do Vale Histórico.

Antes da existência de caminhões e rodovias modernas, as mulas e cavalos eram o meio mais seguro e eficiente para superar terrenos difíceis, transportando produtos agrícolas, minérios, ferramentas e suprimentos por longas distâncias. A atividade tropeira foi crucial para o povoamento e a conquista do sertão, integrando áreas distantes ao litoral e fomentando atividades econômicas como a pecuária extensiva

O ciclo tropeiro, embora tenha diminuído com a modernização dos transportes no século XIX, deixou um legado inestimável, sendo um dos pilares na formação econômica, social e cultural do Brasil, especialmente nas regiões Sul e Sudeste.

Após a leitura do texto os alunos irão responder ao questionário criado a partir do texto, mas com questões que podem necessitar de pesquisa. Portanto, é uma aula que o professor deixará os alunos utilizarem de aparelho conectado à internet para pesquisa e resposta das questões. Segue as questões:

1 - No texto, menciona-se o Caminho Novo da Piedade e a atual Rodovia dos Tropeiros. Faça uma pesquisa rápida e responda por que a localização geográfica das cidades no Vale do Paraíba, como Bananal, São José do Barreiro, Arapeí e Silveiras, foi estratégica para a economia do café e para o abastecimento do Rio de Janeiro?

2 - O texto destaca que mulas e cavalos eram os meios mais eficientes para a época. Pesquise e explique: por que a mula era preferida para o transporte de carga em vez do cavalo para as longas viagens dos tropeiros pelo relevo acidentado da Serra do Mar e da Mantiqueira? Como essa escolha impactava a eficiência do comércio?

3 - Muitas cidades paulistas nasceram de "pousos de tropas". Reflita e descreva: como o simples ato de um tropeiro parar para descansar e alimentar seus animais podia desencadear o surgimento de um comércio local e, eventualmente, de uma vila ou cidade? O que mudava na paisagem com essa ocupação?

4 - Além de transportar mercadorias, os tropeiros transportavam cultura (hábitos, culinária e histórias). Identifique em sua pesquisa e também no que você conhece sobre o dia a dia sobre exemplos de legado cultural do tropeirismo que ainda estejam presente no Vale Histórico nos

dias de hoje. Como essa herança cultural ajuda a movimentar o turismo da região atualmente?

O professor lê as perguntas em voz alta para toda turma orientando sobre cada questão, estipula um tempo na aula para os alunos responderem as questões através de pesquisa e, terminado o tempo, deve fazer a correção com todos os alunos, através de um debate, pedindo aos alunos que digam o que responderam.

Na questão número 1, o aluno deve identificar que cidades do Vale Histórico Paulista eram pontos de parada obrigatórios devido à geografia local e a distância que a tropa de mulas podia percorrer durante um dia de jornada. No auge do período cafeeiro do Brasil, essa rota foi essencial para levar os grãos das fazendas do Vale até o Rio de Janeiro, portanto é esperado que o aluno compreenda que a riqueza dessas cidades não foi por acaso, mas por serem "centros de serviços" e de cobrança de impostos em uma rota comercial de fluxo intenso.

A breve pesquisa feita pelos alunos na questão 2 deve indicar que a mula é um animal mais resistente que o cavalo para levar cargas mais pesadas, tem mais fôlego para longas distâncias e possui o casco mais duro e seguro para terrenos íngremes e pedregosos (comuns no Vale do Paraíba). Nessa questão será trabalhada a reflexão do aluno sobre o conhecimento dos tropeiros ao adaptar o trabalho ao ambiente em que estavam inseridos. O aluno deve entender que a escolha do animal era uma decisão estratégica de logística que garantia a eficiência e a diminuição de perdas financeiras nas viagens.

A questão 3 irá despertar no aluno o conhecimento sobre transformações do espaço geográfico a partir das ações humanas. Os alunos devem ser capazes de visualizar a transição de uma paisagem natural para uma paisagem humanizada e urbana, motivada por uma atividade comercial. Os estudantes podem descrever que o pouso atraía prestadores de serviços tais como ferreiros para ferrar os animais, comerciantes de secos e molhados e estalagens para os tropeiros. Com o tempo, fixaram-se famílias, construíram-se capelas e o núcleo urbano se consolidou.

O objetivo da questão 4 é que o aluno conecte o passado estudado com o presente da sua região, percebendo que a história está viva nos costumes e na economia atual do Vale Histórico, principalmente através da culinária. Os alunos encontrarão exemplos como o Feijão Tropeiro (culinária), festas de Reis, o vocabulário regional e, principalmente, o turismo histórico.

d) Conclusão e avaliação

Ao final desta atividade espera-se que os alunos compreendam a importância do tropeirismo para a economia do Brasil no período colonial e imperial. Portanto, o professor deve fazer um fechamento de aula refletindo com os alunos sobre como o tropeirismo foi essencial para a região do Vale Histórico Paulista se tornar uma potência na produção cafeeira.

A avaliação dessa atividade deve ser a participação e engajamento dos alunos nos debates propostos pelo professor e também o questionário respondido a partir das pesquisas realizadas.

ATIVIDADE 3: VIAJANDO COM AS TROPAS

a) Apresentação da atividade

Nesta atividade os alunos irão analisar as formas de viagens feitas pelos tropeiros no Caminho Novo da Piedade e comparar com as formas de viagens feitas hoje na Rodovia dos Tropeiros. O objetivo é que os alunos realizem uma análise de temporalidade notando as diferenças entre o transporte terrestre de mercadorias no século XVIII e no século XXI.

Esta atividade será desenvolvida através da metodologia ativa chamada de Rotação por estações. Haverá três estações, cada uma com uma tarefa diferente para os alunos realizarem, construindo assim, de forma ativa o conhecimento sobre as viagens dos tropeiros.

As metodologias ativas surgiram com a proposta de tentar romper com o método tradicional de educação escolar onde o aluno é um mero espectador da aula, apenas recebendo de forma passiva o conhecimento passado pelo professor. Luciana Bombardelli, professora de História, escreveu um artigo sobre a aplicabilidade da metodologia de Rotação por estações em aulas de História nos anos finais do ensino fundamental e afirmou que o uso de metodologias diversas deve ser constantemente considerado pelos professores, já que as pessoas aprendem das mais variadas formas.²¹⁶ A autora explicou o que é a rotação por estações:

O modelo de Rotação por Estações - ou o que alguns chamam de Rotação de Turmas ou Rotação em Classe - é aquele no qual os alunos revezam dentro do ambiente de

²¹⁶BOMBARDELLI, Luciana Corrêa; CORREIA, Ana Caroline Vieira; SILVA, Milady Renata Apolinário. *Rotação por Estações nas aulas de História: Um estudo de caso em turmas dos anos finais do ensino fundamental II*. Revista Contemporânea, v. 4, n. 9, p. e5739-e5739, 2024. p. 3.

uma sala de aula. [...] consiste em organizar os alunos em grupos, que circulam por estações de acordo com o tempo estipulado pelo professor, de forma que uma das estações disponha de um recurso tecnológico, trabalhando de forma colaborativa.²¹⁷

Portanto, em cada estação o aluno terá uma experiência de abordagem diferente sobre o mesmo assunto. E o aluno deve passar por todas as estações para que a atividade se conclua. Nessa atividade haverá quatro estações e para cada estação será necessário um tempo estipulado de quinze minutos. Por isso, são necessárias duas aulas consecutivas, para que os alunos tenham tempo de passar por todas as estações e para que o professor realize a conclusão ao final da atividade.

O conhecimento prévio para realização dessa atividade foi desenvolvido nas atividades anteriores. Portanto é interessante que o professor faça uma breve retomada dos conteúdos.

A estação 1 tratará das dificuldades do trajeto, através de relatos de viagens dos naturalistas bávaros Johann Baptist von Spix e Karl Friedrich von Martius. Nessa estação os alunos terão contato com um texto da época. Como atividade, os alunos terão que planejar uma viagem tropeira no século XVIII, pensando no que será necessário para enfrentar esses desafios registrados.

A estação 2 utilizará imagens antigas e imagens atuais. Os alunos devem produzir duas postagens para a rede social. Uma postagem estilo propaganda que um tropeiro faria sobre seu trabalho e uma postagem que um caminhoneiro, piloto, estivador portuário ou maquinista faria.

Na estação 3 os alunos irão assistir um breve vídeo que tem como tema principal a culinária tropeira. Após o vídeo irão responder questões objetivas para fixação do tema e uma questão discursiva em que irão refletir sobre as continuidades da culinária tropeira no cotidiano no Vale.

Na quarta estação os alunos irão utilizar documentos antigos e novas tecnologias para comparar as mudanças cartográficas na região. Eles observarão mapas antigos mostrando o Caminho Novo da Piedade e acessarão ao Google Maps ou Google Earth para verificar as mudanças e continuidades na cartografia. Também poderão ter acesso ao site: <https://www.expodigitalspixemartius.com.br/>.

²¹⁷BOMBARDELLI, Luciana Corrêa; CORREIA, Ana Caroline Vieira; SILVA, Milady Renata Apolinário. op. cit. p. 4

b) Materiais necessários

- Notebooks ou tablets para as estações;
- Acesso à internet para os alunos;
- Mapas impressos;
- Textos impressos da estação 1;
- Imagens da estação 2 impressas, de preferência em colorido.

c) Desenvolvimento da atividade

Para início da atividade é necessário que o professor divida a turma em quatro grupos. Cada grupo vai começar em uma estação diferente e após o tempo estipulado de quinze minutos, eles trocarão de estação.

ESTAÇÃO 1: DIFICULDADES DA VIAGEM

Nesta estação os alunos terão contato com relatos dos viajantes e naturalistas bávaros Spix e Martius, que viajaram do Rio de Janeiro a São Paulo, em 1817, presenciando o auge do tropeirismo no Vale Histórico. Eles participaram da Missão Austríaca, que acompanhou a Arquiduquesa Leopoldina ao Brasil para o seu casamento com D. Pedro I. A viagem se estendeu de 1817 a 1820 pelo Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Maranhão, Pará e Amazonas, com foco na botânica, zoologia e etnografia.²¹⁸

O contato dos alunos com esse documento irá permitir que eles analisem o relato, se imaginando na travessia do Caminho Novo da Piedade há dois séculos. O professor deve sugerir que os alunos elaborem um vocabulário, pesquisando as palavras que eles não conhecem, para facilitar a interpretação.

Seguem abaixo trechos de relatos dos dois europeus que registraram sua viagem no livro *Viagem pelo Brasil (Reise in Brasilien)*:

Realmente, o encontro com cobras venenosas, que saem durante a noite em busca de presa e preferem à mata aos caminhos mais claros, constitui grande perigo para os que viajam de noite, sobretudo nestas regiões, onde a pequena jararaca é muito comum. Alguns dias antes havíamos encontrado, nas horas mais quentes do dia, quando descansávamos, uma destas

²¹⁸ LISBOA, K. M. *O Brasil dos naturalistas Spix e Martius*. Acervo, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 179–194, 2011. p. 180. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/108>. Acesso em: 27 mar. 2026.

cobras malignas numa árvore oca; com muita sorte, ela pôde ser apanhada e metida em álcool. (já usado)

Chegamos à margem do Rio Piraí, ficamos bem atrapalhados, a pensar como haveríamos de atravessá-lo. No ponto em que desemboca a estrada existe apenas uma canoa que por todos os lados faz água e uma ponte feita de uma carreira de tábuas postas uma após as outras, só podendo servir a pedestres. [Devido] tal conjuntura, não pudemos continuar a viagem senão a cabo de uma hora e meia. (p. 121)

A continuação da estrada foi-se tornando cada vez mais penosa e perigosa, devido aos grandes rodeios que cumpria fazer, por ser muito íngreme, e frequentes as quebradas e atoleiros. O caminho é, as vezes, profundamente cortado no solo de barro lamacento, muito estreito, e quando nele passam tropas de mulas, como frequentemente acontece, é perigoso.

*A araponga havia cessado os gritos estridentes, o exércitos de cigarras ciciava estrídulo, em contínua monotonia, ao escurecer da noite, enquanto ressoavam as notas de timbales do sapo grande, o lamento da capoeira e o chamado lúgubre do noitibó. Impressionados com as sensações que se repetiam continuamente, sentíamos nos na selva solitária, transportados a singular enlêvo solene. Afinal, um violento aguaceiro cobriu tudo em volta com profundas trevas. (p. 119*120)*

A partir desses relatos, os alunos agora irão produzir um diário de viagem de um dia de tropeiro. Nos relatos acima, os viajantes bávaros falam sobre as dificuldades em atravessar rios, perigos com animais peçonhentos e com o terreno íngreme e escorregadio e narra o início da noite com o som da natureza e uma forte chuva. Portanto, o diário de viagem dos alunos deve incluir essas dificuldades e soluções para vencê-las.

O objetivo é que os alunos possam produzir um texto com criatividade fazendo relação com o documento histórico apresentado e percebam quão era perigosa e penosa as viagens feitas pelas tropas, no início do século XIX.

II - Estação 2: Mudanças no transporte de mercadorias

Nesta estação os alunos irão encontrar imagens de fotografias que demonstram como é o transporte terrestre de mercadorias nos dias atuais e também imagens de ilustrações feitas

em séculos passados que representam a atividade tropeira. Seguem abaixo as imagens que devem estar nesta estação:



Figura 18: Ilustração do transporte no Século XVIII. Disponível em:

https://www.portaldoranchos.com.br/portal/tropeirismo-patrimonio-da-humanidade#google_vignette



Figura 19: Ilustração do transporte no século XXI. Disponível em:

https://www.shutterstock.com/pt/search/inside-truck?dd_referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com%2F

Junto às imagens deve haver uma folha de comando explicando a atividade para que os alunos possam iniciar de forma autônoma. As instruções devem orientar os alunos a observar as imagens e primeiramente separar as que representam o transporte antigamente e hoje em dia. Feito isso, os alunos devem refletir sobre as diferenças destes transportes pensando como se fossem um tropeiro inserido naquela ilustração e pensando como se fosse um caminhoneiro exercendo o trabalho.

A tarefa que o grupo deve desempenhar é de fazer um esboço de uma postagem na rede social como se fossem um tropeiro e outra postagem como se fossem um caminhoneiro. Eles devem imaginar que chegaram ao final do dia de serviço e farão um registro breve desse dia. Devem contar, em breves palavras, quais os desafios enfrentados e objetivos alcançados.

Para a imagem da postagem, os alunos poderão utilizar alguma ferramenta de inteligência artificial da preferência deles.

Ao executar essa atividade, os alunos estarão se exercitando a pensar sobre as diferenças entre os meios de transportes utilizados, as diferenças na forma de viajar, os perigos e desafios enfrentados pelos tropeiros no século XVIII e pelos caminhoneiros no século XXI. Tudo isso estimulando a criatividade e a prática da educação digital. Ao criarem um prompt de comando para a inteligência artificial gerar a imagem, os alunos estão trabalhando o raciocínio criativo e a escrita.

Abaixo, segue como exemplo para o professor uma figura gerada por uma inteligência artificial com o seguinte *prompt*: “crie uma imagem como se fosse uma *selfie* tirada por um tropeiro andando de cavalo à frente de uma tropa de mulas, chegando a um pouso de descanso. O local deve ser ambientalizado conforme características dos pousos de tropeiros no século XVIII na região do Vale do Paraíba, assim como as vestimentas do tropeiro”.



Figura 20: Exemplo de tropeiro criado por I.A. Feito pelo próprio autor.

A partir da imagem gerada, os alunos irão imaginar que este tropeiro tem uma rede social e irá fazer uma postagem. Nessa postagem eles devem criar a legenda descrevendo o dia de trabalho. Como por exemplo: “Depois de atravessar quatro riachos, conduzir essas mulas que quase caíram na descida íngreme da trilha, pegar sol e muita chuva no fim da tarde, finalmente chegamos no Pouso de Silveiras. Agora é descansar ouvindo uma viola caipira! Vida boooooa!!”.

O mesmo deverá ser feito pensando em um caminhoneiro que trafegou o dia inteiro pelas estradas e chegou em um posto de gasolina para descansar. O prompt para a inteligência artificial pode ser bem parecido ou até mesmo dar continuidade ao comando anterior. Por

exemplo: “construa agora, nos mesmos moldes da imagem anterior imagem de um caminhoneiro, no ano de 2026, ao lado de sua carreta que acabou de chegar em um posto de gasolina para descanso. Também na região do Vale do Paraíba, com vestimentas e ambiente ao redor adequado à época solicitada”. O resultado foi o seguinte:



Figura 21: Exemplo de imagem de caminhoneiro criada por IA. Feito pelo próprio autor.

Assim como fizeram uma postagem imaginando ser o tropeiro, agora os alunos irão imaginar ser o caminhoneiro ou caminhoneira e criar uma postagem semelhante, mas observando, claro, as situações diversas.

O professor deve estimular ao máximo a imaginação dos alunos nessa atividade e com certeza ficará surpreso com a criatividade da turma. O mais importante é que eles percebam, de forma descontraída, as diferenças temporais das viagens no século XIX e no século XXI.

Lembrando que a sugestão de *prompt* e as imagens geradas pela inteligência artificial dos tropeiros e caminhoneiros não precisam ser impressas para os alunos, pois é apenas um guia para o professor.

III - ESTAÇÃO 3: CULINÁRIA

Nesta estação os alunos devem assistir o vídeo “5 Receitas de sobrevivência que os tropeiros faziam”, com duração de 10 minutos e 33 segundos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kORir_WgUJI

Após assistirem ao vídeo, os alunos responderão às três questões objetivas a seguir e uma questão discursiva:

1- Por que a banha de porco era considerada a 'embalagem a vácuo' do século XIX para os tropeiros?

- a) Porque ela servia para dar sabor à linguiça durante o cozimento.
- b) Porque, ao solidificar a carne, ela criava um bloco impenetrável que impedia a entrada de ar e bactérias.
- c) Porque a banha impedia que a carne ficasse muito salgada com o tempo.

2 - Qual era a principal razão estratégica para os tropeiros transportarem doces como a 'goiabada cascão' e a 'banana passa'?

- a) Serviam apenas como sobremesa para os momentos de lazer após as refeições.
- b) Eram usadas para atrair animais selvagens para longe do acampamento.
- c) A alta concentração de açúcar e a desidratação transformaram as frutas em “barras energéticas” resistentes ao calor e ao tempo.

3- Qual era o princípio fundamental que os tropeiros utilizavam para conservar carnes e toucinhos por tanto tempo sem eletricidade?

- a) A retirada da água através do sal e do sol, e a proteção contra o oxigênio através da gordura e fumaça.
- b) O uso do gelo natural recolhido nos picos da serra do Vale do Paraíba.
- c) O uso de ervas secretas trazidas da Europa que impediam o apodrecimento.

4 - Agora liste os pratos mostrados no vídeo que você conhece e já viu aqui na região do Vale Histórico Paulista.

IV - Estação 4: As cartografias do Vale

Nessa estação os alunos irão fazer uma análise de temporalidade acerca da cartografia da região. O objetivo é que eles notem as mudanças ocorridas ao longo do tempo e como o tropeirismo foi uma influência direta para essas mudanças. Os alunos terão contato com mapas da região no século XVIII, mostrando o Caminho Novo da Piedade, disponibilizado nesta estação, e terão o desafio observar a atual Rodovia dos Tropeiros (SP-068) no Google Maps.

Os alunos devem observar e responder às seguintes perguntas:

- 1 - Identifique nomes de vilas que ainda existem desde o século XVIII.
- 2 - O que eram, no mapa antigo, as atuais cidades do Vale Histórico?
- 3 - Os tropeiros viajavam em média 20 a 30 km por dia. Observe a distância entre as cidades de Silveiras, Areias e São José do Barreiro na SP-068. Como essa distância se relaciona com a necessidade de descanso dos animais e dos homens naquela época?
- 4 - Ative o modo relevo no Google Maps e observe por onde a estrada atual passa.
Ao observar o mapa antigo do Caminho Novo da Piedade e o traçado atual da SP-068 no Google Maps, o que mais chama a atenção sobre as curvas da estrada? Por que você acha que, mesmo com a tecnologia atual, a rodovia ainda segue o desenho feito séculos atrás?
- 5 - Antigamente, o Caminho Novo era percorrido em semanas, sob sol e chuva. Hoje, fazemos o mesmo trajeto em pouco mais de uma hora. De que maneira a mudança do meio de transporte (da mula para o carro) alterou a nossa percepção da paisagem do Vale Histórico?

Nas questões 1 e 2 os alunos devem perceber que os antigos pousos são as atuais cidades do Vale Histórico. É interessante que o professor motive os alunos a observar e listar não apenas as vilas principais, mas eventuais bairros e localidades menores, mas que ainda existem, como por exemplo, o Rancho Grande. Na questão 3 os alunos irão compreender o motivo pelo qual as cidades do Vale Histórico são distantes entre si, pois era o que uma tropa de mula percorria em um dia de trajeto de um pouso até outro.

A questão 4 motiva os alunos a explorarem funcionalidades da tecnologia do Google Maps. Ao ativar o modo relevo, eles devem observar que a estrada é muito sinuosa para ir desviando de grandes inclinações. Logo, o objetivo é que percebam que quem ditou o traçado do Caminho Novo da Piedade e também da SP-068 foi o relevo da serra e morros.

A questão 5 exige que o aluno saia do mapa físico e faça uma reflexão um pouco mais aprofundada. Nessa questão o professor não deve buscar uma resposta "certa" ou "errada", mas sim o nível de profundidade da reflexão do aluno sobre a compressão do tempo e do espaço. O aluno deve notar que, no carro, a paisagem pode passar despercebida por causa da velocidade e vira apenas um cenário atrás do vidro. No lombo da mula, o viajante interagia com o meio (sentia o cheiro da mata, o cansaço da subida, o som do rio).

É esperado que o estudante perceba que, com as mudanças na tecnologia atual de transporte, as viagens ficaram mais rápidas e confortáveis. Se antes o tropeiro levava horas para subir uma serra com animais exaustos, nós levamos minutos com o ar-condicionado ligado.

d) Conclusão e avaliação

Esta atividade que envolveu uma metodologia ativa e uso de tecnologias deve ser concluída com o professor realizando uma exposição dialogada com todos os alunos, após encerrar todas as estações. O professor deixa um espaço para os alunos exporem o que aprenderam com as atividades, o que eles acharam mais interessante e quais as maiores dificuldades. É importante que o professor faça um fechamento com a turma falando sobre as dificuldades nas viagens tropeiras e como hoje as viagens ficaram mais cômodas e rápidas.

Além disso, o professor deve deixar claro que o tropeirismo foi essencial para a formação das cidades no Vale Histórico paulista, conforme os alunos puderam contemplar na estação 4. Não apenas na composição cartográfica, mas também na cultura, como a culinária, vista na estação 3. Portanto, os alunos devem sair da aula com a compreensão de que o tropeirismo foi fundamental para marcar o território e a identidade do Vale Histórico Paulista.

Como forma de avaliação, o professor pode observar a participação dos alunos nos grupos, durante a visita em cada estação. O empenho e engajamento dos alunos ao realizarem as atividades propostas e também no debate final.

ATIVIDADE 4: HERANÇAS DO TROPEIRISMO 1 - O Caipira (2 aulas)

a) Apresentação da atividade

Esta atividade tem como objetivo descrever a cultura caipira, instigando os alunos a identificá-la no seu cotidiano e também desmistificar estereótipos criados a respeito desta denominação.

Para o desenvolvimento desta atividade serão necessárias duas aulas. Na primeira, o professor, juntamente com os alunos, irá desmistificar o conceito de caipira criado desde o início do século XX, como um sujeito preguiçoso, atrasado e prejudicial ao país. Através da análise de imagens, os alunos irão debater sobre o senso comum criado acerca da cultura caipira e entender o contexto histórico da época em que essa imagem foi construída.

Na segunda aula, o foco será em compreender características da cultura caipira. Para tal, será utilizada como recurso uma música sertaneja. Essas atividades terão como conclusão a reflexão sobre as continuidades e mudanças da cultura caipira no dia a dia dos alunos do Vale Histórico Paulista.

b) Materiais necessários para aula 1: O que o caipira não é

- Imagens previamente salvas em pendrive ou computador.
- Aparelho retroprojektor ou TV para exibição das imagens.

c) Desenvolvimento da aula 1: O que o caipira não é

Na primeira aula, o professor deve iniciar perguntando aos alunos o que eles sabem sobre o caipira, isso para que seja feito um levantamento do senso comum a respeito dessa identidade. Feito isso, o professor irá apresentar aos alunos, projetando para toda turma em uma TV ou aparelho de projeção, a imagem desenhada do Jeca Tatu, personagem criado por Monteiro Lobato para representar o caipira, citado a primeira vez em 1914, em um artigo escrito para o jornal *O Estado de São Paulo* e também a imagem de Chico Bento, personagem criado por Maurício de Souza.²¹⁹ Recomenda-se as imagens abaixo:



Figura 22: Personagem Jeca Tatu. In: <https://profjaborritmo.blogspot.com/2012/03/o-brasil-de-jeca-tatu-chico-bento.html>. Acesso em: 11 março de 2026

²¹⁹CASTILHA, Leandro Dalcin. *A construção de um sentido de "caipira" no "Jeca Tatu" de Monteiro Lobato*. Espaço Plural, v. 8, n. 16, p. 71-74, 2007. p. 3.



Figura 23: Personagem Chico Bento. In: <https://profjabiorritmo.blogspot.com/2012/03/o-brasil-de-jeca-tatu-chico-bento.html>. Acesso em 11 março 2026.

O professor deve convidar os alunos a listarem o que estão vendo nas imagens, com foco na roupa, na postura, na fisionomia e no semblante dos personagens. Também deve ser observado o que os dois personagens, criados em épocas diferentes, têm em comum.

Feito isso, o professor deve colher as informações que os alunos passaram e começar a explicação do motivo pelo qual Lobato cria essa imagem do homem do campo, trabalhador do Vale do Paraíba, como um ser sem cultura, preguiçoso, que cuidava mal de si mesmo e opositor ao progresso do país, conforme este trabalho citou. O professor deve explicar o porquê da criação desse estereótipo por Lobato²²⁰, movido pelo seu racismo e desejo de embranquecimento da população brasileira e disseminado pela imprensa elitista brasileira da época que servia a interesses políticos²²¹.

Direcionado à imagem de Chico Bento, o professor irá dar um breve relato de quem foi Maurício de Souza e que, inicialmente, o personagem criado por ele em 1963 foi inspirado no personagem Jeca Tatu, tendo várias características em comum, não apenas na forma de vestir, mas também na personalidade preguiçosa.

O professor, então, fará uma exposição dialogada com os alunos sobre as definições de caipira, citando a importância do homem do campo e como ele resistiu ao avanço da exploração capitalista e por isso foi estereotipado como contrário ao progresso.

²²⁰ Conforme foi explicitado nesse trabalho no capítulo I, tópico 1.2, na página 44.

²²¹ DOS SANTOS JUNIOR, Rodolfo Araújo. *A imagem do caipira na obra de Monteiro Lobato*. Revista Sociedade e Estado–Volume, v. 34, n. 2, p. 617, 2019. Disponível em: https://monteirolobato.com/documentos/2023/090423-2019_RodolfoAra%C3%BAjodosSantosJunior.pdf. Acesso em: 27 mar. 2026.

d) Materiais necessários para a aula 2: O que o caipira é

- Aparelho reproduzidor de som.
- Letra da música “Caipira” impressa para os alunos.

e) Desenvolvimento da aula 2: O que o caipira é

Nessa aula os alunos irão refletir sobre alguns elementos da cultura caipira. Tendo como suporte a canção “Caipira” de composição de Joel Marques e Maracaí, lançada em 1991, no álbum “Planeta Azul” da dupla sertaneja Chitãozinho e Xororó. A atividade pretende fazer os alunos analisarem a letra da canção, verso por verso, observando a estética sonora, portanto é imprescindível que o professor distribua a letra impressa e também reproduza a canção para os alunos ouvirem em sala de aula.

O professor deve iniciar a aula lembrando o que é cultura, mostrando que ela é constantemente modificada ao longo do tempo com influências diversas e também pode resistir às interferências, apresentando alguns exemplos, para então descrever junto aos alunos o que é a cultura caipira e identificar essa cultura no dia a dia dos alunos, tais como na culinária, música, religiosidade, simplicidade, solidariedade e no isolamento da região.

Após essa introdução, o professor irá distribuir a folha impressa com a letra da música *Caipira* e, em seguida, colocar para tocar em algum aparelho reproduzidor de som. O professor deve convidar os alunos a prestar atenção não somente na letra, mas também na estética sonora. No primeiro momento o professor deve perguntar aos alunos quais instrumentos musicais foram identificados por eles na canção. Como esses instrumentos podem representar a cultura caipira? Algum aluno sabe tocar algum desses instrumentos ou conhece alguém que saiba?

Após feito esse breve debate sobre a sonoridade, o professor, então, irá analisar com os alunos verso por verso da canção. Se necessário for, deve reproduzir novamente a música. O professor deve instigar os alunos a pensarem no que podem significar os versos cantados. Sobre o que está se referindo? O que o autor quis dizer com essa frase? O professor deve conduzir essa reflexão sempre lembrando aos alunos os elementos da cultura caipira.

*O que eu visto não é linho
Ando até de pé no chão
E o cantar de um passarinho
É, pra mim, uma canção*

Nesses versos o professor deve fazer os alunos perceberem que o autor fala sobre a simplicidade da vida caipira. Que o homem do campo não se importa com a estética de moda consumista imposta pelo modelo capitalista. Ao afirmar que o que veste não é linho e que se preciso for não usa sapato, o autor deixa claro que roupas caras e de marcas famosas não são uma prioridade para o caipira. Além disso, nos dois versos seguintes ele exalta a natureza ao citar o canto do pássaro que é para ele, uma canção. Isso demonstra a valorização do caipira pela natureza em detrimento das tecnologias modernas.

*Vivo com a poeira da enxada
Entranhada no nariz
Trago a roça bem plantada
Pra servir o meu país*

Esses versos falam sobre trabalho e os alunos podem identificar isso através de uma interpretação de texto fomentada pelo professor. O professor deve apontar a relação que o caipira leva com a terra, como forma de sobrevivência.

Ainda é interessante que os alunos percebam que aqui pode ser combatido um estereótipo sobre o caipira, como um sujeito preguiçoso, atrasado e que não contribui para o desenvolvimento do país, ao citar que ele serve ao país através do trabalho do campo, através da pecuária e da agricultura familiar, que abastece a mesa de 70% dos lares brasileiros.²²²

*Sou, sou desse jeito e não mudo
Aqui eu tenho de tudo
E a vida não é mentira
Sou, sou livre feito um regato
Eu sou um bicho do mato
Me orgulho de ser caipira*

Aqui está representada a resistência do homem do campo e a afirmação de sua identidade, que escolheu viver o estilo de vida caipira e renega à vida “artificial” das grandes cidades. O autor declara com orgulho sobre sua cultura e se mostra feliz de ter feito a escolha de se manter no modo caipira. Um debate pode ser proposto pelo professor sobre a frase “E a vida não é mentira”, levando-se em conta sobre o que seria uma “vida de mentira” nos grandes centros urbanos atualmente.

²²² ZADRA, Fernanda. Agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos no Brasil. G1, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/agro-riqueza-campos-gerais/noticia/2024/01/12/agricultura-familiar-produz-70percent-dos-alimentos-consumidos-no-brasil-e-melhora-qualidade-da-comida-servida-em-escolas-de-castro-conheca.ghml>. Acesso em 11 março 2026.

*Doutor, eu não tive estudo
Só sei mesmo é trabalhar
Nesta casa de matuto
É bem-vindo quem chegar
Se tenho as mãos calejadas
É do arado rasgando o chão
Se minha pele é queimada
É o Sol forte do sertão*

Mais uma vez é expressa a importância do trabalho braçal exercido pelo caipira. O autor conta que não teve acesso ao estudo, coisa que atualmente no sertão, mesmo com muitas dificuldades, é de mais fácil acesso. Isso gera uma reflexão nos alunos sobre como a escolaridade no Brasil vem aumentando. A turma pode pensar sobre os colegas que vivem nas zonas rurais e conseguem frequentar a escola devido a programas educacionais do Estado, transporte escolar gratuito e maior fiscalização dos órgãos públicos, coisas que não existiam há décadas na região, quando a música foi escrita e, portanto, a taxa de escolarização era muito mais baixa.

Esses versos ainda expressam sobre a solidariedade do homem do campo que afirma que são bem-vindos aqueles que quiserem frequentar sua casa, mesmo na simplicidade por ser uma “casa de matuto”. Nos versos finais ele ainda justifica as mazelas de seu corpo, que são adquiridas com a lida pesada do campo, combatendo aquela ideia de que o caipira é preguiçoso, visto na aula passada.

*Enquanto alguns fazem guerra
Trazendo fome e tristeza
Minha luta é com a terra
Pra num faltar pão na mesa
Às vezes vou à cidade
Mas não sei falar direito
Pois, caipira de verdade
Nasce e morre desse jeito*

Nesses versos, mais uma vez o autor fixa a associação entre o caipira e o trabalho braçal. O autor demonstra que o caipira está preocupado com sua sobrevivência e de sua família, ao colocar o pão na mesa, enquanto o mundo capitalista pensa em “guerras” que causam desigualdades e tristezas.

Quando os versos citam que ele vai à cidade, significa que sua morada é em um local afastado e isolado, reforçando que uma das características de ser caipira é viver no isolamento. O autor diz não saber falar direito, isso é muito provavelmente causado pela falta de educação escolar. O professor deve provocar os alunos a pensar se o caipira do século XXI

precisa “nascer e morrer” dessa forma, sem saber falar direito, ou se hoje, com a escola mais acessível, o caipira pode manter suas tradições com maior facilidade de expressão e comunicação.

f) Conclusão e avaliação da atividade

Como conclusão dessa atividade, o professor deve conduzir os alunos à reflexão sobre continuidades e rupturas da cultura caipira ao longo do tempo na região do Vale Histórico. Lembrar das imagens estereotipadas dos caipiras na aula anterior, nos personagens de Lobato e Maurício de Souza aliadas à letra da música de Chitãozinho e Xororó, e a partir disso os alunos podem construir um texto sobre o que eles entenderam sobre a cultura caipira e onde eles podem identificar sua presença no cotidiano.

A avaliação será através da participação e engajamento dos alunos na descrição das imagens, no debate fomentado pelo professor e listagem no caderno do que os alunos perceberam de diferente e de semelhante entre os personagens apresentados, tanto nas imagens como na canção, e os trabalhadores rurais que eles veem nas ruas da sua cidade.

ATIVIDADE 5: Heranças do Tropeirismo 2 - Formigas, Reis e Calango

a) Apresentação da atividade

O objetivo dessa atividade é que os alunos percebam que a cultura tropeira e caipira que existe no Vale Histórico paulista até hoje não foi construída por um grupo homogêneo de pessoas, mas sim por diversas etnias que se cruzaram pelo Caminho Novo da Piedade, relacionando-se entre si e trocando experiências.

Para isso, o professor irá precisar de uma aula de 50 minutos para desenvolver a atividade, que será dividida em duas partes. A primeira será destinada para o professor apresentar elementos oriundos do tropeirismo, mas que tiveram forte influência de diferentes culturas. A segunda parte, será o desenvolvimento de um mapa mental pelos alunos.

A primeira parte da aula deve durar até 30 minutos, sendo a apresentação de três situações que são muito comuns para os jovens do Vale Histórico. A formiga de içá (também conhecida como formiga saúva), as Folias de Reis e uma batalha de rima. O professor irá apresentar os elementos, por imagem ou vídeo, e debater com os alunos suas origens de forma expositiva-dialogada.

O questionário descrito no desenvolvimento da atividade será o condutor da primeira parte da aula. O professor irá levantando as questões para toda turma, levando os alunos à reflexão e respondendo juntamente com eles.

Para finalizar a atividade, os alunos produzirão um mapa conceitual. Maria Lima, historiadora e pesquisadora, fez um relato de experiência em seu artigo sobre a aplicação do mapa conceitual para alunos dos anos finais do ensino fundamental, na disciplina de História. A autora defende que a construção de um mapa conceitual possa ser uma forma de avaliação formativa. A autora explica:

Os mapas são diagramas conceituais que enfatizam as relações (hierárquicas) entre conceitos. Foram criados na década de 70 por Joseph D. Novak (físico norte-americano) a partir da teoria da aprendizagem de David Ausubel. Novak percebeu em entrevistas clínicas (de base piagetiana) que, quando os alunos entravam nos cursos de Física, eles já traziam conceitos/representações. Para organizar estes conceitos, surgiu o mapa conceitual.²²³

Ou seja, para iniciar um mapa conceitual, os alunos precisam de um conhecimento prévio sobre o assunto. É justamente para isso que servirá a primeira parte da atividade.

A construção do mapa conceitual consiste em uma metodologia ativa de ensino, já que centraliza a atividade no aluno e não no professor. Além disso, desperta a criatividade nos alunos que, ao produzir o material, estão integrando, comparando e articulando conceitos aprendidos. Isso permite ao professor avaliar as construções conceituais que o aluno adquiriu durante a aula.²²⁴

Por fim, o mapa será um resumo esquematizado dos conceitos que foram assimilados pelo aluno. Lima ainda cita os elementos fundamentais de um mapa conceitual:

Os elementos fundamentais do mapa são: o conceito, a proposição e o conectivo. Suas características próprias são: a) seleção: eles são síntese do que contém o mais significativo de uma mensagem, tema ou texto. b) impacto visual: um bom mapa conceitual é conciso e mostra as relações entre as ideias principais de um modo simples e vistoso, aproveitando a notável capacidade humana para a representação visual.²²⁵

O professor apresentará um exemplo de mapa conceitual aos alunos, com outro tema, para que não influencie na criatividade e organização dos conceitos dos estudantes, que terão liberdade para produzir o mapa conceitual próprio.

²²³LIMA, Maria. *Reflexões sobre o uso do mapa conceitual na disciplina de história*. História & Ensino, [S. l.], v. 7, p. 167–196, 2001. DOI: 10.5433/2238-3018.2001v7n0p167. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12315>. Acesso em: 28 fev. 2026. p. 170

²²⁴LIMA, Maria. op. cit. p. 172-173

²²⁵LIMA, Maria. op. cit. p. 174

b) Materiais necessários

- Acesso à internet para reprodução dos vídeos.
- TV ou retroprojektor para exibição das imagens e vídeos aos alunos.

c) Desenvolvimento

O professor deve iniciar a aula lembrando aos alunos que o tropeiro não carregava apenas ouro, café ou mercadorias em geral. Ele carregava hábitos. Como eles viajavam por meses, acabavam misturando o que traziam da Europa com o que aprendiam com os indígenas e o que criavam junto aos africanos escravizados ou libertos que integravam as tropas.

Agora o professor irá projetar para toda turma uma imagem da formiga saúva, conforme a figura 24, e iniciar uma breve troca de ideias com os alunos a respeito da imagem.



Figura 24: Formiga saúva (içá). In: Dinológico. Disponível em: <http://dinologico.blogspot.com/2017/10/formiga-tanajuraica-o-inseto-que-e-uma.html>. Acesso em: 11 março 2026.

1 - Vocês conhecem esse animal? Algum de vocês já foi caçar formigas saúvas? Alguém já comeu?

Essa primeira rodada de perguntas com certeza irá mexer com a memória afetiva da maioria dos alunos. Provavelmente todos os alunos dirão que já foram caçar formigas na época em que elas saem do formigueiro, pois é uma brincadeira comum na região. E grande parte também irá afirmar já ter comido, ainda que alguns gostem e outros não.

Após feita essa pequena abordagem o professor deve agora mostrar uma imagem da formiga içá preparada em uma farofa e seguir o questionário abaixo provocando os alunos a responderem e pensarem juntos para chegar a respostas que indiquem que foram os indígenas que nos ensinaram a comer essa iguaria:

2 - Quem foram os primeiros habitantes do Brasil a descobrir que a içá e a farinha de mandioca eram fontes de energia? Por que esse conhecimento era vital para eles?

Aqui, o professor pode testar a memória dos alunos, pois na primeira atividade, ao assistir o vídeo “Tropeirismo no Vale do Paraíba”, os alunos já puderam saber que o costume de comer formigas iças veio dos povos indígenas. Se não lembrarem, cabe ao professor reforçar esse conceito. O conhecimento era vital para os indígenas porque a formiga é fonte de proteínas e fácil de ser encontrada nas matas da região.

3 - Os tropeiros passavam meses viajando por trilhas isoladas. Por que a farofa de içá era o "alimento de mochila" ideal para essas longas jornadas?

O professor pode instigar os alunos a pensarem que os tropeiros aderiram ao costume de comer a formiga, não apenas pelo sabor. Pois a içá é rica em proteínas e gorduras, leve para carregar e não estraga no sol. Sendo assim, eram ideais para as longas viagens dos tropeiros.

Após a exibição dessas primeiras imagens e das reflexões sobre a cultura indígena, o professor irá exibir o vídeo “Folia de Reis da Bocaina”, de 1 minuto e 34 segundos, através do link: <https://www.youtube.com/shorts/P-a3dUX5Kjk>.

O vídeo apresenta mais uma manifestação cultural bem comum aos alunos do Vale Histórico Paulista, pois é uma apresentação da Folia de Reis da Bocaina, em Bananal. Após a exibição, o professor trará as seguintes questões à reflexão dos alunos:

1 - No vídeo, observe os instrumentos, roupas e as bandeiras. Esses elementos lembram celebrações de qual continente?

Nessa reflexão, os alunos deverão perceber que há instrumentos de origem europeia, como os instrumentos de corda (violão e cavaco), mas também há instrumentos de percussão que podem remeter ao continente africano. A estética do local, que traz muitos simbolismos à celebração cristã, também é de origem europeia.

2 - A Folia de Reis é uma festa que se desloca de casa em casa. Como isso se assemelha ao estilo de vida dos tropeiros, que nunca estavam parados em um só lugar?

Aqui, o professor deve estimular os alunos a perceber as semelhanças da itinerância da Folia de Reis com a atividade tropeira. Enquanto a Folia vai de casa em casa, o tropeiro ia de pouso em pouso.

3 - A história dos Três Reis Magos tem origem no cristianismo europeu. Por que os tropeiros faziam questão de manter essas tradições religiosas durante suas paradas (pousos)?

Esta questão remete à fé. A fé servia como proteção espiritual nas trilhas perigosas e como um código de conduta moral entre os homens da tropa. Um assunto já abordado também na primeira atividade, na exibição do filme “Tropeirismo no Vale do Paraíba”. Os tropeiros eram muito religiosos, sendo devotos de santos, ou seja, eram mais voltados à fé católica, de origem europeia.

Para finalizar o primeiro momento da aula, o professor irá exibir o último vídeo, agora para abordar o Calango. Para isso, será apresentado um vídeo de uma batalha de rima. O vídeo de 52 segundos, de link <https://www.youtube.com/watch?v=yM3uPEBO61E>, exibe um trecho de uma batalha de rima.

Após a exibição, o professor irá levar às seguintes questões para os alunos:

1 - O vídeo mostra uma batalha de rima atual. O Calango também era um desafio de versos improvisados. Quais semelhanças você nota na postura e na agilidade mental dos participantes?

O professor explica o que é o Calango e como ele era praticado nos pousos de tropeiros. Então provoca os alunos a buscarem semelhanças com a batalha de rima apresentada. Características semelhantes podem ser listadas como a rapidez no raciocínio para dar respostas, o uso de gírias e metáforas, o respeito pelo adversário no duelo e a participação do público com palmas e incentivos.

O professor também deve explicar aos alunos que o Calango, sendo de origem africana, foi influência para o surgimento não apenas das batalhas de rimas e do rap, mas também do samba.

2 - O trabalho de conduzir tropas e cuidar dos animais era braçal e exaustivo, muitas vezes realizado por negros (escravizados ou libertos). Como a música e o improviso ajudavam a lidar com a dureza dessa rotina?

A música nos pousos era uma forma de lazer e descontração, em que todos compartilhavam da diversão. O professor pode lembrar aos alunos que os africanos sempre tiveram a música como forma de resistência. Nos cafezais, por exemplo, música servia para marcar o ritmo do trabalho, aliviar a dor física e manter o espírito elevado diante da escravidão ou do trabalho pesado. Nos pousos de tropeiros não era muito diferente, já que também havia escravizados no meio das tropas.

3 - Por que você acha que o duelo de rimas, seja no Calango ou no Rap, continua sendo tão forte entre os jovens até hoje? O que isso diz sobre a nossa identidade?

Os alunos devem perceber que tanto os trabalhadores negros do passado quanto o jovens de hoje usam a rima para serem ouvidos. Em um mundo que muitas vezes os ignora, a rima é uma forma de expressão que permite que eles sejam ouvidos. O professor deve fazer os alunos entenderem que o duelo mostra que a força não está apenas nos músculos, mas na agilidade mental. É a valorização da inteligência e da criatividade. Além disso, o Calango e o Rap revelam que nossa identidade está profundamente ligada à tradição oral. Ao contrário de culturas que focam apenas no que está escrito em livros, a cultura brasileira herdou da África o poder da fala, do improviso e da comunidade que se reúne para ouvir um desafio.

Para o fechamento desta atividade, os alunos devem refletir sobre como a cultura tropeira foi sendo formada ao longo do tempo com muitas influências, sendo indígenas, africanas e europeias. Para consolidar o entendimento, os alunos construirão um Mapa Mental. Eles devem expressar tudo que foi aprendido na aula e usar a criatividade para construção do mapa mental, cujo tema principal é a diversidade na cultura tropeira e caipira.

O professor irá explicar o que é o mapa conceitual e apresentará o seguinte exemplo para os alunos:



Figura 165: Exemplo de Mapa Conceitual. In: YOSHIMOTO, Elton Mitio et al. 2016.

Na construção do mapa conceitual, os alunos podem e devem utilizar todos os conceitos aprendidos até agora durante todas as atividades. Mas lembrando sempre de destacar a questão da circularidade cultural ou das trocas culturais assimilada nessa aula.

d) Conclusão e avaliação

Ao final da atividade, os alunos deverão ter em mente que o processo de construção da identidade e cultura caipira não foi isolado, construído de forma homogênea, mas sim com a participação de várias culturas que se faziam presentes no Vale Histórico no século XVIII e XIX.

O professor irá avaliar os alunos a partir da construção dos mapas conceituais feitos por cada um, observando os conceitos inseridos no mapa. O professor deverá fazer essa avaliação de modo formativo, guiando e orientando os alunos para atingir o objetivo proposto pela atividade.

ATIVIDADE 6: Patrimônio Cultural

a) Apresentação da atividade:

Nesta atividade, os alunos conhecerão o patrimônio histórico cultural material e imaterial do Vale Histórico Paulista. Para tal, os alunos irão desenvolver uma pesquisa investigativa sobre o patrimônio cultural nas cidades do Vale Histórico e, após isso, fazer uma

apresentação digital dos principais patrimônios e ainda sugerir a inserção de um novo patrimônio para ser tombado, seja material ou imaterial.

Esta atividade terá a duração de 1 aula de 50 minutos.

b) Materiais necessários

- Internet disponível aos alunos para pesquisa.
- Notebook ou Tablet para uso dos alunos.
- TV ou retroprojektor.

c) Desenvolvimento

Para iniciar a aula, o professor apresentará aos alunos os conceitos de patrimônio cultural e também as diferenciações entre o material e o imaterial, com diversos exemplos nacionais. É importante que o professor apresente o conceito do que é tombamento e também o principal órgão federal responsável, que é o IPHAN, além do órgão estadual, o CONDEPHAAT.

Feito isso, é hora de os alunos buscarem informações sobre o patrimônio da região do Vale Histórico. O professor divide a turma em seis grupos, sorteando as cidades que cada grupo ficará incumbido de pesquisar.

Sorteadas as cidades de Bananal, Arapeí, São José do Barreiro, Areias, Silveiras e Queluz, os alunos farão uma pesquisa de quais são os patrimônios tombados na cidade que foram designados a pesquisar e quais foram os órgãos federais e estaduais responsáveis pelo tombamento. Devem também especificar o ano de tombamento e dizer se o patrimônio é material ou imaterial. Para facilitar o trabalho dos alunos, o professor irá distribuir uma tabela, como na tabela 2, em que os alunos possam ir preenchendo conforme forem pesquisando.

PATRIMÔNIO CULTURAL DO VALE HISTÓRICO

Cidade: _____

Patrimônio Tombado	Órgão Responsável	Ano do Tombamento	Material ou Imaterial	Observações

Tabela 2: Patrimônio Cultural do Vale Histórico Paulista.

Na tabela os alunos irão especificar a cidade e os itens solicitados. É bom que tenha um espaço reservado para observações que os alunos queiram incluir.

Após a pesquisa e preenchimento da tabela, os alunos irão preparar uma apresentação digital para que seja exposta para as demais equipes.

Os alunos poderão escolher a plataforma digital ou aplicativo de sua preferência para apresentação do trabalho. Algumas sugestões são o Canva, Google Slides ou Powerpoint. Nessa apresentação deverá estar especificado se o patrimônio é material ou imaterial e os órgãos responsáveis pelo tombamento. Os alunos devem exibir imagens para que toda turma possa ver e conhecer.

Além de apresentarem a pesquisa, os alunos irão propor o tombamento de algum patrimônio material ou imaterial que ainda não foi tombado por nenhum órgão e justificar essa escolha com base nas aulas anteriores.

Cada grupo apresenta seu trabalho expondo os slides na TV ou retroprojektor para os demais estudantes.

d) Conclusão e avaliação

O professor fará o fechamento da aula explicando as relações dos patrimônios da região com o advento do tropeirismo. O objetivo é que além de entenderem o que é patrimônio cultural, saberem distinguir o material do imaterial e conhecerem quais são os principais patrimônios tombados da região, os alunos também deverão refletir sobre como o tropeirismo teve influência direta para a construção de prédios, igrejas e também para manifestações culturais no Vale Histórico Paulista.

A avaliação observará a participação dos alunos na pesquisa e preenchimento da tabela e também a apresentação dos trabalhos.

ATIVIDADE 7: O tropeirismo na minha casa

a) Apresentação da atividade

Esta atividade visa perceber indícios do tropeirismo nos lares dos alunos através de análises de objetos particulares ou coletivos. Nesta atividade, os alunos irão aprender que documentos históricos não são apenas papéis velhos produzidos por grandes instituições ou objetos que pertenceram a reis, rainhas ou “grandes” personalidades. Conforme afirmou Schutz:

Os documentos podem ser de origem popular, não dependente de grandes narrativas, ou documentos oficiais, que permitem a compreensão de uma história popular, em que sua própria família está inserida. Com isso, [...] queremos apontar que não há somente formas diferentes de se utilizar os documentos históricos, mas, que há também maneiras de resgatar as discussões sobre a abrangência do conceito de documento histórico.²²⁶

Segundo os autores, a análise de objetos ou materiais comuns à vida dos estudantes permite que eles tenham uma experiência imersiva no ofício do historiador, e que também possam se enxergar como agentes históricos ativos. Para isso, o uso de documentos pessoais, de família, de pessoas próximas ou até mesmo da comunidade local pode ser um grande aliado nesse processo de dar maior noção de pertencimento do estudante ao objeto de estudo. E, além de documentos escritos e imagens, objetos de uso cotidiano também poderão ser utilizados.²²⁷

Para leitura e interpretação de documentos históricos pelos alunos, é essencial que o professor advirta sobre métodos e apresente um guia de análise aos alunos, que será apresentado no desenvolvimento dessa atividade. Este guia terá como um de seus objetivos a familiarização dos alunos com documentos de vários tipos. Schutz adverte:

O método entre investigador e seu objeto é fundamental. Pois tanto os pesquisadores (alunos e professores) enquanto sujeitos estarão enredados no debate histórico, no contexto e esquema de pesquisa; mesmo o objeto (documento, foto ou entrevistado) também está enredado tanto às condições de sua produção como à sua própria configuração interna.²²⁸

²²⁶SCHÜTZ, Jenerton Arlan; SCHWENGBER, Ivan Luís. *A utilização de documentos históricos em sala de aula*. Revista Mediação (ISSN 1980-556X), v. 12, n. 2, p. 61-71, 2017, p. 64.

²²⁷SCHÜTZ, Jenerton Arlan; SCHWENGBER, Ivan Luís. op. cit. p. 65.

²²⁸SCHÜTZ, Jenerton Arlan; SCHWENGBER, Ivan Luís. op. cit. p. 66.

Isso quer dizer que ninguém interpreta um documento com total neutralidade, mesmo os alunos irão analisar segundo sua história pessoal e contextos em que vivem e o professor deve se atentar a esse detalhe.

No mais, com certeza essa atividade pode surpreender professores e alunos de toda escola com objetivos, documentos, fotografias, cartas, jornais, pinturas, ferramentas, vídeos e quem sabe o que mais estará por vir!

b) Materiais Necessários

- Lousa e caneta
- Retroprojektor
- Objetos que o professor irá selecionar para levar de exemplo aos alunos
- “Ficha de análise do documento” impressa para os alunos

c) Desenvolvimento

Para iniciar a aula o professor irá apresentar aos alunos o conceito de documento histórico e mostrar os mais variados exemplos.

O professor deve levar alguns materiais para a sala de aula e demonstrar como se faz uma pequena investigação sobre eles, para que os alunos compreendam com mais propriedade a atividade.

Este trabalho irá recomendar três documentos que o professor pode utilizar com os exemplos. O professor é livre para usar outros documentos segundo sua preferência e caso não consiga levar o documento fisicamente pode levar uma imagem e projetar para a sala.

O primeiro documento histórico que o professor pode apresentar como exemplo é uma caderneta de armazém. Aquele pequeno caderno antigo onde o dono de uma venda ou armazém anotava o que os moradores compravam para pagar quando saísse o pagamento. Inclusive algumas vendas da região do Vale Histórico Paulista ainda adotam essa caderneta para vender para moradores mais antigos. Portanto, é bem capaz que muitos alunos saibam do que se trata.

O professor irá perguntar aos alunos o que esse objeto pode nos ensinar sobre o passado?

Através deste documento algumas leituras podem ser feitas, como por exemplo, sobre a confiança que existia entre os moradores, que é comum no interior do país. Ao ler a caderneta é possível ver os produtos comprados, que nos traz outras evidências históricas sobre o que as pessoas consumiam na região. O professor pode fazer essa análise de comparação sobre os produtos, identificando quais ainda são comercializados e outros que não são mais vendidos. Outro fator que pode ser comparado com a atualidade é o preço do produto ou até mesmo a moeda usada para compra, pois dependendo da época da caderneta pode ser anterior ao Real.

Portanto, essa caderneta de armazém pode ser um documento histórico que registra uma forma de sobrevivência cotidiana e também formas de relacionamentos sociais nas vilas que cresceram em torno das rotas das tropas. A confiança, a solidariedade caipira e a fidelidade.

Outro documento que o professor pode apresentar como exemplo é uma ferradura antiga. Um objeto de metal usado na montaria ou na proteção dos cascos dos burros, mulas ou cavalos. Mais um artefato que evidencia uma forma de vida dos moradores do Vale Histórico desde o período do tropeirismo e que ainda é bastante comum nos dias atuais.

A observação no desgaste da ferradura pode indicar se ela é muito antiga e se foi utilizada durante muito tempo, percorrendo muitos quilômetros. Este documento pode ser lido como uma espécie de prova física da logística que integrou a região do Vale Histórico Paulista. Ela representa o principal meio de transporte dos homens antes dos automóveis e faz parte da cultura material.

Outro fator que pode ser analisado é o material de que a ferradura é feita, pois um estribo de cobre, por exemplo, pode indicar um tropeiro com mais posses. Se for estribo de ferro, talvez seja um peão de tropa.

Por último, é recomendado o uso de uma fotografia antiga, ainda em preto e branco de alguma família. Nesse documento, ao questionar o que ele pode nos ensinar sobre o passado, várias reflexões podem ser feitas ao analisar a foto.

Primeiramente pode ser analisado o estado de conservação da fotografia, isso pode revelar o zelo da família em guardar um documento afetivo. Os alunos também devem analisar as vestimentas das pessoas na foto. Quais as mudanças nos trajes, se são muito diferentes das roupas atuais. Outro fator é o cenário em volta. Se estão em um interior de casa e se essa casa demonstra luxo ou pobreza.

Agora que os alunos já sabem que há muitos tipos de documentos históricos e já têm ideia de como analisá-los é hora de o professor entregar a ficha de análise do documento aos

alunos. Os alunos deverão levar para casa e escolher algum documento que é de sua família para levar na próxima aula com a ficha de análise preenchida. O professor pode permitir que o aluno leve uma fotografia, caso o documento escolhido por ele não possa ser transportado para a escola. Abaixo, seguem as questões que estarão na ficha de análise do documento:

Identificação:

- a) Nome do objeto ou documento:
- b) Data aproximada de origem ou fabricação do documento:
- c) Material de que é feito (papel, madeira, metal, tecido, plástico):
- d) Uso ou função do material ou objeto escolhido:

A Biografia

- a) Quem foi o primeiro dono deste objeto na tua família?
- b) Como é que este objeto chegou às tuas mãos?
- c) Para que é que ele servia originalmente? Como era usado no dia a dia?

Análise Material

- a) O objeto possui marcas de uso? (Manchas, riscos, dobras, reparações).
- b) O que é que essas marcas nos dizem sobre como ele foi tratado?

O objeto como documento histórico

- a) O que é que este objeto nos ensina sobre a época em que foi criado? (Como as pessoas se comunicavam, se vestiam, cozinham ou como trabalhavam).
- b) Quais as comparações podemos fazer com a atualidade?
- c) Por que razão você acha que a tua família decidiu guardar este objeto em vez de jogar fora?
- d) O que é que ele representa para vocês?

d) Conclusão e avaliação

Nesta atividade os alunos puderam ter o contato entre a teoria e a prática ao ajudarem o professor a analisar os documentos trazidos como exemplos e agora já pensando em trazer os documentos que irão escolher em casa. Esses documentos dos alunos serão trazidos na

próxima aula e utilizados na próxima e última atividade desse roteiro didático: A Feira do Tropeirismo.

O professor pode avaliar a participação e engajamento dos alunos nas análises que ele fomentou para os documentos utilizados como exemplos, mas a avaliação se dará por completa na próxima aula quando os alunos trouxerem o documento ou fotografia do documento escolhido com a ficha de análise de documento preenchida.

ATIVIDADE 8: FEIRA DO TROPEIRISMO

a) Apresentação da atividade

Esta atividade será a culminância de todo trabalho que o professor desenvolveu a respeito do tropeirismo por esse roteiro didático. Isso será feito através de uma feira, onde os trabalhos produzidos pelos alunos serão expostos e os alunos poderão apresentar aos demais colegas de outras séries e turmas, aos demais professores, e até mesmo à toda comunidade escolar, caso o professor opte por realizar um evento aberto às famílias.

A atividade pretende proporcionar aos alunos a oportunidade de aprender socializar os conhecimentos, externando a toda comunidade o que aprendeu sobre a importância do tropeirismo para a região. Essa apresentação também irá contribuir para fortalecimento da identidade regional, mostrando academicamente à comunidade que o tropeirismo ainda vive no cotidiano.

A preparação dessa atividade deve ser feita com muita dedicação, o que poderá requerer um tempo e esforço mais prolongado. Pois o professor deve se articular com a escola e alguns grupos da comunidade para que a atividade ocorra de forma mais satisfatória possível.

A feira será dividida em postos de apresentação, onde o visitante poderá seguir ou não a ordem numérica. Além da apresentação dos trabalhos dos alunos, que foram produzidos nas atividades anteriores, haverá apresentações de grupos locais de Folia de Reis e de música caipira. Portanto o professor deve convidar tais grupos para que se apresentem na escola.

Esta atividade é uma excelente oportunidade também para trabalhar mais uma vez o espírito de equipe dos alunos que estarão empenhados. O professor não precisa cuidar de tudo sozinho, ele pode e deve buscar apoio em todo corpo docente da escola, pois outros professores podem incluir trabalhos nesta feira que se assemelham à temática cultural da região.

b) Materiais necessários

- Mesas e/ou bancadas para exposição dos trabalhos.
- TV ou retroprojetor para exibição dos trabalhos digitais.
- Objetos trazidos pelos alunos.
- Trabalhos realizados ao longo do roteiro didático

c) Desenvolvimento

O professor deverá organizar o espaço em postos para que fique melhor a visitação da comunidade escolar à feira.

O posto 1 será o de “Saberes e Sabores”. Onde será exposta a pesquisa sobre a Içá e demais pratos culinários e, quem sabe, uma degustação de farofas típicas.

O posto 2 será o posto dos Ritmos. Onde os alunos poderão apresentar seus talentos musicais. Uma roda de violeiros, tendo os próprios alunos como protagonistas, se houver alunos que tocam instrumentos. Ou o professor convida um grupo ou violeiro da região para se apresentar na feira. Também pode ser realizada uma batalha de rima ou de Calango entre os alunos, de forma amistosa com o tema tropeirismo.

O terceiro e último posto será o “Memorial do Vale Histórico”, com os documentos: Onde ficam os objetos trazidos de casa com as Fichas de Biografia do Objeto que os alunos preencheram na atividade anterior.

O professor deve criar um cronograma para apresentação de toda feira, inclusive dos grupos convidados e dos próprios alunos, para que toda escola possa participar e aprender mais sobre o tropeirismo e sua herança cultural no Vale Histórico Paulista.

d) Conclusão e avaliação

A conclusão que pode ser tirada é que a feira pode ser o grande fechamento de um ciclo onde o conhecimento acadêmico se transforma em valor social. Para o oitavo ano, essa conclusão precisa ser celebrada como uma conquista coletiva, que é o sucesso da apresentação desta feira.

Quando a comunidade (pais, avós, vizinhos) entra na escola e vê um objeto de sua própria casa exposto com uma legenda histórica, ocorre um resgate da autoestima regional.

Através da cultura material e da imaterialidade das tradições do Vale Histórico Paulista, espera-se que os alunos possam desenvolver o pensamento crítico. A feira demonstrará que a escola é um espaço de produção de cultura, onde o saber científico e as tradições populares dialogam para fortalecer a cidadania local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grandes foram os aprendizados ao longo dessa jornada. Realizar essa pesquisa e desenvolver um produto didático voltado à educação básica foi extremamente relevante para meu crescimento profissional e pessoal. Dentre todos os aprendizados, dois deles foram amplamente aperfeiçoados ao longo do curso do Mestrado Profissional em História. O primeiro é a respeito da atividade docente. O curso das disciplinas em consonância com a pesquisa transformou este professor em um profissional diferente daquele que iniciou a formação. Transformação essa que é perceptível na atuação do dia a dia da escola, seja desde o planejamento das aulas, quanto na ministração das mesmas, passando pela análise do currículo e as reuniões pedagógicas,

O segundo grande aprendizado que pode ser destacado é sobre a pesquisa histórica acadêmica. Pesquisa esta, que quando bem orientada, como foi meu caso, e somada ao olhar de um professor de escola pública do ensino básico tende a contribuir significativamente para a busca de uma educação pública de qualidade, a qual muitos de nós sonhamos. Toda pesquisa foi pensada sempre para atingir da melhor forma os alunos, para que o aprendizado seja algo sólido e levado para toda vida. Portanto, usar a realidade dos alunos no processo de ensino, apesar de parecer algo simples, resultou em uma pesquisa laboriosa, porém muito formativa e prazerosa.

A pesquisa conseguiu alcançar o objetivo que era ligar o ensino de história local ao tropeirismo na região estudada. Além de apresentar as definições do ensino de história local e sua importância para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, a pesquisa foi capaz de apresentar a história do tropeirismo na região e como ele foi significativo para o desenvolvimento das cidades do Vale Histórico Paulista.

A pesquisa apresentou as continuidades e rupturas da cultura tropeira e seus desdobramentos na região e ainda demonstrou como pode ser possível aplicar um ensino de história que reflita sobre essas noções de temporalidades com os alunos.

O grande diferencial deste trabalho para outros apresentados anteriormente sobre o tropeirismo na região do Vale Histórico é a reflexão sobre a diversidade em que a atividade tropeira se desenvolveu e ainda está inserida até hoje. Olhar o tropeirismo e suas ramificações como algo multicultural e os adeptos do tropeirismo como um grupo heterogêneo foi uma tarefa apazível e que considere como extremamente importante para vencer preconceitos, estereótipos e racismo.

Essa análise foi extremamente válida para derrubar estereótipos do homem do campo, do caipira, que foi inferiorizado no Brasil no início do século XIX através de personagens criados e que até hoje ainda deixa marcas, pois os mais jovens sentem vergonha de se apresentarem como caipiras, mesmo participando de manifestações da cultura no cotidiano.

As investigações realizadas no decorrer do trabalho mostraram que o tropeirismo, apesar de presente no cotidiano dos alunos do Vale Histórico, não era objeto de estudo e trabalho na educação básica dos municípios cortados pela Rodovia dos Tropeiros, portanto foi apresentando o roteiro didático “De Pousos em Pousos” para que suprisse essa necessidade.

Todas as atividades formuladas foram pensadas para que pudessem incluir o máximo possível das pesquisas apresentadas neste trabalho. Foram abordados o desenvolvimento das cidades, a evolução do Caminho Novo da Piedade para a Rodovia dos Tropeiros, as mudanças nos meios de transportes de mercadorias. Também foi considerada a rica diversidade cultural que acontecia nos pousos e em meio às tropas viajantes, como a influência indígena, africana e europeia em manifestações culturais que ainda se fazem presentes na região, como o Calango, a Folia de Reis e a culinária local.

As continuações e ampliações deste trabalho podem ser numerosas. Uma delas está na possibilidade de explorar ainda mais a diversidade cultural que compôs o modo de vida tropeiro. Ampliar o campo de pesquisa da multiculturalidade em que o caipira e o tropeiro estão inseridos. Outra possibilidade é direcionar o foco da pesquisa para uma única cidade, podendo assim aprofundar o estudo de um local específico. Isso poderá tornar a investigação e os apontamentos da cultura tropeira ainda mais minuciosos.

Por estar em uma região isolada geograficamente e de difícil acesso aos grandes centros, como citado neste trabalho, muitos moradores ainda carregam pensamentos ultrapassados sobre questões étnicas, raciais e de gênero. Portanto, uma outra possível extensão à esta dissertação seria um trabalho voltado ao enfrentamento direto e incisivo aos preconceitos enraizados no Vale Histórico.

Este trabalho procurou sempre envolver em algumas das atividades do roteiro didático metodologias ativas com o objetivo de que os alunos sejam capazes de produzir o conhecimento com o auxílio do professor. Além disso, procurou fazer uso de documentos históricos para que os alunos possam ter contato com figuras, textos e objetos antigos e possam analisá-los e pensar de forma investigativa e crítica sobre esses documentos.

A realização de algumas atividades por meio de tecnologias digitais reforça o interesse dos alunos e torna a atividade mais lúdica, além de atender às habilidades previstas na BNCC sobre desenvolver nos alunos habilidades de utilizar e criar tecnologias digitais.²²⁹

Ao consultarmos a Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional (LDB) podemos compreender que estar em sala de aula é um compromisso com a formação integral do aluno.²³⁰ Se o estudante tem o direito de receber uma formação acadêmica para dar continuidades aos seus estudos, uma formação para o mercado de trabalho e uma formação integral como cidadão abrangendo “processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.”, essa formação deve perpassar pela contextualização das aulas.

Portanto, formar o aluno como cidadão é entender o seu contexto social e adequar as aulas para o seu cotidiano. Essa pesquisa buscou exatamente isso, através do tropeirismo para alunos do Vale Histórico Paulista.

²²⁹ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 12 março 2026. p. 9.

²³⁰ BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 12 março 2026

REFERÊNCIAS

- ALGATÃO, Filipe Cordeiro. **Os Tropeiros no século XXI e o sentido contemporâneo dessa atividade**: Estudos de caso em duas localidades no Vale do Paraíba e Serra da Mantiqueira. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3663/1/Filipe%20Cordeiro%20de%20Souza%20Algat%20ao.pdf>, acesso em 5 de jan 2025.
- ALVES, Cristiano Calil da Costa. **Racismo estrutural e os reflexos educacionais na cidade de Bananal-SP**. Seropédica, 2023. Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/bitstream/20.500.14407/18389/1/2023%20-%20CRISTIANO%20CALIL%20DA%20COSTA%20ALVES.pdf>, acesso em 6 jan 2026.
- ANDRADE, Robério da Silva. **As cavalgadas como expressões de identidade cultural sertaneja no ensino de História local em Ajustina/BA**; orientador Paulo Heimar Souto. – São Cristóvão. Sergipe, 2025.
- BARROS, Gilberto Leite de. **A Cidade e o Planalto**: processo de dominância da cidade de São Paulo: Editora Martins, 1967.
- BONDIM, Mirian. **A Freguesia de Mangaratiba na independência do Brasil**. Mangaratiba: Sem editora. 2022.
- BOTELHO, Daira Renata Martins. **Festa do Tropeiro em Silveira**: uma abordagem folkcomunicacional. Bauru, 2012.
- BRASIL. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). **Localização: Parque Nacional da Serra da Bocaina**. Brasília. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/mata-atlantica/lista-de-ucs/parna-da-serra-da-bocaina/quem-somos/localizacao>. Acesso em: 26/12/2025.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 12 março 2026
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 12 março 2026.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: história. Brasília. 1998.
- CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. Livraria Duas Cidades. São Paulo, 1971.
- CARLETTI, Silmara Queiroz; MIYAZAWA, Valquiria; FERRO, Rafael Cunha; MORAES, Claudia Maria de; PRINCE, Ana Eneidi. Tematização de restaurantes típicos caipira na região do Vale do Paraíba. **Revista Brasileira de Gastronomia**, v. 2, n. 2, p. 20-36. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://rbg.sc.senac.br/index.php/gastronomia/article/view/62>. Acesso em 25/03/2026.

CARPEGEANI, Cleuza Barbosa de Freitas; FILHO, Cyro de Barros Rezende. **Caminho das Tropas: A importância da preservação histórica e cultural como meio de preservação ambiental no Vale do Paraíba.** *Revista de Ciências Humanas* – Universidade de Taubaté, Vol. 1, N. 1. Taubaté. 2009

CARRILHO, Marcos Jose. **Fazendas de café do caminho novo da piedade.** 1994. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-12092024-120515/pt-br.php>. Acesso em: 20 jan. 2025.

CARVALHO, Carlos Henrique de. A História Local e Regional: Dimensões possíveis para os estudos histórico-educacionais. **Cadernos de História da Educação**, v. 6, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/273/>. Acesso em: 25 mar. 2026.

CASTILHA, Leandro Dalcin. A construção de um sentido de "caipira" no "Jeca Tatu" de Monteiro Lobato. **Espaço Plural**, v. 8, n. 16, p. 71-74, 2007.

CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. *Revista História Hoje*, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 272–292, 2018. DOI: 10.20949/rhhj.v7i13.393. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/393>. Acesso em: 30 jan. 2026.

COSTA, Gilciano Menezes. Os escravos tropeiros em Itaboraí: Uma análise dos relatos do viajante Hermann Burmeister. [Anais] **XVI Encontro regional de História da ANPUH-Rio: saberes e práticas científicas**. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, p. 5, 7 e 8, 2014. disponível em https://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1408321312_ARQUIVO_ESCRAVOS_TROPEIROS.pdf, acesso em 3 de mar. 2026

D'ELBOUX, Roseli Maria Martins. **Manifestações neoclássicas no Vale do Paraíba: Lorena e as palmeiras imperiais**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2008.

DA COSTA VITORINO, Diego; WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. **No embalo do jongo e do calango: Memória social em Bananal/SP**. Araraquara, 2016. Disponível em: <https://uniara.com.br/arquivos/file/eventos/2016/vii-simposio-reforma-agraria-questoes-rurais/sessao4/embalo-jongo-calango.pdf>, acesso em 19 jan 2026.

DE BARROS, Carlos Henrique Farias. Ensino de História, memória e história local. **Criar Educação**, v. 2, n. 2, 2013. p. 2. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/1247>. Acesso em: 25 mar. 2026.

DE OLIVEIRA, Filipe Vieira; ZANIRATO, Silvia Helena. Patrimônio cultural e turismo: uma alternativa para o desenvolvimento local do Vale Histórico Paulista–SP. **Revista Confluências Culturais**, v. 6, n. 2, p. 100-112, 2017. Disponível em: <https://univille.emnuvens.com.br/RCC/article/view/332>. Acesso em: 25 mar. 2026.

DOS SANTOS JUNIOR, Rodolfo Araújo. A imagem do caipira na obra de Monteiro Lobato. **Revista Sociedade e Estado–Volume**, v. 34, n. 2, p. 617, 2019. Disponível em: https://monteirolobato.com/documentos/2023/090423-2019_RodolfoAra%C3%BAjodosSantosJunior.pdf. Acesso em: 27 mar. 2026.

FERNANDES, Daniel Costa. **O calango no Vale do Paraíba**: estudos etnográficos em Duas Barras e Vassouras (RJ). Rio de Janeiro, 2012

FERNANDES, José R. Oriá. Um lugar na escola para a História Local. **Ensino em Re-vista**. Uberlândia. V. 4, n. 1, p. 43-51, jan./dez.1995.

FERREIRA, Durval. No Caminho dos Tropeiros. **Revista Geográfica Universal**. Rio de Janeiro, nº 274, p.84-91, Nov/1997.

FILHO, Fadel David Antonio. Os “caminhos” dos tropeiros e o vale histórico da serra da bocaina (SP): um espaço geográfico “deprimido”. **Revista Geográfica de América Central**, vol. 2, julio-diciembre,.Universidad Nacional Heredia, Costa Rica. 2011

FONTES, Vitória; SANTOS, C. M. M.; HENRIQUE, Viviane Soccio Monteiro. Composição e aplicação da formiga Içá na culinária brasileira. **Anais do 4º Simpósio Brasileiro de Tecnologia**. São José dos Campos, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019

GAGLIARDI, Clarissa M. R. **Turismo no Vale Histórico paulista**: debatendo experiências integradas de ensino, pesquisa e extensão. ECA/USP (Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo), CNPq e CETES: São Paulo. 2021.

GONÇALVES, Rafael. **Feijão Tropeiro com preparos para dominar essa comida típica incrível**. Sabor na Mesa, 2025. Disponível em: <https://www.sabornamesa.com.br/acompanhamento/feijao-tropeiro-simples>. Acesso em 27 de fev. de 2026.

GRUBER, Tayná. CARVALHO, Alessandra Izabel de. Entre Mio-Mios e embiras: homens e animais no caminho das tropas. **Anais da Semana de História da Universidade Estadual de Londrina**, V.2, p. 259-269. Londrina, 2016

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

IBGE. [IBGE.gov.br/cidade-e-estados/SP/silveiras.html](https://ibge.gov.br/cidade-e-estados/SP/silveiras.html), acesso em 15/12/2025

JARDIM, André William da Costa. **Calangos e Calangueiros**: um canto marginal no caminho do ouro. Dissertação de Mestrado - UFJF, Juiz de Fora, 2018.

KALICZ, Joelma; BENATTE, Antônio Paulo. A Mulher na época do Tropeirismo: um olhar sobre Castro-PR. In: **O professor PDE e os desafios da escola pública paraense**. Vol.1. Secretaria de educação Paraná. 2012.

KUNIOCHI, Marcia Naomi; MOLET, Claudia Daiane Garcia. **Uma comunidade quilombola na rota dos tropeiros**. Repositório furg: Rio Grande, 2009. Disponível em: <https://repositorio.furg.br:4000/bitstreams/18245d18-1fe8-46e6-b617-8fd032723fd1/download>. Acesso em: 12 nov. 2025.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LIMA, Marcela Telles Elian de Lima. Moderna canção caipira e cultura política conservadora. In: **Anais do Encontro Regional de História: História e Liberdade (Anpuh-Sp)**, XX, Franca, 2010. Disponível em: <http://legacy.anpuh.org/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Marcela%20Telles%20Elian%20de%20Lima.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2025.

LISBOA, K. M. O Brasil dos naturalistas Spix e Martius. **Acervo**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 179–194, 2011. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/108>. Acesso em: 27 mar. 2026.

LOURENÇO, Aliny Cristina. **A Folia de Reis em São José do Barreiro: Recurso Cultural Brasileiro**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2014.

LUZ, Rogério Ribeiro da. **5 Cidades Paulistas: uma pequena viagem**. São Paulo: KMK, 2002.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von; SPIX, Johann Baptist von. **Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. 3 volumes. Brasília: Senado Federal. 2017. p. 152. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/573991>. Acesso em: 01/04/2025

MENDES, Natália Corrêa Araújo. **Tropeirada, do econômico ao cultural: identidade, patrimônio e produtos culturais**. Dissertação de Mestrado. Vila Real, 2019.

MENEZES, Benildo Machado de. **Moda de viola: a autêntica música caipira**. 2002. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/20021>. Acesso em: 26 mar. 2026.

MISATO, Marcelo Takashi. **Desafios da compatibilidade entre o desenvolvimento em áreas deprimidas e a proteção da natureza: uma análise dos municípios do Vale Histórico**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2022.

NOVAES, Adriano. **Os caminhos antigos no território fluminense**. Projeto de Inventário de Bens Culturais Imóveis, Desenvolvimento Territorial dos Caminhos Singulares do Estado do Rio de Janeiro - Caminhos do Ouro, SEBRAE, UNESCO, INEPAC. 2003/2004. Disponível em http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2008/03/textos_autorais_sem_correcao.pdf. Acesso em: 21 jan. 2026.

PAIVA, Rafela Molina de. **Pelos Caminhos de Oblivion: Representação e Resistência da Cultura Caipira e o Ensino de História**. Guarulhos, SP: Dissertação de Mestrado profissional em História – Universidade Federal de São Paulo, 2019.

PERRONI, Maria Salete. **Construções históricas no Vale do Paraíba Paulista: caracterização de materiais de alvenaria usados nas edificações com terra**. São Paulo: EACH, USP, 2015.

PIMENTA, João Paulo; ATTI, César Augusto; CASTRO, Sheila Virgínia; DIMAMBRO, Nadiesta; LANNA, Beatriz Duarte; PUPO, Mariana; VIEIRA, Luís Otávio. A Independência

e uma cultura de história no Brasil. **Almanack**, n. 8, p. 5-36, 2014.

REIS, Paulo Pereira dos. **O Caminho Novo da Piedade no Nordeste da Capitania de S. Paulo**. São Paulo. Conselho Estadual de Cultura. 1971

RIBEIRO, Luana Manzione. **A festa e o movimento tropeirista em Silveiras: a cidade esquecida, a cidade lembrada**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.

RODRIGUES, Píndaro de Carvalho. **O Caminho Novo: Povoadores do Bananal**. Coleção Paulística, V. XVIII. São Paulo: Governo do Estado, 1980.

RURAL, João. Os caminhos dos sabores. **Revista Textos do Brasil**, edição nº13 - Sabores do Brasil. Ministério das Relações Exteriores, p. 72-77. Brasil: Departamento Cultural, 2008

SCHÜTZ, Jenerton Arlan; SCHWENGBER, Ivan Luís. A utilização de documentos históricos em sala de aula. **Revista Mediação** (ISSN 1980-556X), v. 12, n. 2, p. 61-71, 2017.

SENA, L. de S., Pinheiro, A. P., Sousa, A. de, & Serra, I. M. R. de S. O uso da nuvem de palavras como estratégia de inclusão e inovação pedagógica. **Video Journal of Social and Human Research**, 1(2), 70-84. Disponível em: <https://doi.org/10.18817/vjshr.v1i2.27>. Acesso em: 16 dez. 2026.

SILVA, Adriana Fraga da. "Meu avô era tropeiro!": identidade, patrimônio e materialidades na construção da terra do tropeirismo-Bom Jesus (RS). Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências humanas, PUCRS. Porto Alegre, 2009.

SOUZA, Felipe. **Cavalo mutilado em SP: Entidade emite nota de repúdio e notifica MP**. CNN BRASIL. São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/sp/cavalo-mutilado-em-sp-entidade-emite-nota-de-repudio-e-notifica-mp/>, acesso em 18 jan. de 2026.

TOLEDO, Francisco Sodero. **Estrada real: Caminho Novo da Piedade**. Campinas: Editora Alínea, 2009

VELHO, Gilberto e CASTRO, Eduardo Viveiros de Castro. **O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas: uma perspectiva antropológica**. Artefato, Jornal de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, 1:4-9.

ZADRA, Fernanda. **Agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos no Brasil**. G1, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/agro-riqueza-campos-gerais/noticia/2024/01/12/agricultura-familiar-produz-70percent-dos-alimentos-consumidos-no-brasil-e-melhora-qualidade-da-comida-servida-em-escolas-de-castro-conheca.ghtml>. Acesso em 11 mar. 2026.

ZANIRATO, Silvia Helena. Ameaças ao Patrimônio Cultural num cenário de mudanças climáticas globais. A experiência no Vale Histórico Paulista. 2021. **Revista Habitus** - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, v. 19, n. 1, p. 27.